

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

PERISPÍRITO

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRES)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Junho de 2008

ÍNDICE

A GENESE.....	01
A CAMINHO DA LUZ.....	02
A ALMA É IMORTAL.....	02
A CRISE DA MORTE.....	11
A LOUCURA SOB NOVO PRISMA.....	11
A REENCARNAÇÃO.....	13
AÇÃO E REAÇÃO.....	19
AUTO DESOBSESSÃO.....	21
A GENESE.....	22
CATECISMO ESPÍRITA.....	25
CRISTIANISMO E ESPIRITISMO	26
CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO.....	29
DE FRANCISCO DE ASSIS PARA VOCÊ.....	33
DEPOIS DA MORTE.....	34
DEVASSANDO O INVISÍVEL.....	37
DIÁLOGO COM AS SOMBRAS.....	39
DRAMAS DA OBSESSÃO.....	42
EMMANUEL.....	43
ENTRE A TERRA E O CÉU.....	45
ESTELA.....	49
ESTUDANDO A MEDIUNIDADE.....	49
ESTUDOS ESPÍRITAS.....	49
EVOLUÇÃO ANÍMICA.....	52
EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS.....	74
LIBERTAÇÃO.....	91
MAGNETISMO ESPIRITUAL.....	95
MEDIUNIDADE.....	97
ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA.....	TODA A OBRA

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução

.....Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda a idéia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para este ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo o princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é o que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem a sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O Livro dos Espíritos só teve considerado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais; cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as idéias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.

Aliás, os leitores assíduos da Revue não tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços a maioria das idéias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A Revue, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina.

A CAMINHO DA LUZ

Emmanuel

II A VIDA ORGANIZADA

A grande transição

Os antropóides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas. Extraordinárias experiências foram realizados pelos mensageiros do invisível. As pesquisas recentes da Ciência sobre o tipo de Neanderthal, reconhecendo nele uma espécie de homem bestializado, e outras descobertas interessantes da Paleontologia, quanto ao homem fóssil, são um atestado dos experimentos biológicos a que procederam os preparos de Jesus, até fixarem no “primata” os característicos aproximados do homem futuro.

Os séculos correram o sei velário de experiências penosas sobre a fronte dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações.

Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir.

Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.

Como poderia operar-se semelhante transição? perguntará o vosso critério científico.

Muito naturalmente.

Também as crianças têm os defeitos da infância corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que, na maioridade, elas se lembrem disso.

A ALMA É IMORTAL

Gabriel Delanne

CAPÍTULO III

TESTEMUNHOS DOS MÉDIUNS E DOS ESPÍRITOS A FAVOR DA EXISTÊNCIA DO PERISPÍRITO

Verificamos que alguns sonâmbulos, mergulhados em sono magnético, podem ver os Espíritos e descrevê-los fielmente. Mas, essa faculdade possuem-na também pessoas não adormecidas, às quais foi dado o nome de médiuns videntes.

Para bem compreendermos o que então se passa, precisamos não esquecer que, na vida ordinária, quem vê não é o olho, como quem escuta não é o ouvido. O olho não passa de instrumento destinado a receber as imagens trazidas pela luz; a isso se limita o seu papel. Por si mesmo, ele é incapaz de fazer que distingamos os objetos. Fácil prová-lo. Se o nervo óptico for cortado ou paralisado, o mundo exterior não deixa, por isso, de se desenhar na retina; o indivíduo, porém, não o vê; tornou-se cego, se bem se lhe conserve intacto o órgão visual. A vista é, pois, uma faculdade do espírito; pode exercer-se sem o concurso do corpo, tanto que os

sonâmbulos naturais ou artificiais vêem a distância, com os olhos fechados⁶³. Quando esses fenômenos se produzem, é que se tem ensejo de comprovar a existência de um sentido novo, que se pode designar pelo nome de *sentido espiritual*.

A vista espiritual ou dupla vista

[...] O envoltório da alma fez objeto de perseverantes estudos da parte de Allan Kardec. Ele próprio confessa que, antes de conhecer o Espiritismo, não tinha idéias especiais sobre tal assunto. Foram seus colóquios com os Espíritos que lhe deram a conhecer o corpo fluídico e lhe proporcionaram compreender o papel e utilidade desse corpo. Concitamos os que queiram conhecer a gênese dessa descoberta a ler a *Revue Spirite*, de 1858 a 1869. Verão como, pouco a pouco, se foram reunindo os ensinamentos a respeito, de maneira a constituir-se uma teoria racional que explica todos os fatos, com impecável lógica.

Não podendo estender-nos demasiado sobre este ponto, limitar-nos-emos a citar uma evocação, que poderá servir de modelo a todos os investigadores que desejem verificar por si mesmos estes ensinamentos.

Evocação do Doutor Glas⁶⁷

As perguntas eram feitas por Allan Kardec, sendo dadas pelo médium escrevente as respostas.

“P. - Fazes alguma distinção entre o teu espírito e o teu perispírito? Que diferença estabeleces entre essas duas coisas?

R. - Penso, pois que sou e tenho uma alma, como disse um filósofo. A tal respeito, nada mais sei do que ele. Quanto ao perispírito, é, como sabes, uma forma fluídica e natural. Procurar, porém, a alma é querer achar o absoluto espiritual.

P. - Crês que a faculdade de pensar reside no perispírito? Numa palavra;;; que alma e perispírito são uma e mesma coisa?

R. - é exatamente como se me perguntasses se o pensamento reside no nosso corpo. Um é visto, o outro se sente e concebe.

P. - Não és, então, um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito?

R. - Limitado, sim, porém, rápido como o pensamento.

P. - Peço determines o lugar onde aqui te achas.

R. - À tua esquerda e à direita do médium.

Nota - Allan Kardec se coloca exatamente no lugar indicado pelo Espírito.

P. - Foste obrigado a deixar o teu lugar para mo ceder?

R. - Absolutamente. Nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós; é o corpo espiritual.

P. - Estou, portanto, colocado em ti?

R. - Sim.

P. - Mas, como é que não te sinto?

R. - Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, não suficientemente materiais para vós outros. Todavia, pela prece, pela vontade, numa palavra, pela fé, podem os fluidos tornar-se mais ponderáveis, mais materiais e sensíveis ao tato, que é o que se dá nas manifestações físicas.

⁶³ Consultem-se, a este respeito: o relatório do Dr. Husson, de 28 de junho de 1831, à Academia de Ciências. - **Deleuze**, “Memória sobre a clarividência dos sonâmbulos”. - **Rostan**, artigo “Magnetismo do Dicionário das ciências médicas”. - **Lafontaine**, “A arte de magnetizar”. - **Charpignon**, “Fisiologia Medicina e Metafísica do Magnetismo”. - Os casos citados nos “Proceedings” da “Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas”. - **Gabriel Delanne**, “O espiritismo perante a ciência”, cap. III. - Vejam-se igualmente: “As aparições materializadas dos vivos e dos mortos”, t. I e II.

⁶⁷ “Revue Spirite”, ano de 1861, págs. 148 e seguintes.

Nota - Suponhamos um raio de luz penetrando num lugar escuro. Podemos atravessá-lo, mergulhar nele, sem lhe alternarmos a forma, nem a natureza. Embora esse raio luminoso seja uma espécie de matéria, tão rarificada se acha esta, que nenhum obstáculo opõe à passagem da matéria mais compacta.”

Evidentemente, a melhor maneira de chegar-se a saber se os Espíritos têm um corpo consistia em perguntar-lho. Ora, nunca, desde que se fazem evocações, alguém comprovou que os desencarnados hajam dado uma resposta negativa. Todos afirmam que o envoltório perispirítico é, para eles, tão real, quanto o nosso corpo físico o é para nós. Tem-se, pois, aí um ponto firmado pelo testemunho unânime de todos os que não sãdo interrogados, o que explica e confirma as visões dos sonâmbulos e dos médiuns. Chegamos assim a uma ordem de testemunhos que fazem ressaltar das concepções puramente filosóficas o perispirito, atribuindo-lhe existência positiva.

CAPÍTULO V

O CORPO FLUÍDICO DEPOIS DA MORTE

O perispirito descrito em 1804

Sob o título: *Aparição real de minha mulher depois de morta* - Chemnitz, 1804 - , o Dr. Woetzel publicou um livro que causou grande sensação nos primeiros anos do século dezanove. Em muitos escritos foi ele atacado. Wieland, sobretudo, o meteu a ridículo na *enthauesia*.¹⁰⁴

Woetzel pedira à sua mulher, quando enferma, que, se viesse a morrer, lhe aparecesse. Ela prometeu; porém, mais tarde, a pedido seu, o doutor a desobrigou o prometido. Todavia, algumas semanas depois de ter ela morrido, sentiu ele no quarto, que se achava fechado, uma forte rajada de vento, que quase lhe apagou a luz e abriu uma janelazinha do aposento. À branda claridade reinante Woetzel viu a forma de sua esposa, que lhe disse com voz meiga: “Carlos, sou imortal; um dia tornaremos a ver-nos.” A aparição e essas palavras se repetiram segunda vez, mostrando-se vestida de branco a morta e com o aspecto que tinha antes de morrer. Um cão, que d primeira vez não dera sinal de perceber coisa alguma, da segunda se pôs a farejar e a descrever um círculo, como se o fizesse em torno de alguma pessoa sua conhecida.

Noutra obra sobre o mesmo assunto (Leipzig, 1805), o autor fala de solicitações que lhe foram feitas no sentido de desmentir toda aquela história - “porque, do contrário, muitos sábios seriam forçados a repudiar o que, até então, tinham tido como opiniões verdadeiras e justas e a superstição encontraria naquilo farto alimento”. Ele, porém, já pedira ao conselho da Universidade de Leipzig que lhe permitisse formular sobre o caso um juramento judiciário. O Dr. Woetzel desenvolveu assim a sua teoria: “Depois da morte, a alma ficaria envolta num corpo etéreo, luminoso, por meio do qual poderia tornar-se visível, podendo também pôr outras vestes em cima desse invólucro luminoso. A aparição não atuara, com relação a ele, sobre o seu sentido interior, mas, unicamente, sobre o seu sentido exterior.

Temos, nesta observação, uma prova da objetividade da aparição, pela haver visto e reconhecido o cão. Indubitavelmente, uma imagem subjetiva, isto é, existente no cérebro do sábio, não houvera podido exercer aquela influência sobre um animal doméstico.

SEGUNDA PARTE

A EXPERIÊNCIA

¹⁰⁴ Extraída da obra alemã: “Os fenômenos místicos da vida humana”, por Maximilien Perty, professor da Universidade de Berna. Heidelberg, 1861.

CAPÍTULO I

Fotografias de duplos

Os fatos que até aqui temos relatado firmam a realidade dos fantasmas de vivos, isto é, a possibilidade, em certos casos, do desdobramento do ser humano. Tais aparições reproduzem, com todas as minúcias, o corpo físico e também às vezes manifestam a sua realidade por meio de deslocamentos de objetos materiais e por meio da palavra. Já expendemos as razões por que a hipótese da alucinação telepática nem sempre é admissível e, se essas razões não convenceram a todos os leitores, esperamos que os fatos que seguem bastarão para mostrar, com verdadeiro rigor científico, que, na realidade, a alma é a causa eficiente de todos esses fenômenos.

As objeções todas caem por si mesmas, diante da fotografia do espírito fora do seu corpo. Neste caso, nenhuma ilusão mais é possível; a chapa fotográfica é testemunho irrefutável da realidade do fenômeno e será precisa uma prevenção muito enraizada para negar a existência do perispírito. Vamos citar diversos exemplos que tomamos ao Sr. Aksakof.¹¹⁹

O Sr. Humber, espiritualista muito conhecido, fotografou um jovem médium, Sr. Herrod, a dormir numa cadeira, em estado de transe, e no retrato via-se, por detrás do médium, *a sua própria imagem astral*, isto é, do seu perispírito, em pé, quase de perfil e com a cabeça um pouco inclinada para o paciente.

Outro caso de fotografia de um duplo atesta-o o juiz Carter, em carta de 31 de julho de 1875 à *Banner of Light*, transcrita em *Human Nature* de 1875, págs. 424 e 425.

Finalmente, o Sr. Glandinning, no *Spiritualist*, n.º 234 (Londres, 15 de fevereiro de 1877, pág. 76), assinala terceiro caso de fotografia de duplo, o de um médium em lugar que este ocupara alguns minutos antes.

Veremos que o pensamento é uma força criadora e que, assim sendo, se poderia imaginar que tais fotografias resultam de um pensamento que o agente exteriorizou. A seguinte experiência, porém, estabelece que semelhante hipótese carece de base, pois que o duplo não é simples imagem, mas um ser que atua sobre a matéria.

O caso do Sr. Stead

O *Borderland*, de abril de 1876, pág. 175, traz um artigo de W. T. Stead sobre uma fotografia do Espírito de um vivo. Eis o resumo do relato ali:

A Sr.^a A... é dotada da faculdade de se desdobrar e de apresentar-se a grande distância, com todos os atributos de sua personalidade. O Sr. Z... lhe propôs fotografar-lhe o duplo e combinou que ela se fecharia no seu quarto, entre 10 e 11 horas, e que se esforçaria por aparecer em casa dele, no seu gabinete de trabalho.

A tentativa abortou, ou, pelo menos, se o Sr. Z... sentiu a influência da Sr.^a A..., não se serviu de seu aparelho fotográfico, temendo nada obter. A Sr.^a A... concordou em repetir a experiência no dia seguinte e, como se achasse indisposta, deitou-se e dormiu. O Sr. Z... viu o duplo entrar-lhe no gabinete à hora aprazada e pediu licença para fotografá-lo, depois de lhe cortar uma mecha de cabelos para tornar-lhe indubitável a presença real. Batida a chapa e cortada a mecha, ele se meteu na câmara escura, para proceder à revelação do negativo.

Ainda não havia um minuto que para ali entrara, quando ouviu forte estalido, que o fez sair e verificar o que acontecera. Ao entrar no gabinete, encontrou sua mulher, que subira à pressa, por também haver escutado o estalido. O duplo desaparecera; mas, o quadro que servira de fundo durante a exposição da chapa fora arrancado do suporte, quebrado ao meio e atirado ao chão. A Sr.^a A..., que a esse tempo se achava deitada em sua cama, não tinha, ao despertar, a menor idéia do que se passara.

A fotografia do seu duplo existe e o Sr. Stead possui o negativo. A lembrança do que sucedera durante o desprendimento apagou-se com a volta da paciente ao estado normal. [...]

Conclusão

Parece-nos, conseqüentemente, firmado pela observação e pela experiência, que:

1. O ser humano pode desdobrar-se em duas partes: o corpo e a alma;

¹¹⁹ Aksakof - “Animismo e Espiritismo”, pág. 78.

2. A alma, separada do corpo, lhe reproduz exatamente a imagem;
3. As manifestações anímicas independem do corpo físico; durante o desprendimento, quando a alma está totalmente exteriorizada, o corpo nada mais é do que uma massa inerte;
4. A aparição pode denotar todos os graus de materialidade< desde a de uma simples aparência ate a de uma realidade concreta< que lhe permite andar, falar e atuar sobre a matéria bruta;
5. A forma fluídica da alma pode ser fotografada;
6. A forma fluídica da alma, durante a vida, ou depois da morte, pode deixar marcas ou moldes;
7. Durante a vida, pode a alma perceber sensações, sem o concurso dos órgãos dos sentidos;
8. A forma fluídica reproduz não só o exterior, mas também toda a constituição interna do ser;
9. A morte não destrói a alma; esta subsiste com todas as suas faculdades psíquicas e com um organismo físico, visível e imponderável, dotado, em estado latente, de todas as leis biológicas do ser humano.

As conseqüências

Que se deve concluir de todos esses fatos? Em primeiro lugar, somos forçados a admitir que o corpo e a alma são duas entidades absolutamente distintas, que se podem separar, cada uma delas com caracteres inequívocos de substancialidade. Também devemos notar que o organismo físico não passa de um envoltório que se torna sensível, logo que o princípio pensante se separa dele. A parte sensível, inteligente do homem reside no duplo e se mostra como causa da vida psíquica. Desde então, será lógico que, para explicar os fenômenos espíritas, se imaginem outros fatores, com exclusão da alma humana?

Evidentemente não e todas as teorias que recorrem à intervenção de seres extraordinários, como demônios, elementais, elementares, ogros, idéias coletivas, não suportam o exame dos fatos, nem explicam os fenômenos observados. No caso em que o Espírito de um vivo se manifesta de qualquer maneira, possível se nos torna remontar do efeito à causa e descobrir a razão eficiente do fenômeno é a psique humana, em ação temporária fora dos limites do seu organismo.

Sabemos que ela haure do corpo material a força de que necessita para suas manifestações. Abandone definitivamente o seu corpo material, e essa alma será obrigada a recorrer a um médium, para dele tomar aquela energia indispensável. Assim, claramente se explicam todas as manifestações. Há nesses fatos, que se desenrolam em séries paralelas, não só evidente parentesco, mas uma semelhança tão grande, que chega à identidade. Logo, em boa lógica, a causa é necessariamente a mesma: em todos os casos, a alma.

Essa continuidade foi tão bem sentida, que alguns incrédulos, como Hartmann, tentaram explicar todos os fatos espíritas pela ação incorpórea e inconsciente do médium. Mas, os fenômenos, em grandíssimo número, responde vitoriosamente a essa inexata asserção. Os Espíritos, por provas irrecusáveis, revelaram-se dotados de uma personalidade inteiramente autônoma e independente por completo das dos assistentes. Demonstraram de modo peremptório a sobrevivência de que gozavam, por uma quantidade prodigiosa de comunicações fora, em absoluto, dos conhecimentos de todos os experimentadores¹⁶⁹. Firmaram sua identidade, por meio de assinaturas autênticas; pela narração de fatos que só eles podiam conhecer; por predições que minuciosamente se cumpriram. Numa palavra: provaram cientificamente a imortalidade.

Foi certamente a mais importante e a mais fecunda descoberta do século XIX. Chegar a conhecimentos positivos sobre o amanhã da morte é revolucionar a humanidade inteira, dando à moral uma base científica e uma sanção natural, à revelia de todo e qualquer *credo* dogmático e arbitrário.

Sem dúvida, mesmo quando essas consoladoras certezas hajam penetrado as massas humana, a humanidade não se achará só por isso bruscamente mudada, nem se tornará melhor subitamente; disporá, todavia, da mais forte alavanca que possa existir para derrubar o montão de erros acumulados desde há seis mil anos. Seus instrutores poderão falar com autoridade dos deveres que correm a todo aquele que vem a este mundo. Exporão aos olhos dos mais recalcitrantes os destinos que os aguardam, e a vida futura, na qual a maioria já não crê, se tornará tão evidente quanto a claridade do Sol. Compreender-se-á então que a morada terrestre não é mais que um degrau nos destinos do homem; que alguma coisa de mais útil há do que a satisfação dos apetites materiais e que cada um terá que conseguir, a todo custo, refrear suas paixões e domar seus vícios. Esses os benefícios indubitáveis que o Espiritismo traz consigo.

¹⁶⁹ **Aksakof** - “Animismo e Espiritismo”, 3ª parte. Vejam-se as provas, de todos os gêneros existentes acerca das manifestações. Consultem-se também as nossas obras: “O Fenômeno Espírita” e “As pesquisas sobre a mediunidade”.

Bendita e emancipadora doutrina! Que as tuas irradiações se estendam rapidamente por toda a Terra, a fim de levarem a certeza aos que duvidam, de abrandarem as dores dos corações dilacerados pela partida de seres amados com ternura e de darem aos que lutam com as asperezas da vida a coragem de superar as duras necessidades deste mundo tão bárbaro.

Terceira parte

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

Capítulo I

ESTUDO DO ESPÍRITO

SUMÁRIO: De que é formado o perispírito? - Obrigação que tem a ciência de se pronunciar a respeito. - Princípios gerais. - O ensino dos Espíritos. - O que é preciso se estude.

De que é formado esse perispírito, cuja existência, assim durante a vida, como durante a morte, se acha demonstrada? Qual a substância constituinte desse envoltório permanente da alma? Tal a primeira questão que tentaremos resolver.

Nenhuma das narrativas, nenhuma das experiências acima referidas nos instruíram sobre esse ponto importante. Não tendo sido possível submeter esse corpo abmaterial aos reativos ordinários, forçosos e, ainda agora, que nos atenhamos à observação e ao que os Espíritos hão dito a tal respeito. Aliás, dificilmente poderíamos encontrar melhores instrutores do que aqueles mesmos que produzem as aparições. Não esqueçamos que eles põem em jogo leis que ainda teremos de descobrir, pois mostraram que uma matéria invisível aos olhares humanos pode impressionar uma chapa fotográfica, mesmo na mais absoluta obscuridade¹⁷⁰. Os fenômenos de trazimento constituem outra prova da ação dos Espíritos sobre a matéria, ação que se opera por processos de que nem sequer suspeitamos. E que dizer dessas materializações que engendram, por alguns instantes, um ser tangível, tão vivo quanto os assistentes, senão que a ciência humana é de todo impotente para explicar tais manifestações de uma biologia extraterrena?

Até mais amplos esclarecimentos, contentar-nos-emos com os que nos queiram ministrar as individualidades do espaço e tentaremos demonstrar que eles nada têm de contrário às leis conhecidas, não tomadas em sua acepção acanhada, mas consideradas em sua filosofia. Nestes estudos, não se deve pedir uma demonstração em regra, que seria impossível produzir-se. Desde que, porém, por meio de analogias tiradas das leis naturais, possamos formar idéia bastante clara da causa dos fenômenos e do modo provável por que se operam, sensível progresso teremos realizado na senda da investigação, banindo das nossas concepções a idéia de sobrenatural.

O conhecimento do perispírito tem grande importância para a explicação das anomalias que os pacientes sonambúlicos apresentam, nos casos, bem comprovados, de visão a distância, de telepatia, de transmissão de pensamentos e de perda da lembrança de tudo ao despertar. Do mesmo modo, os fenômenos de personalidades múltiplas, os casos de bicorporeidade e as aparições tangíveis, de que temos falado, podem ser muito bem compreendidos, desde que se admita a nossa teoria, ao passo que se conservam inteiramente inexplicáveis por meio do ensino materialista.

Em presença de tais fatos, os sábios oficiais guardam prudente mutismo. Se, pelo maior dos acasos, falam dessas experiências, é para as declarar apócrifas, indignas de prender a atenção de homens inteligentes e, então, as assinalam como sendo últimos vestígios atávicos das superstições dos nossos antepassados.

Importa, porém, que, de uma vez por todas, nos entendamos a esse respeito. Não ignoramos que não se pode absolutamente discutir com quem esteja de “parti pris” e que o Espiritismo, hoje, se acha mais ou menos

¹⁷⁰ Aksakof fotografou um Espírito em completa obscuridade. Veja-se “O Fenômeno Espírita”, edição da FEB, cap. IV, Parte Segunda. O Dr. Baraduc, em seu livro: “A alma humana, seus movimentos, suas luzes”, pôs fora de dúvidas esse fato, fazendo o gráfico dos fluidos que emanam do organismo humano. Vejam-se também, na “Revue Scientifique et Morale du Spiritisme”, as experiências do comandante Darget, ano de 1897, e as nossas, julho de 1898.

na mesma situação em que se encontrava o magnetismo há uma vintena de anos. A história aí está a nos mostrar a obstinação estúpida dos que se petrificaram nas suas idéias preconcebidas.

Sabemos o que pensar da penetração de espírito dos sucessores daqueles que acreditavam que as pedras talhadas eram produzidas pelo trovão; que negaram a eletricidade, zombando de Galvani; que vituperaram e perseguiram Mesmer; que qualificaram de loucura o telefone e o fonógrafo, como, aliás, todas as descobertas novas. Por isso mesmo, sem dar atenção ao banimento mais ou menos sincero a que eles condenam o fenômeno espírita, corajosamente exporemos a nossa maneira de ver, apoiando-a em fatos positivos e bem estudados.

A despeito de todas as negações possíveis, o fenômeno espírita é uma verdade tão bem comprovada hoje, que não há fatos científicos mais bem firmados do que eles, entre os que não são de observação cotidiana, tais como: a queda dos aerólitos, as auroras boreais, as tempestades magnéticas, a raiva, etc.

A ciência está nesse dilema: ou os espíritas são charlatães e é falso tudo o que eles proclamam e, nesse caso, ela os deve desmascarar, pois que lhe incumbe a instrução do povo; ou os fatos que os espíritas têm observado são reais, porém mal referidos e, portanto, errôneas as conclusões que eles daí deduzem, caso em que a ciência se acha obrigada a lhes retificar os erros. Assim, qualquer que seja a eventualidade que se considere, vê-se que o silêncio ou o descaso nenhum cabimento têm. Essa a razão por que sinceramente chamamos a atenção dos homens de boa-fé para as nossas teorias que, embora ainda muito incompletas, explicam com lógica os diferentes fenômenos de que acima falamos.

Eis, sucintamente, os princípios gerais sobre que nos apoiaremos. São os de Allan Kardec, que magistralmente resumiu em sua obra todos os ensinamentos dos Espíritos que o assistiram.¹⁷¹

Princípios gerais

Reconhecemos a existência de uma causa eficiente e diretora do universo: a sublimada inteligência que, pela sua vontade onipotente, imutável, infinita, eterna, mantém a harmonia do Cosmos. A alma, a força e a matéria são igualmente eternas, não podem aniquilar-se.

A Ciência admite a conservação da matéria e da energia¹⁷², prova rigorosamente que são indestrutíveis, mas indefinidamente transformáveis. Do mesmo modo, o Espiritismo dá a certeza da imortalidade do seu pensante.

O princípio espiritual é a causa de todos os fenômenos intelectuais que se dão nos seres vivos. No homem, esse princípio se torna a alma, que se revela à observação como absolutamente distinta da matéria, não só porque as faculdades que a determinam (tais como a sensação, o pensamento ou a vontade) não se podem conceber revestidas de propriedades físicas, mas, sobretudo, por ser ela uma *causa de movimento* e por se conhecer *plenamente* a si mesma, o que a diferencia de todos os outros seres vivos e, com mais forte razão, dos corpos brutos.

É-nos desconhecida a natureza da alma. Tentar defini-la, dizendo que é imaterial, nada significa, a menos que com essa palavra se queira precisar a diferença que há entre a sua constituição e a da matéria. Qualquer, porém, que seja o seu modo de existir, ela se mostra simples e idêntica. Aliás, a nossa ignorância acerca da natureza da alma é da mesma ordem e tão absoluta, quanto acerca da natureza da matéria ou da natureza da energia. Até agora, somos de todo impotentes para penetrar as causas primárias e temos que nos contentar com o definir a alma, a matéria e a energia pelas suas manifestações, sem pretendermos indagar se, de qualquer maneira, procedem umas das outras.

Certamente a alma não é a resultante das funções cerebrais, pois que subsiste após a morte do corpo. Da análise de suas faculdades ressalta que ela é simples, isto é, indivisível e a experiência espírita confirma essa verdade, mostrando que a sua personalidade se mantém integral depois da morte. O Espiritismo, com o apoiar-se exclusivamente nos fatos, reduz a nada todas as teorias segundo as quais a alma sofre uma desagregação qualquer. O que, ao contrário, se verifica é a indestrutibilidade do princípio pensante.

¹⁷¹ Allan Kardec - “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno”, “A Gênese”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Estas obras contêm todos os estudos relativos à alma e ao seu futuro.

¹⁷² A descoberta da radioatividade dos corpos parece demonstrar que a matéria se destrói e retorna à energia que a engendrara. Entretanto, não há contradição, porquanto, sendo eterna a energia, se a matéria é um modo dessa energia, nada mais faz do que mudar de forma, sem se aniquilar.

Suas faculdades a alma as desenvolve por uma evolução incessante que tem por teatro, alternativamente, o espaço e o mundo terrestre. Em cada uma dessas suas passagens, adquire ela nova soma de conhecimentos intelectuais por uma evolução sem-fim.

Possui um livre-arbítrio proporcional ao número de suas encarnações, dependendo a sua responsabilidade do grau do seu adiantamento moral e intelectual. Assim como o mundo físico tem a regê-lo leis imutáveis, também o mundo espiritual é regido por uma justiça infalível, de sorte que as leis morais têm sanção absoluta após a morte. Como o Universo não se limita ao imperceptível grão de areia por nós habitado, como o espaço formiga de sóis e planetas em número indefinito, admitimos que as futuras existências do princípio pensante podem desenvolver-se nesses diferentes sistemas de mundos, de maneira que a nossa vida se perpetua pela imensidade sem limites.

Como pode a alma executar esse processo evolutivo, conservando a sua individualidade e os conhecimentos que adquiriu? Como atua sobre a matéria tangível, durante a encarnação? É o que tentamos determinar em o nosso estudo sobre *Evolução anímica*. Aqui, temos que começar por compreender o papel de cada uma das partes que formam o homem vivo.

O ensino dos Espíritos

Se a questão do homem espiritual se conservou por tão longo tempo um estado hipotético, é que faltavam os meios de investigação direta. Assim como as ciências não puderam desenvolver-se seriamente, senão depois que se inventaram o microscópio, o telescópio, a análise espectral e, ultimamente, a radiografia, também o estudo do Espírito tomou prodigioso impulso com a hipnose e, principalmente, depois que a mediunidade tornou possível o estudo do Espírito desprendido da matéria corpórea. Aqui está o que as nossas relações com os Espíritos nos ensinaram relativamente à constituição da alma.

Das numerosas observações feitas no mundo inteiro resulta que o homem é formado da reunião de três princípios: 1.º a alma ou espírito, causa da vida psíquica; 2.º o corpo, envoltório material, a que a alma se associa temporariamente, durante sua passagem pela Terra; 3.º o perispírito, substrato fluídico que serve de liame entre a alma e o corpo, por intermédio da energia vital. Do estudo desse órgão decorrem conhecimentos novos, que nos permitem explicar as relações da alma e do corpo; a idéia diretora que preside à formação de todo indivíduo vivo; a conservação do tipo individual e específico, sem embargo das perpétuas mutações da matéria; enfim, o tão complicado mecanismo da máquina vivente.

A morte é a desagregação do invólucro carnal, aquele que a alma abandona ao deixar a Terra; o perispírito a acompanha, conservando-se-lhe sempre ligado. Forma-o a matéria em estado de extrema rarefação. Esse corpo etéreo, que no estado normal nos é invisível, existe, portanto, no curso da vida terrestre. É por seu intermédio que o “eu” percebe as sensações físicas e é também por seu intermédio que o espírito pode revelar, no exterior, o seu estado mental.

Tem-se dito que o Espírito é uma chama, uma centelha, etc. Assim, porém, se deve entender com relação ao espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, ao qual não se poderia atribuir forma determinada. Em qualquer grau que ele se encontre na animalidade, está sempre intimamente associado ao perispírito, cuja eterização corresponde ao seu adiantamento moral, de sorte que, para nós, a idéia de espírito inseparável da de uma forma qualquer, de maneira a não podermos conceber um sem a outra.

“O perispírito, pois, faz parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem. Mas, o perispírito, por si só, não é o Espírito, como o corpo não é, por si só, o homem, visto que o perispírito não pensa, não age por si só. Ele é para o espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento da sua ação.”

Segundo o ensino dos Espíritos, essa forma fluídica é extraída do fluido universal, sendo deste, como tudo o que existe materialmente, uma modificação. Justificaremos, dentro em pouco, essa maneira de ver.

Malgrado à tenuidade extrema do corpo perispíritico, ele se mantém constantemente unido à alma, que se pode considerar um centro de força. Sua constituição lhe permite atravessar todos os corpos com mais facilidade do que a que tem a luz para atravessar o vidro; do que o calor ou o raio X para atravessar os diferentes obstáculos que se lhes oponham à propagação. A velocidade do deslocamento da alma parece superior à das ondulações luminosas, diferindo destas, porém, essencialmente, em que nada a detém, deslocando-se ela pelo seu próprio esforço. Por ser muito rarefeito o organismo fluídico, a vontade atua sobre o fluido universal e produz o deslocamento. Concebe-se facilmente que, sendo quase nula a resistência do

meio, a mais fraca ação física acarretará uma translação no espaço, cuja direção estará submetida à vontade do ser.

O perispírito se nos afigura imponderável, pelo que a ação da gravidade parece inteiramente nula sobre ele; mas, daí não se deverá concluir que, desprendido do corpo, possa o Espírito transportar-se, segundo a sua fantasia, a todas as partes do Universo. Veremos, daqui a pouco, que o espaço é pleno de matérias variadas, em todos os estados de rarefação, de modo que, para o Espírito, existem certos obstáculos fluídicos de tanta realidade, quanta a que para nós pode ter a matéria tangível.

Nos seres muito evoluídos, o perispírito carece, no espaço, de forma absolutamente fixa; não é rígido, nem está condensado, como o corpo físico, num tipo particular. Regra geral, predomina no corpo fluídico a forma humana, à qual ele naturalmente retorna, quando haja sido deformado pela vontade do Espírito.

Por intermédio do envoltório fluídico é que os Espíritos percebe, o mundo exterior; mas, suas sensações são de outra ordem, diversas das que tinham na Terra. A luz deles não é a nossa; as ondulações do éter, quais as ressentimos, como calor ou luz, são por demais grosseiras para os influenciar normalmente. São, do mesmo modo, insensíveis aos sons e aos odores terrestres. Referimo-nos aqui aos Espíritos adiantados. Mas, todas as nossas sensações terrestres têm, para eles, equivalentes mais apurados. Dá-se, a esse respeito, uma como transposição para mais elevado registro da mesma gama. Além disso, eles percebem vibrações em muito maior número do que as que nos chegam diferenciadas pelos sentidos e as sensações determinadas por esses diferentes movimentos vibratórios criam uma série de percepções de ordem diversa das de que temos consciência.

Os Espíritos inferiores, que formam a maioria no espaço que circunda a Terra, podem ser acessíveis às nossas sensações, sobretudo se seus perispíritos são grosseiros de todo, porém, isso se dá de maneira atenuada. A sensação neles é localizada: experimentam-na em todas as partes do corpo espiritual, enquanto que, nos homens, é experimentada no ponto do corpo onde teve origem.

Estes os dados gerais que se encontram na obra de Allan Kardec, a mais completa e a mais racional que possuímos sobre o Espiritismo. A bem dizer, é mesmo a única que trata, em todas as suas partes, da filosofia espírita e fica-se espantado com a sabedoria e prudência esse iniciador traçou as grandes linhas da evolução espiritual.

A dedução rigorosa é o caráter distintivo desta doutrina. Em vez de forjar seres imaginários para explicar os fatos mediúnicos, o Espiritismo deixou que o fenômeno se revelasse por si mesmo. Em todas as partes do mundo, há 70 anos, são as almas dos mortos que, vindo confabular conosco, afirmam ter vivido na Terra e dão dessa afirmativa provas que os evocadores verificam mais tarde e reconhecem exatas. Numa palavra, achamos-nos em presença de um fato real, visível, palpável, que coisa alguma poderia infirmar. Não há negações que prevaleçam contra a luminosa evidência da experiência moderna. Não há demônios, nem vampiros, nem lêmures, nem elementais ou outros seres fantásticos, imaginados para aterrorizar o vulgo, ou desviar, em proveito de obscuros engrimações, a atenção dos pesquisadores. É a alma dos mortos que se revela pela mesa, pela escrita direta e pelas materializações.

O que é preciso se estude

Pela observação e pela experiência, fomos levados a comprovar que o invólucro da alma é material, pois que pode ser visto, tocado, fotografado. Mas, é evidente que essa matéria difere, pelo menos quanto ao seu estado físico, da matéria com que estamos diariamente em contato.

O perispírito existente no corpo humano não é visível; não tem peso apreciável e, quando sai do corpo para se mostrar longe deste, verifica-se que nada lhe pode opor obstáculo. Destas observações, temos de concluir que é formado de uma substância impenetrável. Ora, estes são caracteres que parecem em absoluta contradição com os que a Física nos revela como sendo os da matéria.

Temos, pois, que procurar saber o que se deve entender pelo termo matéria e, para isso, urge conhecer o que são o átomo, o movimento e a energia. Adquiridas estas noções, poderemos conservar forma determinada e, sobretudo, como é que a morte não acarreta a dissolução desse corpo espiritual, uma vez que ocasiona a do corpo físico.

Tornar-se-á então necessário nos familiarizemos com a idéia da unidade da substância, porquanto, admitida essa idéia, claro fica que, se o perispírito é formado da matéria primordial, não poderá decompor-se em elementos mais simples e, como a alma já se achava revestida dele antes de nascer, isto é, anteriormente à sua entrada no organismo humano, irá com ele, ao deixar o seu corpo terreno.

Se for verdadeiramente possível demonstrar que as concepções científicas atuais nos permitem conceber semelhante matéria, poder-se-á empreender, racionalmente, o estudo do perispírito, estudo que então sairá do domínio do empirismo para entrar no das ciências positivas.

Vejamos, pois, desde já, como é constituída a matéria.

A CRISE DA MORTE

Ernesto Bozzano

Sétimo caso

[...] Entre nós, também existe um desenvolvimento do “corpo etéreo”... Um bebê cresce até chegar à maturidade. Contrariamente, um velho alcança a seu turno a idade viril, rejuvenescendo. Teu pai e dele morreu na plenitude da idade adulta; apesar disso, o filho não o reconheceu, porque muitos anos haviam passado e o pai atingira, no mundo espiritual, um estado de radiosa beleza. Reconheceu-o, todavia, assim aquele lhe dirigiu a palavra. Ninguém pode enganar-se no mundo espiritual.[...]

Nono caso

[...] Um dos casos característicos mais notáveis da existência espiritual consiste na faculdade de visão, própria do “corpo etéreo”, a qual é enormemente aperfeiçoada. No mundo dos vivos, o sentido da vista põe o observador em estado de visualizar apenas um lado, um aspecto do objeto observado. Aqui, vemos o objeto simultaneamente de todos os lados. Quer dizer que, quando olhamos uma coisa qualquer, não a vemos somente como vedes: penetramo-la em todas as suas partes. Vemos em torno e através dela, o que faz que cheguemos, num instante, a ter conhecimento completo do que nos possa interessar. É realmente maravilhosa a faculdade visual do Espírito; mas, naturalmente, é preciso um certo tempo, para que essa faculdade apurada desenvolva inteiramente nos Espíritos recém-chegados. Tal qual todas as outras faculdades espirituais, essa visão evolte gradualmente, ao mesmo tempo que a experiência adquirida em nova existência. (The Morrow of Death, páginas 23-24.)

A LOUCURA SOB NOVO PRISMA

Adolfo Bezerra De Menezes

Capítulo II

DO ESPÍRITO EM SUAS RELAÇÕES

[...] Sendo a alma uma substância imaterial, pois é indecomponível, como é que se apresenta sob a forma material de um corpo?

E, antes de tudo, como é que o imaterial pode ligar-se e funcionar, harmonicamente, com o material, o corpo?

Tomar a alma a forma material do corpo não é mais estranhável do que unir-se a este, durante a vida, tendo os dois perfeita correlação nos atos humanos, ao ponto de ser difícil discriminar no homem a parte com que concorrem para a vida comum.

Começemos, pois, pelo estudo desse modo incompreensível de correspondência entre a alma e o corpo, para depois estudarmos o fenômeno d aparição sob a forma corpórea.

A questão da união da alma com o corpo, para depois estudarmos o fenômeno da aparição sob a forma corpórea.

A questão da união da alma com o corpo tem ocupado os maiores Espíritos do mundo, desde que Sócrates lançou aos ventos o *nosce te ipsum*.

Descartes explicou-a pelas *causas ocasionais*.

A alma e o corpo, completamente estranhos um ao outro, tendo cada um sua esfera de ação, seguem no curso da vida duas linhas paralelas.

Deus modifica a alma, na razão dos movimentos do corpo, e dá movimento ao corpo, na razão das volições da alma.

Cada um dos dois é, portanto, não causa, mas ocasião dos fenômenos, manifestados no outro.

Esta explicação obscurece, em vez de esclarecer.

Por ela, o homem é uma dualidade de indivíduos distintos, que vivem em comum, prestando-se cada um ao serviço do outro.

Ninguém, entretanto, desconhece que a alma impera sobre o corpo, embora exerça este sobre ela manifesta influência.

As causas ocasionais caem e cairão por si mesmas; não resistem, não resistirão a um exame sério.

Leibnitz deu quase a mesma explicação.

O corpo e a alma agem separadamente, mas há, entre eles, laços de comunicação, que fazem com que as modificações operadas num se transmitam ao outro.

São como dois relógios, acertados um pelo outro, de modo que dão sempre, ao mesmo tempo, as mesmas horas.

A este sistema chama-se: *harmonia preestabelecida*.

A teoria de Leibnitz, igual no fundo à de Descartes, participa da fragilidade desta: autonomia de ambos os elementos constitutivos do homem.

Euler resolveu a questão pela questão.

Sua teoria do *influxo físico*, isto é, da ação direta da alma sobre o corpo, e do corpo sobre a alma, nada mais é do que o próprio problema a resolver, e, por conseguinte, dispensa qualquer análise.

Cudworth concebeu a idéia de uma substância intermediária ao corpo e à alma, participante da natureza de um e de outro. É o *mediador plástico*.

O mediador plástico recebe, por sua natureza material, as impressões do corpo, que transmite à alma, por sua natureza imaterial, e vice-versa.

Cudworth teve a intuição da verdade.

Tudo no Universo procede do elemento ou fluido cósmico, fluido universal.

Este fluido, mais ou menos condensado, produz as diversas espécies de seres da criação: os corpos pesados, os imponderáveis, os essencializados, os Espíritos.

O Espírito e o corpo têm, pois, a mesma origem, e se os extremos da escala dos seres não se podem ligar diretamente, podem fazê-lo por intermédio de um terceiro, que se lhes aproxime em composição ou natureza.

Assim, o Espírito não se liga diretamente ao corpo; mas pode ligar-se, por exemplo, a um imponderável ou essencializado, com o qual o corpo não seja incompatível.

Efetivamente, se a matéria da luz já tem muito da natureza espiritual, sem deixar de ser da ordem material, como o corpo; quanto mais se tomarmos um corpo de matéria radiante ou do quarto estado?

Se, pois, considerarmos o mediador plástico de Cudworth de natureza fluídica, quer dizer: semimaterial e semi-espiritual, teremos, muito razoavelmente, um meio de comunicação entre a alma e o corpo.

Nem outra coisa é o que a Ciência espírita designa com o nome de *perispírito*.

O perispírito ou *corpo astral de todas as vidas*, de que Moisés fez o terceiro elemento do ser humano, é o invólucro fluídico do Espírito, em sua peregrinação pelos mundos materiais, até que se tenha elevado, por seu progresso, à altíssima posição de *puro Espírito*, Espírito sem mais revestimentos.

O Espírito, para viver em um mundo material, precisa daquele intermediário, mais denso ou mais rarefeito, segundo o mundo é mais ou menos atrasado, e, por conseguinte, o corpo que aí tem de tomar, é mais ou menos material.

O perispírito, pois, de um Espírito começa muito denso e vai-se rarefazendo na razão do progresso do Espírito e dos mundos por onde ele passa, tudo em perfeita relação: Espírito, perispírito, corpo e mundo.

Na Terra, o Espírito põe-se em relação com o corpo, como melhor se compreenderá pela seguinte figura:

Tome-se um vaso, dividido em duas capacidades por uma membrana orgânica. Encham-se os dois compartimentos de líquidos cujas densidades sejam: num, de um grau de Baumé, e, no outro, de dez graus do mesmo areômetro.

Apesar de tão diferentes em densidade, e apesar da membrana intermediária, no fim de certo tempo será estabelecido perfeito equilíbrio de densidade entre os dois líquidos.

A comparação não é perfeita, mas dá idéia do fenômeno físico da ação e reação do Espírito sobre o corpo e vice-versa, mediante o perispírito.

Este recebe, pelo sistema nervoso sensitivo, todas as impressões do corpo, e, como um espelho, reflete-as.

O Espírito (alma) toma, por tal arte, conhecimento delas e imprime no perispírito suas volições, que são transmitidas ao corpo, mediante o concurso dos nervos motores.

O cérebro, de onde decorrem os dois sistemas de nervos, é a grande pilha que segrega o fluido nervoso de que os fios de cada sistema são simples canais condutores, e é por isso que o cérebro é constituído de duas substâncias, branca e cinzenta, das quais uma segrega o fluido sensível, e a outra o motor.

Assim, por exemplo, se um mosquito nos pica, a impressão é levada ao cérebro pelos nervos sensíveis ou do sentimento, e ali gravada no perispírito, a alma toma dela conhecimento e sente a dor, e, sentindo-a, procura remover a causa.

Esta resolução traduz-se em movimento imposto ao corpo pelo Espírito, mediante o perispírito, que a transmite ao cérebro, o qual, sempre pela força da vontade anímica, põe em ação os nervos motores necessários à ação de mover, suponhamos, o braço, para matar ou afugentar o mosquito.

O perispírito, portanto, é quem transmite à alma as impressões do corpo, concentradas no cérebro, e é quem transmite ao corpo as volições da alma, pela impulsão dada ao cérebro, como centro do sistema nervoso.

O corpo é simples meio de pôr a alma em relação com o mundo externo, ligando-se-lhe pelo perispírito.

A alma é que sente, que recebe, que quer, segundo as impressões que recebe do exterior, e mesmo independente delas, pois também recebe impressões morais, e tem idéias e pensamentos sem a intervenção dos sentidos corporais.

E tanto é assim, que, separada do corpo, pela morte ou por simples desprendimentos, ela exercita todas as funções psíquicas que exercia quando ligada ao corpo; possui e exercita a inteligência e a razão, a sensibilidade, não mais física apenas; a vontade, a memória, a consciência, e tudo isto em grau superior, não sendo mais tolhida pelas prisões carnisais.

Logo, os fenômenos intelectuais e morais, que se manifestam no correr da vida corpórea, são devidos às faculdades anímicas, e não às propriedades do corpo.

Logo, a função do corpo, em geral, e dos seus órgãos, em particular, é de simples aparelho ou instrumento da alma, pois cessa desde que esta se retire.

A REENCARNAÇÃO

Gabriel Delanne

Capítulo II

AS BASES CIENTÍFICAS DA REENCARNAÇÃO. - AS PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO

Necessidade lógica da existência do perispírito

Sem dúvida, a verdade espírita causará uma verdadeira revolução entre os espiritualistas puros, que acreditavam a alma completamente imaterial, assim como entre os fisiologistas, que se tinham habituado a não contar com ela. Mas o fato tem um poder invencível, pela única razão de que existe, e, cedo ou tarde, apesar de todas as negações, acaba por impor-se soberanamente; abrem-se, então, diante dos pesquisadores, novos horizontes.

Desde que o Espírito é capaz, em certas condições, de reconstituir seu antigo corpo material, é claro que possui em si o estatuto dinâmico que preside à organização, ao entretenimento e à separação do corpo terrestre. É preciso admitir ainda que, persistindo o perispírito depois da morte, se torna demonstrável que preexistia ao nascimento, de sorte que este nos aparece como uma materialização de longa duração, enquanto as aparições tangíveis possuem uma existência efêmera, porque produzidas fora dos processos da geração. Essa interpretação dos fatos parece explicar, logicamente, como a ordem e a harmonia se mantêm na formidável confusão de fenômenos que constituem um ser vivo.

Se, realmente, existe no homem um segundo corpo, que é o modelo indefectível pelo qual se ordena a matéria carnal, compreende-se que, apesar do turbilhão de matéria que passa em nós, se mantenha o tipo individual, em meio às incessantes mutações, resultantes da desagregação e da reconstituição de todas as partes do corpo; este é semelhante a uma casa, na qual, a cada instante, se mudassem as pedras em todas as suas partes.

O perispírito é o regulador das funções, o arquiteto que vela pela manutenção do edifício, porque essa tarefa não pode, absolutamente, depender das atividades cegas da matéria.

Refletindo na diversidade dos órgãos que compõem o corpo humano, na dos tecidos que servem à construção dos órgãos, na cifra prodigiosa de células (muitos trilhões) aglomeradas, que formam todos os tecidos, no número colossal de moléculas do protoplasma, e, enfim, no quase infinito dos átomos, que do protoplasma, e, enfim, no quase infinito dos átomos, que constituem cada molécula orgânica, achamo-nos em presença de um verdadeiro universo, e tão variado, que ultrapassa em complexidade o que a imaginação possa conceber. A maravilha é a ordem que reina nesses milhares de milhões de ações enredadas.

Os agrupamentos sucessivos de fenômenos harmonizam-se em séries que vão ter à unidade total.

“Sem que disso tenhamos consciência - disse Bourdeau, no que foi bem inspirado - , opera-se em nós um trabalho permanente de síntese, que tem por efeito ligar, no fenômeno individual da vida, imensa multidão de elementos, por ações, ao mesmo tempo, mecânicas, físicas, químicas, plásticas e funcionais. A potência acumulada, de que cada grupo é depositário, e os resultados, cada vez mais complexos, que essa união determina, dão vertigem ao espírito que paira um instante sobre tais abismos.”³⁰

Cada célula trabalha por sua conta, cegamente; as forças do mundo exterior são inconscientes; quem, pois, disciplina os elementos para os conduzir à meta final, que é a manutenção da vida? Existe, evidentemente, um plano que se conserva, e causa acidentes fortuitos. Como supor uma continuidade de esforços, seguindo sempre a mesma direção, num conjunto cujas partes mudam perpetuamente? Se, nesse turbilhão, algo resta estável, é lógico ver aí o organizador ao qual a matéria obedece; ora, esse algo é o perispírito, pois que se lhe nota, objetivamente, a existência durante a vida, e a resistência à morte. Quando melhor o conhecermos, noções novas, preciosíssimas, resultarão para a Fisiologia e para a Medicina.

O que os antigos denominavam a *vis medicatrix naturae* é o mecanismo estável, incorruptível, sempre em vigília, que defende o organismo contra as ações mecânicas, físicas, químicas, microbianas, que o assaltam sem cessar, e que reconstitui incessantemente a integridade do ser vivo, quando ela é destruída. Em suma, o corpo não é somente uma amálgama de células simplesmente justapostas ou ligadas, é um todo, cujas partes têm um papel definido, mas subordinadas ao lugar que ocupam no plano geral. O perispírito é a realização física dessa “idéia diretora”, que Claude Bernard assinala como a verdadeira característica da vida. É também o desenho vital que cada um de nós realiza e conserva durante toda a existência.

Eis o que diz o grande fisiologista na “Introdução ao Estudo da Medicina Experimental” e na “Ciência Experimental: Definição da Vida”:

“Se fosse preciso definir a vida - conclui Claude Bernard -, eu diria: a vida é a criação... O que caracteriza a máquina viva não é a natureza de suas propriedades físico-químicas, é a criação dessa máquina junto de uma idéia definida...”

Esse agrupamento se faz em virtude de leis que regem as propriedades físico-químicas da matéria; mas o que é essencialmente do domínio da vida, o que não pertence nem à física, nem à Química, é a *idéia diretiva* dessa evolução vital.

Há um como desenho vital que traça o plano de cada ser, de cada órgão, de sorte que, considerado isoladamente, cada fenômeno do organismo é tributário das forças gerais da Natureza; tomadas em sua sucessão e em seu conjunto, parecem revelar um liame especial; dir-se-iam dirigidos *por alguma condição invisível*, na rota que seguem, na ordem que os encadeia.”

³⁰ Bourdeau - *Le Problème de La Vie. (O Problema da Vida.)*

Enfim, em termos ainda mais expressivos:

“A vida é *uma idéia*; é a idéia do resultado comum, ao, qual estão associados e disciplinados todos os elementos anatômicos; é a idéia da harmonia que resulta do seu concerto, da ordem que reina em suas ações.”

Os milhares de vidas individuais das células são regidas por um organismo superior, que as hierarquiza e lhes impõe as condições de existência; é o perispírito que age automaticamente para produzir esses efeitos, ainda que não tenhamos nenhuma consciência de sua ação incessante. Ele constitui, a bem dizer, o inconsciente fisiológico, do mesmo passo que é a base física dessa subconsciência, que existe em nós, para a conservação das lembranças, e que só conhecem a matéria; ele guarda os resíduos de nossas vidas passadas, cuja resultante é esse fenômeno individual que se chama caráter.

Vê-se pelo que precede, que se a alma leva consigo para o Espaço um organismo tão complexo, como o perispírito, que não lhe serve, no Além, para entreter a vida, é infinitamente provável que ela deve tornar à Terra, sem o que, o mecanismo que serve à manutenção da vida terrena, não persistiria no Espaço, e isso em virtude da lei natural, a de que a falta de exercício atrofia os órgãos inúteis e os faz desaparecer depois de certo tempo.

Onde e como o perispírito pôde adquirir suas propriedades funcionais

Mas onde e como esse maravilhoso mecanismo pôde ter nascimento e fixar-se de maneira indelével no invólucro fluídico?

Tendo estudado, em outro lugar, tão complexa questão (“A Evolução Anímica”), só darei aqui algumas indicações sumárias e necessariamente incompletas. Vejamos os pontos principais que resultam da observação dos fatos e que parecem legitimar a hipótese da passagem humana pela série dos reinos inferiores à Humanidade.

Uma das magníficas descobertas do século XIX foi a demonstração da unidade de composição de todos os seres vivos. As plantas, como os animais ou os homens, são formadas por células que, pela diversidade de suas formas, de seu conjunto e de suas propriedades, deram nascimento, variando-os, à inumerável multidão de seres que povoam o ar, a água, a terra. As mais simples criaturas podem viver sob a forma de células isoladas, como as do sangue ou como os micróbios; em todas, porém, existe uma substância fundamental, o protoplasma, que é a parte verdadeiramente viva. Todos os seres, quaisquer que sejam, são *organizados, reproduzem-se, nutrem-se e evoluem*, isto é, nascem, crescem e morrem.

A todos será necessário água, calor, ar e um meio nutritivo. São sensíveis, isto é, reagem, pelo movimento, a uma excitação exterior. Pode-se afirmar que, em todos os graus da escala vital, as operações da respiração e da digestão, no fundo, são as mesmas; o que varia são os instrumentos destinados a produzir esses resultados. A reprodução é igualmente idêntica: todo ser provém de outro por um gérmen. O sono impõe-se a todos. Vê-se, em tais efeitos, uma unidade geral de ação, que mostra como pôde surgir a variedade da uniformidade original.

Existe, pois, inegável identidade nos processos vitais de todos os organismos, e daí resulta, naturalmente, a idéia de um parentesco universal entre todos os seres. Desde que não há geração espontânea, todos os seres, vegetais ou animais, que existem hoje, provêm diretamente de antepassados que os precederam, e isto desde os milhões de anos que transcorreram, durante os períodos geológicos. As pesquisas levadas a efeito nos terrenos antigos fizeram descobrir que os animais e as plantas são cada vez mais simples, à medida que se remonta ao passado. Como se produziu a evolução? É o que veremos mais adiante.

É mais que provável que as teorias imaginadas para explicar a evolução, conservem alguma parte de verdade; não temos, porém, necessidade de adstringir-nos mais a uma que a outra. Basta notar que o ser que nasce reproduz, durante a vida fetal, todas as formas, mais simples, que o precederam em seus ascendentes. O próprio homem, no seio materno, não passa, a princípio, de simples célula, que, fecundada, se diferencia, e apresenta, em resumo, um quadro de todos os organismos que deveriam, no fim de milhões de anos, chegar ao seu. O embrião é um testemunho irrecusável de nossas origens:

“Vemos na evolução do embrião - diz ainda Claude Bernard - surgir um simples esboço do ser antes de qualquer organização. Os contornos do corpo e dos órgãos, a princípio, são meros delineamentos, começando pelas construções orgânicas provisórias, que servem de aparelhos funcionais e temporários do feto. Até então, nenhum tecido é distinto. Toda a massa é constituída apenas por células plasmáticas e embrionárias. Mas, nesse esforço vital, está traçado o desenho ideal de um organismo, ainda invisível para nós, sendo já designados, a cada parte e a cada elemento, seu lugar, sua estrutura, suas propriedades. Onde devem estar

vasos sangüíneos, nervos, músculos, ossos as células embrionárias se transformam em glóbulos de sangue, em tecido arterial, venoso, muscular, nervoso e ósseo.”

Uma vez que o perispírito organiza a matéria, e como esta ressuscita das formas desaparecidas, parece lógico concluir que ele conserva traços desse pretérito, porque a hereditariedade, como veremos, é importante para fazer-nos compreender o que se passa; parece legítimo supor, portanto, que o próprio perispírito evoluiu através de estádios inferiores, antes de chegar ao ponto mais elevado da evolução.

O princípio inteligente teria, pois, subido lentamente o s degraus da série imensa dos seres antes de desabrochar na Humanidade. Os animais apresentam uma gradação inegável nas manifestações intelectuais, dos mais rudimentares ao homem, de sorte que a hipótese da reencarnação do ser no-lo mostra elevando-se, por seus próprios esforços, a um grau cada vez mais elevado e permitindo-lhe chegar até nós sem solução de continuidade.

Mas o que vemos realizado a nossos olhos, isto é, a ininterruptão das formas, que se ligam umas às outras, como anéis de cadeia gigantesca, deu-se também no passado. Pode-se conceber, então, que o progresso é devido, não mais a causas exclusivamente externas, senão, ao mesmo tempo, à psique inteligente, que procura quebrar a ganga da matéria, e fez esforços ininterruptos por amortecê-la e permitir às suas faculdades entrarem em relação cada vez mais íntima com a Natureza exterior. A criação dos sentidos, depois a de órgãos cada vez mais aperfeiçoados, seria o resultado de um esforço intencional e não o produto de felizes acasos, como querem os materialistas.

A reencarnação animal não é uma simples hipótese; pode já apoiar-se em alguns fatos, que o futuro multiplicará consideravelmente. Compreender-se-á, então, o papel dos animais, aqui, e a teoria puramente materialista de uma evolução física substituir-se-á pela do princípio inteligente, que passa pela série dos reinos inferiores, para chegar ao homem e elevar-se mais tarde a outros destinos, quando ficará liberto de todos os estorvos terrenos.

Sem dúvida, há ainda muitas obscuridades no que concerne ao *como* dessa evolução; serão precisos estudos perseverantes para justificar cada um dos pontos dessa teoria, mas, tal como está, ela oferece ao espírito um quadro racional de nossas origens e concilia-se tão bem com os descobrimentos científicos como com o que a experimentação espírita, ainda pouco desenvolvida, nos permitiu já verificar, de maneira segura.

Percebe-se, agora, o grandioso alcance teórico e prático das sessões de materialização, porque elas provam, a princípio, a imortalidade da alma, e, em seguida, pelo conhecimento do perispírito, abrem, diante de nós, perspectivas de que hoje, ainda, não podemos imaginar a imensidade.

CAPÍTULO XIII

O perispírito e suas propriedades

A independência desse princípio interior foi estabelecida por provas numerosas e variadas. A alma é individualizada pelo perispírito.

Há melhor ainda; esse princípio espiritual não é uma vaga entidade metafísica, uma palavra abstrata ou uma função da substância nervosa, mas um ser concreto, com individualidade, porque, mesmo durante a vida, é esse ser ao qual se deu o nome de alma ou de espírito, que pode separar-se do corpo e manifestar sua realidade objetiva nos fenômenos de desdobraimento.

O desdobraimento do ser humano está, agora, demonstrando por observações mil vezes reiteradas. Verificou-se, de uma parte, a presença do corpo material, em um determinado lugar e, simultaneamente, a existência do duplo em outro.

O fantasma do vivo traz, consigo, a sensibilidade, a inteligência e a vontade; pôde-se reproduzir esse fenômeno experimentalmente, o que é uma segunda demonstração da independência do ser interno, designado habitualmente sob o nome de espírito.

É ele que, depois da morte, sobrevive e se manifesta objetivamente, por aparições materializadas, que são, em todos os pontos, semelhantes às dos vivos. Ei-nos, pois, em presença duma demonstração direta e imediata: 1.º, o Espírito não é um produto do corpo, pois que sobrevive à sua desagregação; 2.º, possui,

sempre, o mesmo organismo fluídico, que o acompanha durante a vida, e que o individualiza, ainda, depois que se separa do corpo material.

Durante a vida, o conhecimento do perispírito faz-nos compreender: 1.º, a conservação do tipo individual, apesar do renovamento incessante de todas as moléculas carnis; 2.º, a reparação das partes lesadas; 3.º, a continuidade das funções vitais, num meio continuamente em renovação.

Os espiritistas conhecem há muito esses interessantes e curiosos fenômenos e vêm com satisfação que a ciência oficial, pela voz de alguns de seus representantes e dos mais autorizados, vai sancionando, pouco a pouco, todas as ordens de fatos que compõem esta nova ciência. É, pois, legítimo que nos sirvamos desses preciosos conhecimentos para experimentar resolver o problema da origem da alma e de seus destinos.

Está perfeitamente demonstrado⁸⁵ que nas sessões de materialização se forma um ser estranho aos assistentes, e que é objetivo, porque todo mundo o descreve da mesma maneira; porque é possível fotografá-lo; porque deixa impressões digitais ou moldagens dos seus órgãos; porque age fisicamente, deslocando objetos; porque pode falar ou escrever.

Este ser possui, pois, todas as propriedades fisiológicas de um ser humano comum e faculdades psicológicas.

Não se trata de um desdobramento do médium, não só porque dele difere em todos os pontos de vista, mas também porque costumam aparecer, simultaneamente, vários Espíritos materializados. De mais, tem-se, por vezes, verificado que o médium, acordado, conversa com a aparição. Em outras ocasiões, o Espírito materializa-se, de maneira idêntica, com médiuns diferentes, e, enfim, sua identidade é freqüentemente estabelecida pelos que o conhecem.

Uma vez que o Espírito possui a faculdade, após a morte, de materializar-se, reconstituindo, integralmente, o organismo físico que aqui possuía, somos levados a supor que, no instante do nascimento, é ele que forma seu invólucro corporal, o qual não passa de uma materialização estável e permanente, enquanto nas sessões experimentais ela é apenas temporária, porque produzida fora das vias normais da geração.

Essa opinião, que eu emitia há 25 anos em "A Evolução Anímica", acaba de ser aceita pelo eminente Sir Oliver Lodge, numa conferência feita na Inglaterra, em 1922, diante de um público escolhido.

O corpo espiritual, a que a alma está indissolúvelmente ligada, conserva o estatuto das leis biológicas que regem a matéria organizada.

Ele contém, igualmente, todos os arquivos da via mental, porque a consciência só nos faz conhecer uma fraca parte desse imenso oceano, À superfície do qual ela emerge, e que constitui o fundo de nossa individualidade.

Pode-se dizer, portanto, que o conhecimento do perispírito é o fecho de toda a explicação das vidas sucessivas. A cada nascimento, é um ser antigo que reaparece.

Onde e como o perispírito pôde adquirir suas propriedades?

Uma das mais belas conquistas da ciência do XIX século, foi haver demonstrado a unidade fundamental da composição de todos os seres vivos: todos nascem de um ovo, todos são formados de células, cujo protoplasma é sensivelmente o mesmo, apesar de sua prodigiosa diversidade. Todos os seres nascem, evoluem e morrem. Todas as funções orgânicas são essencialmente semelhantes: a nutrição, a digestão, a respiração e a reprodução operam-se de maneira quase idêntica.

É uma demonstração pelo fato da unidade de plano da Natureza e, desde que a inteligência, posto que diferente da matéria, lhe é, entretanto, associada, lícito é acreditar que o princípio espiritual lhe é também fundamentalmente o mesmo, apesar das diferenças quantitativas que existem em todos os graus de seu desenvolvimento.

Verificamos que as faculdades transcendentais, como a telepatia, a clarividência, e mesmo a ideoplastia, existem igualmente nos animais, o que é uma razão a mais para admitir a identidade do plano da Criação.

Se assim é, se realmente a alma vem subindo os degraus da escala zoológica, não será surpreendente que a cada nascimento ela reproduza, em resumo, toda a história do seu passado, como se nota durante a vida embrionária de todos os seres.

⁸⁵ Veja-se Delanne - **Les Apparitions Materialisées**, t. II.

Estas induções são legítimas, encandeiam-se mutuamente, e podemos considerá-las como provas da palingenesia universal.

Não se compreende, ainda, claramente, como o princípio inteligente, que anima inumeráveis milhares de milhões de organismos rudimentares e primitivos, chegue a sintetizar-se em uma unidade de uma ordem superior, assim como não se pode explicar, claramente, como essa passagem se opera de uma espécie a outra. Não é, entretanto, menos real que existe uma ligação permanente e contínua entre todos os degraus de escala vital, e se a vida é una no Universo, o mesmo acontece com o princípio espiritual.

Somos, daí, obrigados a perguntar onde o perispírito pôde adquirir suas propriedades funcionais, e parece lógico supor que ele as ficou em si, no curso de suas evoluções terrestres, passando, sucessivamente, por toda a feira da série animal, integrando em sua substância indestrutível as leis cada vez mais complicadas que lhe permitem animar e reparar, automaticamente, organismos cada vez mais complexos, das formas mais simples ao homem. É uma gradação sucessiva e uma evolução contínua.

Se esta hipótese é exata, devem-se reencontrar, na série animal, fenômenos análogos aos observados na Humanidade. É indiscutivelmente o que se dá, pois que já verificamos que a alma do animal sobrevive à morte..

Em obra precedente, "A Evolução Anímica", procurei indicar como se podia conceber o desenvolvimento progressivo do princípio espiritual, e mostrei que, colocando-se a causa da evolução nos esforços empregados pelo princípio inteligente, para libertar-se progressivamente dos laços da matéria, explicam-se melhor os fatos do que pela teoria materialista dos fatores únicos da hereditariedade e do meio.

O progresso físico e intelectual provém de esforços incessantes, reiterados, de melhoramentos quase imperceptíveis, a cada passagem, mas cujo termo está na Humanidade, que resume e sintetiza essa grande ascensão.

O ser, chegado a um grau qualquer da escala vital, não pode mais retrogradar, simplesmente porque não encontraria mais, em razão do seu estado evolutivo, as condições necessárias para encarnar nas formas inferiores, que já ultrapassara.

Os cruzamentos são, em geral, infecundos, entre espécies diferentes, porque os híbridos não se reproduzem, e com mais forte razão entre as famílias e os ramos.

Notemos, ainda, que as funções vitais, nutrição, respiração, reprodução, e mesmo a sensibilidade e a motricidade, não criam diferenças essenciais entre os animais e vegetais, o que estabelece a grande unidade fundamental que existe sob o véu das aparências.

Demonstrou-nos a Ciência que o transformismo não passa de um caso particular de uma lei geral.

Tudo evoluciona, tanto as nações como os indivíduos, assim os mundos como as nebulosas. Tudo parte do simples para chegar ao composto; da homogeneidade primitiva vai-se à prodigiosa complexidade da Natureza atual, realizada por leis que só pedem tempo para produzir todos os seus efeitos.

Vimos que, nos vertebrados superiores e mais particularmente entre os animais domésticos, a inteligência adquiriu grande desenvolvimento para compreender a linguagem humana, para formular raciocínios, para resolver certos problemas.

É evidente que se encontra, ainda, num grau inferior de mentalidade, mas que é da mesma natureza que a nossa.

Assinalei, igualmente, que os chamados poderes supranormais, como a telepatia, a clarividência, o pressentimento, se observam bastantes vezes, na raça canina, o que permite, ainda, assimilar o princípio espiritual do animal ao do homem e, repito-o, existem fantasmas de animais inteiramente análogos, em suas manifestações, às manifestações materializadas dos mortos. (V. "Revue Métapsychique", janeiro-fevereiro, 1923.)

Em resumo, em todos os seres vivos há as mesmas funções vitais, o mesmo princípio pensante, o mesmo invólucro perispiritual.

Magnífica demonstração é essa da grande lei de continuidade que rege o Universo inteiro.

AÇÃO E REAÇÃO

André Luiz

3

A intervenção na memória

[...] Para referir-nos com franqueza à criatura sob nossos olhos, cabe-nos afirmar que o aspecto do infeliz chegava a ser repelente, apesar dos cuidados de que já fora objeto.

Parecia sofrer inqualificável hipertrofia, mostrando braços e pernas enormes. Entretanto, onde o aumento volumétrico do instrumento perispirítico se fazia mais desagradável era justamente na máscara fisionômica, em que todos os traços se confundiam, qual se estivéssemos à frente de uma esfera estranha, à guisa de cabeça.

Seria um homem desencarnado em algum atropelamento terrestre, aguardando, ali, o imediato alívio que se deve aos acidentados comuns?

Druso sentiu-nos a pergunta silenciosa e explicou:

- Trata-se de um companheiro, dificilmente identificável, trazido até aqui por uma de nossas expedições socorristas.

- Mas terá sido recentemente liberto do mundo físico? - indagou meu colega, tanto quanto eu, dolorosamente impressionado.

Por enquanto não sabemos - elucidou o orientador. - É uma dessas pobres almas que terá deixado o círculo carnal sob o império de terrível obsessão, tão terrível que não terá podido recolher o amparo espiritual das caridosas legiões que operam nos túmulos. Indubitavelmente, largou o corpo denso sob absoluta subjugação mental, caindo em problemas angustiantes.

- Mas, porque semelhante calamidade? - inquiriu Hilário, empolgado de assombro.

- Meu amigo - replicou Druso, benevolente -, Não será mais justo sondar os motivos pelos quais nos decidimos a contrair débitos, assim tão escabrosos?

E, modificando o tom de voz que se fez algo triste e comovedor, aconselhou:

- As regiões infernais estão superlotadas do sofrimento que nós mesmos criamos. Precisamos equilibrar a coragem e a compaixão no mesmo nível, para atender com segurança aos nossos compromissos nestes lugares.

Fitei o irmão desventurado que se mantinha em funda prostração, qual enfermo em estado de coma, e, considerando os imperativos de nosso aprendizado, indaguei:

- Poderemos conhecer a razão da surpreendente deformidade sob nosso exame?

O orientador percebeu a essência construtiva de minha perquirição e respondeu:

- O fenômeno, todo ele, é de natureza espiritual. Recordar-se você de que a dor no veículo físico é um acontecimento real no encéfalo, mas puramente imaginário no órgão que supõe experimentá-la. A mente, através das células cerebrais, registra a desarmonia corpórea, constringendo a urdidura orgânica ao serviço, por vezes torturado e difícil, do reajuste. Aqui, também, o aspecto anormal, até monstruoso, resulta dos desequilíbrios dominantes na mente que, viciada por certas impressões ou vulcanizada pelo sofrimento, perde temporariamente o governo da forma, permitindo que os delicados tecidos do corpo perispiríticos e perturbem, tumultuados, em condições anormais. Em tal situação, a alma pode cair sob o cativeiro de Inteligências perversas e daí procedem as ocorrências deploráveis pelas quais se desempenha em transitória animalização por efeito hipnótico.

Notei, contudo, que o Instrutor, compadecido, não desejava alongar entendimentos que se não reportassem ao socorro devido ao infortunado, e calei-me.

Druso inclinou-se sobre ele com ternura de alguém que auscultasse um irmão muito amado, e anunciou:

- Procuremos ouvi-lo.

Incapaz de conter o assombro que me empolgava, inquiri:

- Ele dorme?

O mentor fez um gesto afirmativo, notificando:

- Nosso desventurado amigo encontra-se sobre terrível hipnose. Inegavelmente, foi conduzido a essa posição por adversários temíveis, que, decerto, para torturá-lo, fixaram-lhe a mente em alguma penosa recordação.

- Mas - insisti emocionado - semelhante martírio poderia sobrevir, sem razão justa?

- Meu amigo - falou o orientador, expressivamente -, com exceção do caminho glorioso das grandes almas, que elegem no sacrifício próprio o apostolado de amor com que ajudam os companheiros da Humanidade, não se ergue o espinheiro do sofrimento sem as raízes da culpa. Para atingir a miserabilidade em que se encontra, nosso irmão terá acumulado débitos sobremaneira escabrosos.

Em seguida, contrariando-nos qualquer propósito de divagação, acentuou:

- Desintegramos as forças magnéticas que lhe constroem os centros vitais e ajudemo-lhe a memória, para que se liberte e fale.

E talvez porque meu olhar lhe endereçasse mudo apelo a esclarecimento mais amplo, acrescentou:

- Não seria lícito agir à base de hipóteses. É indispensável ouvir os delinquentes e as vítimas, a fim de que, através das informações deles mesmos, saibamos por onde começar a obra de auxílio.

Procurei sopitar inquirições extemporâneas e entreguei-me à expectativa.

Logo após, o Assistente, Hilário e eu, de maneira instintiva, estabelecemos uma corrente de oração, sem prévia consulta, e nossas forças reunidas como que fortaleciam o Instrutor, que, demonstrando fisionomia calma e otimista, passou a operar, magneticamente, aplicando passes dispersivos no companheiro em prostração.

O enfermo reagiu, com movimentação gradativa, que se acordasse ao longo sono.

Decorrido alguns minutos, o orientador pousou a destra sobre a cabeça disforme, como se lhe chamasse a memória ao necessário despertamento e, logo em seguida, o desventurado começou a gemer, revelando o pavor de quem suspira por desvencilhar-se de um pesadelo.

Porque Druso, interrompesse a operação, detendo-o nesse estado, Hilário indagou, aflito:

- Deverá permanecer, então, assim, à beira da vigília, sem reapossar-se de si mesmo?

- Não lhe convém o imediato retorno à realidade - esclareceu o mentor amigo. - Poderia sofrer deplorável crise de loucura, com graves conseqüências. Conversará conosco, assim qual se vê, com a mente enovelada à idéia fixa que lhe encarcera os pensamentos no mesmo círculo vicioso, a fim de que lhe venhamos a conhecer o problema crucial, sem qualquer distorção.

A palavra do orientador denotava grande experiência na psicologia dos Espíritos vitimados nas trevas.

Depois de nova intervenção do mentor sobre a glote, o infeliz descerrou as pálpebras e, mostrando os olhos esgazeados, começou a bramir:

- Socorro! Socorro!... sou culpado, culpado!... Não posso mais... Perdão! Perdão!

Dirigindo-se a Druso, e tomando-o decerto por magistrado, exclamou:

- Senhor juiz, senhor juiz!... até que enfim, posso falar! Deixem-me falar!...

O dirigente da Mansão afagou-lhe a cabeça atormentada e replicou em tom amigo:

- Diga, diga o que deseja.

O rosto do asilado cobriu-se de lágrimas, entremostrando a própria fraqueza em energia inesperada, e começou a falar, compungidamente:

- Sou Antônio Olímpio... o criminoso!... Contarei tudo. Em verdade, pequei, pequei... por isso é justo... que eu sofra no inferno... O fogo tortura minha alma sem consumi-la... É o remorso, bem sei... Se eu soubesse, não teria... cometido a falta... entretanto, não pude resistir à ambição... Depois da morte de meu pai... vi-me obrigado... a partilhar nossa grande fazenda com meus dois irmãos mais novos... Clarindo e Leonel... Trazia, porém, a cabeça... dominada de planos... Pretendia converter a propriedade... que eu administrava... em larga fonte de renda, contudo... a partilha me estorvava... Notei que os manos... tinham idéias diferentes das minhas... e comecei a maquinar o projeto que acabei... executando...

Uma crise de soluços embargou-lhe a voz, mas Druso, amparando-o magneticamente, insistiu:

- Continue, continue...

- Admiti - continuou o enfermo com acento mais firme - que somente poderia ser feliz, aniquilando meus irmãos e... quando o inventário estava prestes a decidir-se, convidei-os a passear comigo... de barco... inspecionando grande lago de nosso sítio... Antes, porém, dei-lhes a beber um licor entorpecente... Calculei o tempo que a droga reclamaria para um efeito seguro e... quando a nossa conversação ia acesa... percebendo-lhes os sinais de fadiga... num gesto deliberado desequilibrei a embarcação, em conhecido trecho... onde as águas eram mais fundas... Ah! Que calamidade inesquecível!... Ainda agora, escuto-lhes os brados arrepiantes de horror, implorando socorro... mas... de nervos dormentes... a breves minutos... encontraram a morte... Nadei de consciência pesada, mas firme em meus aloucados propósitos... bordando a praia e clamando por auxílio... Com atitudes estudadas, pinteí um imaginário acidente... Foi assim que me apossei da fazenda inteira, legando-a, mais tarde, a Luís... o meu filho único... Fui um homem rico e tido por honesto... O dinheiro

granjeou-me considerações sociais e privilégios públicos que a política distribuiu com todos aqueles que se fazem vencedores no mundo... pela sagacidade e pela inteligência... De quando em quando... recordava meu crime... nuvem constante a sombrear-me a consciência... mas... em companhia de Alzira... a esposa inolvidável... procurava distrações e passeios que me tomassem a atenção... Nunca pude ser feliz... Quando meu filho se fez jovem... minha mulher adoeceu gravemente... e da febre que a devorou por muitas semanas... passou à loucura... com a qual se afogou no lago... numa noite de horror. Viúvo... perguntava a mim mesmo se não estava sendo juguete... do fantasma de minhas vítimas... entretanto... temia todas as referências em torno da morte... e busquei simplesmente gozar a fortuna que era bem minha...

O infeliz entregou-se a longa pausa de repouso, diante de nossa expectativa, continuamos, logo após:

- Ai de mim, porém!... Tão logo cerrei os olhos físicos... diante do sepulcro... não me valeram as preces pagas... porque meus irmãos que eu supunha mortos... se fizeram visíveis à minha frente... Transformados em vingadores, ladearam-me o túmulo... Atiraram-me o crime em rosto... cobriram-me de impropérios e flagelaram-me sem compaixão... até que... talvez... cansados de me espancarem... conduziram-me a tenebrosaurna... onde fui reduzido ao pesadelo em que me encontro... Em meu pensamento... vejo apenas o barco no crepúsculo sinistro... ouvindo os brados de minhas vítimas... que soluçam e gargalham estranhamente... Ai de mim!... estou preso à terrível embarcação... sem que me possa desvencilhar... Quem me fará dormir ou morrer?...

Como se o término da confissão lhe trouxesse algum descanso, arrojou-se o doente a enorme apatia.

Druso enxugou-lhe o pranto, dirigiu-lhe palavras de consolo e carinho e recomendou ao Assistente recolhê-lo à enfermaria especializada e, em seguida, falou-nos, pensativo:

- Já sabemos o necessário para estabelecer um ponto de partida na tarefa assistencial. Tornaremos ao caso em momento oportuno.

E acrescentou, cismativo, depois de longa pausa:

- Que Jesus nos ampare.

Não nos foi possível, contudo, aditar observações, porque um mensageiro vinha comunicar que uma caravana de recém-desencarnados estava prestes a chegar e acompanhamo-lo ao serviço que ele nomeou como sendo <<tarefa de inspeção>>.

12

Dívida agravada

[...] Foi assim que Jorge e Marina, livres, casaram-se, recolhendo da Terra a comunhão afetiva pela qual suspiravam; entretanto, dois anos após o enlace, receberam Zilda em rendado berço, como filhinha estremecida. Mas... desde os primeiros meses do rebento adorado, identificaram-lhe a dolorosa prova. Zilda, hoje chamada Nilda, surda-muda e mentalmente retardada, em consequência do trauma perispírico experimentado na morte por envenenamento voluntário. Inconsciente e atormentada nos refolhos do ser pelas recordações asfixiantes do passado recente, chora quase que dia e noite... Quanto mais sofre, porém, mais ampla ternura recolhe dos pais que a amam com extremados desvelos de compaixão e carinho...[...]

AUTO DESOBSESSÃO

ACADEMIA ESPÍRITA ARGENTINA

PERISPÍRITO

93. O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

Do fluido universal de cada globo, razão porque não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.

A) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.

95. O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.

A GÊNESE

Allan Kardec

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

18. Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. A medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para vida exterior.

FORMAÇÃO E PROPRIEDADE DO PERISPÍRITO

7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou a alma. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível.

No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispíritico e o corpo carnal têm pois origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matérias, ainda que em dois estados diferentes.

8. Do meio onde se encontrará é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito naturalmente variam, conforme os mundos.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito.

Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bom que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros um pouco mais desmaterializados não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres.

10. A camada de fluidos espirituais que cerca a Terra se pode comparar às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras, do que as camadas superiores. Não são homogêneos esses fluidos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da soma das partes puras que eles encerram.

Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram dele seus perispíritos; porém, conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele encarna. O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

Resulta disso este fato capital: a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda. O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, são os mesmos os efeitos que o corpo produz, semelhantes as necessidades, ao passo que diferem em tudo o que respeita ao perispírito.

Também resulta que: o envoltório perispíritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.

11. O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que têm de nele viver: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. O fluido etéreo está para as necessidade do Espírito, como a atmosfera para as dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morreriam no meio desses fluidos, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como a criatura terrena se afasta de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí que não podem sair do meio que lhes é apropriado à natureza; para mudarem de meio, precisam antes mudar de natureza, despojar-se dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se depurem e moralmente se transformem. Então, gradualmente se identificam com um meio mais depurado, que se lhes torna uma necessidade, como os olhos, para quem viveu longo tempo nas trevas, insensivelmente se habitua à luz do dia e ao fulgor do Sol.

12. Assim, tudo no Universo se liga, tudo se encadeia; tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei da unidade, desde a mais compacta materialidade, até a mais pura espiritualidade.

13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, abem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som.

14. Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, eles combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores - enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. - que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que tenha conservado essas aparências, certo que não, porquanto nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e a que se transporte o seu pensamento.

Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele fluídico,

esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto deste.

153 Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Há mais: criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele o corpo e aí de certo modo se fotografa.

QUALIDADES DOS FLUIDOS

[...] Pela união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados. O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito para Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes.

Desde que estes se modificam pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu invólucro perispirítico, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, há de, ainda mais, guardar as de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem depurar-se pelo afastamento destes, cujos perispíritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio.

Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta, quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito com eles se confunde.

Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre O ORGANISMO MATERIAL com que se acha em CONTATO MOLECULAR.

Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo resente uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa.

Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus PODEM OCASIONAR DESORDENS FÍSICAS; não é outra a causa de certas enfermidades.

Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que o ENCARNADO ABSORVE pelos poros perispiríticos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais.

19. Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembléia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

20. O pensamento, portanto, produz uma espécie de efeitos físicos que reage sobre o moral, fato este que só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem o sente instintivamente, visto que procura as reuniões homogêneas e simpáticas, onde sabe que pode haurir novas forças morais, podendo-se dizer que, em tais reuniões, ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como recupera, por meio dos alimentos, as perdas do corpo material.

É que, com efeito, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda real de fluidos espirituais e, conseqüentemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa retemperar-se com os eflúvios que recebe do exterior.

Quando se diz que um médico opera a cura e um doente, por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, pois que um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico, tanto quanto sobre o moral.

21. Dir-se-á que se podem evitar os homens sabidamente mal-intencionados. É fora de dúvida; mas, como fugiremos à influência dos maus Espíritos que pululam em torno de nós e por toda parte se insinua, sem serem vistos?

O meio é muito simples, porque depende da vontade do homem, que traz consigo o necessário preservativo. Os fluidos se combinam pela semelhança de suas naturezas; os dessemelhantes se repelem.

Há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

Que se faz quando está viciado o ar? Procede-se ao seu saneamento, cuida-se de depurá-lo, destruindo o foco dos miasmas, expelindo os eflúvios malsão, por meio de mais fortes correntes de ar salubre. A invasão, pois, dos maus fluidos, cumpre se oponham os fluidos bons e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o remédio aplicável.

Trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais, que se constitua para as más influências um repulsor, em vez de ser uma força atrativa.

O PERISPÍRITO, portanto, é uma couraça a que se deve dar a melhor têmpera possível. Ora, como as suas qualidades guardam relação com as da alma, importa se trabalhe por melhorá-la, pois que são as IMPERFEIÇÕES DA ALMA QUE ATRAEM OS ESPÍRITOS MAUS.

As moscas são atraídas pelos focos de corrupção; destruídos esses focos, elas desaparecerão.

OS MAUS ESPÍRITOS, igualmente, VÃO PARA ONDE O MAL OS ATRAI. ELIMINANDO O MAL, ELES SE AFASTARÃO.

OS ESPÍRITOS REALMENTE BONS, ENCARNADOS OU DESENCARNADOS, NADA TÊM QUE TEMER DA INFLUÊNCIA DOS MAUS.

CATECISMO ESPÍRITA

Eliseu Rigonatti

23ª LIÇÃO

O PERISPÍRITO

Agora nós somos espíritos encarnados, sendo o nosso corpo material um envoltório que usamos durante o tempo de nossa encarnação.

Há em nós três coisas: 1.^a - **o corpo material igual ao corpo dos animais**: 2.^a - **o espírito** encarnado no corpo: 3.^a - o laço que prende o espírito ao corpo.

O laço que prende o espírito ao corpo se chama perispírito e é uma espécie de envoltório fluídico.

A morte destrói o corpo material. O espírito conserva o perispírito que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal.

É por meio do perispírito que os espíritos trabalham no mundo espiritual, como nós trabalhamos com o corpo material aqui na Terra.

O perispírito guarda o resultado de nossas encarnações; é como se fosse um arquivo onde guardamos nosso passado.

O perispírito revela o que nós somos; mostra o que fizemos e diz a todos a que classe de espíritos pertencemos.

É por isso que no mundo espiritual nada pode ficar oculto. Lá ninguém pode fingir ser o que não é. Todas as ações que praticamos gravam-se em nosso perispírito.

Como em um livro aberto todos podem ler no perispírito de cada um o bem e o mal que cada um praticou.

A cor do perispírito varia de acordo com a categoria à qual um espírito pertence; pode ser escura, quase preta, ou brilhante como uma estrela.

Os espíritos imperfeitos possuem um perispírito escuro.

Os espíritos bons possuem um perispírito brilhante.

Os espíritos puros possuem um perispírito luminoso como um sol.

CRISTIANISMO E ESPIRITISMO

Léon Denis

X - A Nova Revelação: A Doutrina dos Espíritos

[...] O homem possui dois corpos: um de matéria grosseira, que o põe em relação com o mundo físico; outro fluídico, por meio do qual entra em relação com o mundo invisível.

O corpo físico é perecível e se desagrega na morte; é um traje vestido para a duração da viagem terrestre. O corpo fluídico é indestrutível, mas purifica-se e se eteriza com os progressos da alma, de que é invólucro inseparável, permanente. Deve ser considerado o verdadeiro corpo, o tipo da criação corporal, o esboço em que se desenvolve o plano da vida física. É nele que se modelam os órgãos, que as células se agrupam; é ele que lhes assegura o mecanismo funcional. O perispírito, ou corpo fluídico, é o agente de todas as manifestações da vida, tanto na Terra, para o homem, como no espaço, para o Espírito. Ele contém a soma da vitalidade necessária ao indivíduo para renascer e desenvolver-se.

Os conhecimentos acumulados no decurso das encarnações anteriores, as recordações das passadas existências se capitalizam e registram no perispírito. Isento das constantes mutações padecidas pelo corpo material, é ele a sede imperecível da memória e assegura a sua conservação.

O admirável plano da vida revela-se na constituição íntima do ser humano. Destinado a habitar, alternativamente, dois mundos diferentes, devia o seu organismo conter todos os elementos suscetíveis de o pôr em relação com esses mundos e neles facilitar a obra do seu progresso. Não somente os nossos sentidos atuais são chamados a desenvolver-se, mas ainda o perispírito encerra, além disso, os germes de novos sentidos que hão-de desabrochar e se manifestar cada vez mais o campo das nossas sensações.

Nossos modos de percepção acham-se em correlação com o grau do nosso adiantamento e em relação direta com o meio em que habitamos. Tudo se encadeia e se harmoniza na natureza física, como na ordem moral das coisas. Um organismo superior ao nosso, não teria razão de ser no ambiente em que o homem vem ensaiar os primeiros passos, percorrer os primeiros estádios do seu infinito itinerário. Nossos sentidos são, porém, suscetíveis de aperfeiçoamento ilimitado. O homem atual possui todos os elementos da sua grandeza futura; em progressão crescente verá ele manifestarem-se, em torno de si, em todas as coisas, propriedades, qualidades que ainda lhe são desconhecidas. Aprenderá a conhecer potências, forças, cuja existência nem sequer suspeita, porque não há possibilidade de relações entre elas e o organismo imperfeito de que dispõe atualmente.

O estudo do perispírito nos revela, desde já, como pode o homem viver simultaneamente da vida física e da vida livre do espaço. Os fenômenos do sonambulismo, do desdobramento, da visão, da ação a distância, constituem outros tantos modos dessa vida exterior, de que não temos consciência alguma durante a vigília. O Espírito, na carne, é qual prisioneiro no cárcere; o estado de sonambulismo e de mediunidade o faz sair dela e lhe permite, mais ou menos, dilatar o círculo de suas percepções, conservando-o preso por um laço ao seu invólucro. A morte é a libertação integral.

A essas diversas formas da vida, correspondem diversos graus de consciência e conhecimento, tanto mais elevados quanto mais livre e adiantado o Espírito na escala das perfeições.

É observando assiduamente esses vários aspectos da existência que se chegará ao perfeito conhecimento do ser. O homem deixará de ser para si mesmo um mistério vivo, já não será, como hoje, privado de noções exatas sobre a sua natureza íntima e o seu futuro.

A ciência oficial tem o dever de estudar as fontes profundas da vida; enquanto limitar suas observações ao corpo físico, que é simplesmente a sua manifestação exterior, superficial, a Fisiologia e a Medicina permanecerão, até certo ponto, impotentes e estéreis.

Vimos, por certas experiências de fotografias e de materialização, como o corpo fluídico emite vibrações, radiações variantes de forma e intensidade, conforme o estado mental do operador. É a demonstração positiva deste fato, afirmado pelas mensagens de além-túmulo: o poder de irradiação do Espírito e a extensão de suas percepções, são sempre proporcionais ao grau de sua elevação. A pureza, a transparência do invólucro fluídico são, no espaço, o irrefragável testemunho do valor da alma; a rarefação dos seus elementos constitutivos, a

amplitude das suas vibrações aumentam com essa purificação. À medida que a moralidade se desenvolve, novas condições físicas se produzem no corpo fluídico.

Os pensamentos, os atos do indivíduo, reagem constantemente sobre o seu invólucro e, conforme a sua natureza, o tornam mais denso ou mais sutil. O estudo perseverante, a prática do bem, o cumprimento do dever em todas as condições sociais, são outros tantos fatores que facilitam a ascensão da alma e aumentam o campo das sensações e soma dos gozos. Mediante prolongado adestramento moral e intelectual, mediante existências meritórias, aspirações generosas e grandes sacrifícios, a irradiação do Espírito se dilata gradualmente; atiram-se as vibrações perispirituais; seu brilho se torna mais vivo, ao mesmo tempo que diminui a densidade do invólucro.

Esses fenômenos se produzem em sentido inverso nos seres inclinados às paixões violentas ou aos prazeres sensuais; seu modo de vida determina no corpo fluídico um aumento de densidade, uma redução das velocidades vibratórias, donde resultam o obscurecimento dos sentidos e a diminuição das percepções na vida do espaço. Persistindo no mal, pode assim o Espírito vicioso fazer do seu organismo um verdadeiro túmulo, em que se encontre como que sepultado depois da morte, até nova encarnação.

Dependendo o poder, a felicidade, a irradiação do Espírito da purificação do seu invólucro, a qual é, de si mesma, a consequência do seu adiantamento moral, compreender-se-á então, como o ser é o artífice da sua própria desgraça ou felicidade, do seu rebaixamento ou elevação. O homem prepara, com os seus atos, o próprio destino; a distribuição das faculdades e virtudes não é mais que o resultado matemático dos merecimentos, dos esforços e longos trabalhos de cada um de nós.

O homem possui dois corpos - dizíamos -; mas esses corpos não são mais que invólucros, revestimentos, um persistente e sutil, outro grosseiro e de efêmera duração. A alma do homem é que é o seu <<eu>> pensante e consciente.

NOTAS COMPLEMENTARES

N. 9 - Sobre o perispírito ou corpo sutil; opinião dos padres da Igreja

Às citações contidas em nosso estudo sobre a ressurreição dos mortos (cap. VII) acrescentaremos as opiniões de alguns padres da Igreja.

Tertuliano declara que a corporeidade da alma é afirmada pelos Evangelhos: "*Corporalitas animae in ipso Evangelico relucescit*", porque - acrescenta ele - se a alma não tivesse um corpo, "a imagem da alma não teria a imagem dos corpos". (Tratado *De anima*, caps. VII, VIII e IX, edição de 1657, pág. 8).

S. Basílio fala do corpo espiritual, como Tertuliano o havia feito. Em seu tratado do Espírito Santo assegura ele que os anjos se tornam visíveis pelas espécies de seu próprio corpo, aparecendo aos que são dignos disso. (S. Basílio, *Liber de Spiritu Sancto*, capítulo XVI, edição benedict. de 1730, t. III, pág. 32).

Essa doutrina era também a de S. Gregório, de S. Cirilo de Alexandria e de Santo Ambrósio. Assim se exprime este último:

"Não se suponha que ser algum seja isento de matéria em sua composição, excetuada unicamente a substância da adorável Trindade." (*Abraham*, liv. II parágrafo 58, ed. benedic. de 1686, t. I, col. 338).

S. Cirilo de Jerusalém escreve:

"O nome "espírito" é um nome genérico e comum: tudo o que não possui um corpo pesado e denso é de um modo geral denominado espírito." (*Catechesis*, XVI, ed. benedic. de 1720, págs. 251, 252).

"Em outras passagens atribui S. Cirilo, quer aos anjos, quer aos demônios, quer às almas dos mortos, corpos mais sutis que o corpo terrestre: *Cat.* XII, parágrafo 14; *Cat.* XVIII, parágrafo 19." (Obra citada, pág. 252. *Nota do beneditino Dom A. Toutée*).

Evódio, bispo de Uzala, escreve em 414 a Santo Agostinho, inquirindo-o acerca - da natureza e causa de aparições de que lhe dá muitos exemplos, e para lhe perguntar se depois da morte:

"Quando a alma abandonou este corpo grosseiro e terrestre, não permanece a substância incorpórea unida a algum outro corpo, não composto dos quatro elementos como este, porém, mais sutil, e que participa da natureza do ar ou do éter?"

E assim termina a sua carta:

“Acredito, portanto, que a alma não poderia existir sem corpo algum.” (Obra de Santo Agostinho, edição benedict. de 1679, t. II, carta 158, col. 560 e seguintes).

Ver também a carta de Santo Agostinho a Nebrido, escrita em 390, em que o bispo de Hipona assim se exprime:

“Necessário é te recordares de que agitamos muitas vezes, em discussões que nos punham excitados e sem fôlego, essa questão de saber se a alma não tem por morada alguma espécie de corpo, ou alguma coisa análoga a um corpo, que certas pessoas, como sabes, denominam o seu “veículo”. (*Santo Agostinho*, op. cit., t. II, carta 14, cols. 16 e 17).

Diz S. Bernardo:

Atribuiremos, pois, com toda a segurança unicamente a Deus a verdadeira incorporeidade, assim como a verdadeira imortalidade; porque, único entre os espíritos, ultrapassa toda a natureza corporal, o suficiente para não ter necessidade do concurso de corpo algum para qualquer trabalho, pois que só a sua vontade espiritual, quando a exerce, tudo lhe permite fazer.” (*Sermão VI in Cantica* ed. Mabillon, t. I, col. 1277).

Finalmente, S. João de Tessalonica resume nestes termos a questão, em sua declaração ao segundo concílio de Nicéia (787), o qual adotou suas próprias opiniões:

“Sobre os anjos, os arcanjos e as potências - acrescentarei também - sobre as almas, a Igreja decide que esses seres são na verdade espirituais, mas não completamente privados de corpo, ao contrário, dotados de um corpo “tênue, aéreo ou ígneo”. Sabemos que assim têm entendido muitos santos padres, entre os quais Basílio, cognominado o grande, o bem-aventurado Atanásio e Metódico e os que ao lado deles são colocados. Não há senão Deus, unicamente, que seja incorpóreo e sem forma. Quanto às criaturas espirituais, não são de modo algum incorpóreas.” (História Universal da Igreja Católica, pelo abade Rohrbacher, doutor em Teologia, tomo. XI, págs. 209, 210).

Um concílio, realizado no Delfinado, na cidade de Viena, em 3 de abril de 1312, sob Clemente V, declarou heréticos os que não admitissem a materialidade da alma. (*O Espiritualismo na História*, de Rossi de Giustiniani).

Acreditamos dever lembrar essas opiniões, porque constituem outras tantas afirmações em favor da existência do perispírito. Este não é realmente outra coisa senão esse corpo sutil, invólucro inseparável da alma, indestrutível, quanto ela, entrevisto pelas autoridades eclesiásticas de todos os tempos.

Essas afirmações são completadas pelos testemunhos da ciência atual. As sucessivas pesquisas da Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, evidenciaram mil e seiscentos mortos. A existência do perispírito é, além disso, demonstrada por inúmeras moldagens de mãos e rostos fluídicos materializados, pelos fenômenos de exteriorizações e desdobramentos de vivos, pela visão dos médiuns e sonâmbulos, por fotografias de sonâmbulos, por fotografias de falecidos, numa palavra, por um imponente conjunto de fatos devidamente comprovados¹⁶⁶.

Certos escritores católicos confundem voluntariamente a ação do perispírito e suas manifestações depois da separação do corpo humano com a idéia da “ressurreição da carne”. Já fizemos notar que essa expressão raramente se encontra nas Escrituras. Aí de preferência se encontra a de “ressurreição dos mortos”. (Ver, por exemplo, I *Coríntios*, XV, 15 e seguintes).

A ressurreição da carne se torna impossível pelo fato de que as moléculas componentes do nosso corpo atual pertenceram no passado a milhares de corpos humanos, como pertencerão a milhares de outros corpos no futuro. No dia do juízo, qual deste poderia reivindicar a posse dessas moléculas errantes?

A ressurreição é um fato espírita, que só o Espiritismo torna compreensível. Para o explicar, são os católicos obrigados a recorrer ao milagre, isto é, à violação, por deus das leis naturais por ele próprio estabelecidas.

Como, sem a existência do perispírito, sem a dupla corporeidade do homem, poder-se-iam explicar os numerosos casos de bilocação relatados nos anais do Catolicismo?

Afonso de Liguóri foi canonizado por se haver mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes.

Santo Antônio defende seu pai de uma acusação de assassinio perante o Tribunal de Pádua, e denuncia o verdadeiro culpado, no momento mesmo em que pregava na Espanha, em presença de grande número de fiéis.

¹⁶⁶ Ver A. De Rochas, “Exteriorização da sensibilidade” e “Exteriorização da motricidade”; - G. Delanne, “Aparições materializadas dos vivos e dos mortos”; - H. Durville, “O Fantasma dos vivos”.

S. Francisco Xavier se mostra várias vezes à mesma hora em lugares muito distantes entre si.

É possível deixar de ver nesses fatos casos de desdobramento do ser humano, e a ação, a distância, do seu invólucro fluídico?

O mesmo sucede com os numerosos casos de aparições de mortos, mencionados nas Escrituras. Eles não são explicáveis senão pela existência de uma forma semelhante a outra que na Terra o Espírito possuía, mais sutil, porém, e mais tênue, e que sobrevive à destruição do corpo carnal. Sem perispírito, sem forma, como poderiam os Espíritos fazer-se reconhecer pelos homens? Como se poderiam eles, no espaço, entre si reconhecer?

CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

José Herculano Pires

XI - RELAÇÕES MEDIÚNICAS NATURAIS

[..] Os Espíritos são considerados como criaturas humanas naturais, apenas desprovidas de sus corpos carnis. Simplesmente trocaram de roupas ao viajar para outra dimensão da realidade que escapa aos nossos sentidos físicos. A morte se transforma na páscoa da ressurreição, pois a palavra páscoa, derivada do hebraico, quer dizer passagem. O espírito não se reveste da carne, mas a matéria fluídica do perispírito. Kardec assinalou que essa matéria fluídica é semimaterial, ou seja, constituída de elementos espirituais e materiais em mistura. A descoberta da antimatéria e do corpo bioplásmico vieram sanar as dúvidas dos sábios a respeito. As pesquisas da Universidade Kirov, na URSS, levaram os cientistas à comprovação de que o corpo bioplásmico é constituído por um plasma físico, ou seja, um elemento que William Crookes descobriu no século passado e chamou de *matéria radiante*, considerando-o como quarto estado da matéria. Os elementos espirituais se mesclam nesse plasma, constituído de partículas atômicas livres (não ligadas à estrutura de nenhum átomo) formando assim a semimatéria do espírito, que estabelece a ligação entre o espírito e o corpo material. O fato de a antimatéria, ao contrário do que pensavam os físicos até há pouco, não estar separada da matéria, mas entranhada nela, explica a constituição semimaterial do chamado corpo espiritual. A imagem da crisálida que se livra do casulo para abrir as asas e librar-se no ar, em forma de borboleta, tantas vezes aplicada à morte, confirma a sua validade nessa importantíssima descoberta científica do nosso tempo.

XIV - OS TRÊS CORPOS DO HOMEM

O problema dos corpos humanos tem uma longa e confusa tradição, baseada em revelações antigas e entremeada de superstições populares. Na tradição cristã firmou-se a teoria dos dois corpos referidos pelo Apóstolo Paulo na 1ª Espístola aos Coríntios: o corpo animal ou material e o corpo espiritual. Kardec pesquisou o assunto com a insistência e o rigor que o caracterizavam e chegou a conclusões objetivas de que o homem é dotado de três corpos, que são:

a) o corpo animal ou material mencionado por Paulo, que é o corpo orgânico sujeito à destruição pela morte;

b) o corpo espiritual referido por Paulo, que Kardec verificou ter a constituição semimaterial, com energias espirituais e materiais em mistura, destinado a ligar a alma ao corpo e a servir à ressurreição logo após a morte; esse corpo não está sujeito à morte material, mas à transformação após a morte para servir na ressurreição, e sujeito à destruição por abusos do espírito no plano espiritual inferior e às modificações exigidas por futura reencarnação, para adaptar-se a novas formas e a novas determinações genésicas e hereditárias;

c) o corpo espiritual superior, desprovido de matéria, em que o espírito, livre daquele envoltório, vive a *vida eterna* de que falam as religiões; esse corpo é inacessível à nossa percepção, a não ser como uma *centelha etérea*, segundo a expressão Kardeciana; é o corpo natural do espírito em seu estado de pureza espiritual e só pode ser usado pelas entidades que atingiram a finalidade das reencarnações, deixando o plano da erraticidade.

A trindade humana, constituída de *Espírito, Perispírito e Corpo*, realiza assim a *transformação* de que trata o Apóstolo Paulo, atingindo a síntese suprema da evolução nos corpos inferiores. Dessa maneira, o *corpo espiritual superior* reflete em sua estrutura angélica real e indestrutível:

a - A Trindade Universal de Deus, Espírito e Matéria.

b - A Trindade doutrinária de Ciência, Filosofia e Religião.

Essas duas Trindades Superiores, referentes à concepção do Cosmos e à concepção da Doutrina Espírita.

Temos assim a comprovação, no mais alto plano da realidade espiritual, do princípio doutrinário enunciado no *O Livro dos Espíritos*: Tudo se encadeia no Universo.

Por outro lado, essa comprovação da eterna seqüência de coisas e dos seres revela-nos a integração do Espiritismo na realidade cósmica, na correspondência perfeita da Realidade Total com a fragmentária realidade parcial das coisas finitas e dos seres perecíveis, que na verdade não perecem nunca, passando apenas pela lei universal da metamorfose, que a tudo impulsiona sem cessar nas linhas ascensionais da transcendência. Ela nos revela, também, a perenidade da Doutrina Espírita cujas marcas, segundo Kardec, são encontradas em todas as fases a-históricas e históricas da evolução terrena.

Esta concepção cósmica do Espiritismo, que ressalta dos textos de Kardec, como vimos, confirma a Doutrina das Idéias, de Platão, que nos apresenta o mundo fragmentário da matéria como reflexo estilizado da Realidade Superior, una e perfeita na Mente de Deus. Platão é o reflexo do pensamento de Sócrates, e Kardec considerou a ambos como precursores da Idéia Cristã. Na atualidade temos a mesma confirmação no rápido e espantoso desenvolvimento da Ciência terrena, que comprovou em nosso tempo a realidade do Espiritismo com a descoberta dos fenômenos paranormais, da plenitude do Universo (*onde o nada não existe e o nada não é nada*, segundo a expressão de Kardec, a existência das múltiplas dimensões da Realidade, na natureza subjetiva e portanto espiritual do homem na existência, a descoberta tecnológica do perispírito (corpo bioplásmico), a interpretação dos mundos num mesmo espaço, o poder assombroso do pensamento, a possibilidade de invasão do Cosmos por naves e astronautas e assim por diante.

A luta contra a realidade, na defesa de ilusões teológicas e ideológicas, não cessou e até mesmo se acirrou. Recursos escusos do meio científico, do campo religioso e de certos Estados, cuja estrutura política e social repousam em pressupostos do século passado, são mobilizados contra essas conquistas, num desesperado anseio de diminuir-lhes o alcance e a significação. Na URSS e sua órbita a questão é de sufocar a qualquer custo todas as possibilidades científicas que se oponham ao materialismo de Estado. Nos Estados Unidos e outras potências ocidentais são os interesses políticos e eleitorais que se mobilizam na defesa dos interesses religiosos de igrejas e seitas retrógradas, apegadas a princípios arcaicos, envelhecidos de quatro a seis mil anos, para asfixiar ou minimizar as novas descobertas. Chega-se ao ponto, em instituições científicas ou paracientíficas, de tentar encobrir realidade do plasmáfísico, de que se compõe o corpo bioplásmico, com o frágil disfarce do *efeito corona*. Os valores falhos dos dogmas religiosos e os interesses materiais imediatos dos clérigos e seus rebanhos fanáticos são superpostos à verdade crua e ardente das pesquisas científicas, para salvação das estruturas simoníacas das instituições religiosas, em que dormem à tripafôrra os devoradores de dízimos estabelecidos pelos rabinos judeus no Templo de Jerusalém, numa civilização agrária e pastoril. A estrutura do Estado é também ameaçada pelo fantasma de matéria radiante do corpo bioplásmico, que afeta poderosos interesses criados, tradições invioláveis, a glória de messias e profetas que descobriram tábuas de ouro nas montanhas provando que o Cristo pregou em terras da América, semeando verdades mirabolantes para os apaches de cara pálida e os fogosos peles-vermelhas de penachos coloridos.

Este quadro grotesco da realidade mundial em nosso tempo não precisa de pinceladas à Van Gogh para torná-lo mais forte e impressionante. Basta a sua realidade nua para mostrar a rede de mentiras em que caímos no passado, com as falsas culturas religiosas que, nascida das entranhas do paganismo ingênuo, da idolatria supersticiosa e do fabulário mitológico, revigorou-se nas estruturas sócio-econômicas do profissionalismo religioso.

As mesmas forças que se opuseram, de maneira agressiva e violenta, ao desenvolvimento das pesquisas científicas no Renascimento, continuam a agir, agora de maneira mais sutil e por isso mais profunda, mais penetrante e ameaçadora, contra o avanço e desenvolvimento da Ciência em nosso tempo. Claro que essa

batalha inglória será vencida pelas simples evidências da realidade, que nunca pediu nem pede licença aos homens para aparecer e impor-se. Mas essas forças retrógradas conseguem retardar a libertação do homem, num mundo em que a maioria absoluta da população não tem possibilidade de penetrar nos segredos da Ciência, nem tempo disponível para tentar essa façanha, permanecendo à margem da cultura do século e por isso mesmo obrigada a contentar-se com as crenças e superstições de um passado remoto.

A constituição semimaterial do perispírito, segundo Kardec, foi confirmada pela descoberta russa de que o *corpo bioplásmico* é formado de plasma físico. Para os russos, isso seria uma prova favorável à ideologia do Estado, mas a prova seguinte, de que esse corpo sobrevive à morte do corpo, escapando às possibilidades tecnológicas de sua captação visual ou fotográfica, incidiu na condenação materialista, por atentar contra o dogma do homem-pó. É essa a mais espantosa contradição do nosso século. A própria potência que enviou à órbita da Terra o primeiro Sputnik e tanto exalta o poder do homem, negando a existência de Deus, nega ao homem e a sua personalidade, à sua inteligência criadora, o direito que a Ciência concede a todas as coisas e seres: o da continuidade após o acidente natural da morte. Tudo morre e renasce, menos o homem, a mais complexa e perfeita organização psicobiológica, com o mais poderoso cérebro e a mais penetrante das mentes.

A ojeriza materialista é contra a teoria da sobrevivência individual. Tudo morre e renasce, segundo eles, revertendo-se ao pó para novas elaborações ocasionais. Os valores espirituais ficam na dependência exclusiva dos caprichos de algum alquimista medieval que nunca morreu. Não obstante, sustentam a teoria da evolução contínua, incessante e criadora, que o homem pode controlar. Há tantas contradições nas doutrinas religiosas do mundo, quanto nas doutrinas materialistas. Por isso, onde uma delas domina, os cientistas e pensadores sinceros e objetivos, que buscam a realidade, experimentam em nosso século as mesmas discriminações, condenações e expurgos. A realidade da sobrevivência individual do homem, provada na Universidade de Kirov, deslumbrou os seus descobridores e revelou as possibilidades inesperadas que pode abrir para a evolução terrena, mas os *comissários do povo*, agindo contra a vontade generalizada de um povo de intensa e profunda tradição espiritual, rejeitaram a descoberta em nome do povo. Mas a verdade é que a explosão mediúmica no mundo não pede licença a comissários, nem a padres, pastores ou cientistas para continuar existindo.

A luta do homem para vencer a sua esquizofrenia, restabelecendo a unidade do espírito ante a realidade material do mundo, vem das selvas aos nossos dias. A razão humana, servida pela experiência, venceu os conflitos do caos aparente da Natureza e estabeleceu as conexões necessárias entre não física e a realidade física para dominar o caos. Todas as filosofias e todas as ciências se desenvolvem nesse sentido, mas o chamado Materialismo Científico ergueu a sua barreira, juntamente com a barreira tecnológica - ambas formadas de dogmáticas exclusivistas - para impedir a ferro e fogo que o homem alcance o real. Hoje, para que a verdade se estabeleça na cultura humana, é necessário que o Espiritualismo formalista e o Materialismo Científico se neguem a si mesmos, revertendo-se a síntese hegeliana de uma cultura objetiva e aberta.

Ernst Cassirer, em seu ensaio sobre *A Tragédia da Cultura*, cujo desenvolvimento superou a capacidade humana de dominá-la, esqueceu-se deste problema fundamental que Kardec já havia colocado há mais de um século. A grande tragédia cultural de nosso tempo não é o acúmulo cada vez mais de conhecimentos e a atomização das especialidades, mas a impossibilidade material de vencer barreiras dogmáticas, cada vez mais reforçadas pelos interesses criados nos dois campos dogmáticos.

Os três corpos do homem têm funções gerais e específicas, desdobrando-se em planos sucessivos de manifestação, a partir do contexto humano. Vejamo-los nesse encadeamento em que eles parecem um foguete espacial, indo da Terra ao Infinito, no abandono sucessivo dos estágios inferiores:

a) o corpo material é o que define, na concepção terrena, o que geralmente se considera como *condição humanai*. Provindo da evolução animal, Paulo teve razão de chamá-lo corpo animal. Todo o seu sistema psicobiológico é a resultante do processo evolutivo terreno. Todos os seus instrumentos de captação da realidade funcionam em ritmo de estímulo e resposta. Sua razão se constitui de categorias formadas na experiência. Não obstante, o seu espírito supera esse condicionamento através de percepções extrasensoriais, de intuições imediatas e globais de um conjunto gestáltico que vi arrancando-o do imediatismo vivencial para lançá-lo no plano existencial consciente. A organização animal do corpo é mantida e dominada pelo espírito, onde razão e consciência se desenvolvem paralelamente. A evolução de um homem se verifica pelo desenvolvimento de razão e consciência num plano superior de critério cada vez mais espiritualizado. O homem se liberta de suas raízes animais e prepara-se para a transcendência. Frederic Myers, psicólogo inglês dos fins do século passado, considera que o inconsciente humano é uma segunda consciência subliminar

detém as faculdades necessárias à vida terrena, a consciência supraliminar auxilia aquela através de emersões de idéias, sensações profundas e intuições, a desenvolver-se no plano extrasensorial. É da consciência supraliminar que provêm as captações extrasensoriais. É nela que encontramos a fonte da genialidade e dos fenômenos paranormais. Essa consciência pertence ao perispírito.

b) O perispírito, corpo espiritual ou corpo bioplásmico possui, em sua estrutura extremamente dinâmica, os centros de força que organiza o corpo material. É o modelo energético previsto com grande antecedência por Claude Bernard. Os pesquisadores russos compararam esse corpo, visto através das câmaras Kirlian de fotografia paranormal, em conjugação com telescópio eletrônico de alta potência, a um pedaço de céu intensamente estrelado. Esse é o corpo da ressurreição espiritual do homem, dotado de todos os recursos necessários para a vida após a morte. Esse corpo de plasma físico e plasma espiritual vai perdendo seus elementos materiais na vida espiritual, na proporção exata da evolução do espírito. Nas pesquisas russas verifico-se que, na produção de fenômenos mediúnicos de movimentação de objetos sem contato, levitação e transporte, o elemento empregado é o plasma, o que confirma as pesquisas de Richet e de Notzing sobre o ectoplasma. Essa é uma das razões porque esses fenômenos só são produzidos por espíritos inferiores, que Kardec comparou a carregadores do espaço a serviço de entidades superiores. Os exames de porções de ectoplasma em laboratório revelam apenas a constituição física do mesmo. O elemento mais importante e vital do ectoplasma é a energia espiritual, que não permanece nas porções colhidas pelos pesquisadores. Nesse corpo, segundo os pesquisadores russos, as condições de doença e saúde e a previsão de doenças nas plantas, nos animais e no homem são feitas com grande precisão através das variações de cores do plasma e um sistema de sinais coloridos ainda em estudo.

c) O corpo espiritual superior destina-se à vida nos planos mais elevados do Mundo Espiritual. Não se pode considerá-lo como um instrumento de comunicação, pois constitui-se do próprio espírito em sua exterioridade natural. Kardec assinala que esses Espíritos Puros não têm mais nada com a matéria, nem a matéria os afeta. Mas como têm forma e são criaturas humanas elevadas ao máximo grau de perfeição espiritual que os homens podem atingir, seu corpo é de luz. Na verdade, não dispomos de palavras nem de idéias para imaginá-los ou descrevê-los. No seu plano superior não veríamos nem sentiríamos nada. No tocante a eles, a pesquisa de Kardec reduziu-se a diálogos com os seus instrutores. Por outro lado, socorreu-se da lógica, como sempre fez, para dar as informações que encontramos na Escala Espírita.

Kardec considera esses Espíritos Puros como os Ministros de Deus, através dos quais a administração de toda a Realidade Cósmica se processa em todos os sentidos. Quando nos reconhecermos a nós mesmos, segundo a recomendação do Oráculo de Delfos a Sócrates, poderemos imaginar o que são essas criaturas e como vivem e agem no Inefável, segundo a concepção pitagórica. Antes disso, é inútil nos esforçarmos para defini-las. Só com o desenvolvimento de toda a nossa perfectibilidade possível, como queria Kant, conseguiremos obter os parâmetros capazes de nos dar uma pálida visão dessa vida superior. Kant, conseguiremos obter os parâmetros capazes de nos dar uma pálida visão dessa vida superior. Kant referia-se à *perfectibilidade possível* na vida terrena. Acima desta existem os planos espirituais progressivos e, depois deles, o plano da Angelitude, que é precisamente o dos Espíritos Puros.

Não podemos nos atrever a solucionar esse problema, cujos dados nos escapam. Há questões que não podem ser tratadas em nosso estágio evolutivo. Mas já é importante possuímos algumas informações providas de entidades que passaram pelos testes rigorosos de Kardec. O Espírito Puro é para nós uma abstração, como abstração também é a Matemática, de que nos servimos para medir e pesar o mundo. O que precisamos evitar, no estudo dos corpos do homem, é o fascínio da imaginação, que costuma levar-nos além de toda a realidade possível.

Várias instituições espiritualistas do mundo criaram complicadas teorias sobre os corpos do homem, chegando a dar-lhes o número atordoante e cabalístico dos véus de Isis. No próprio movimento espírita, que devia aprofundar o conhecimento de sua própria doutrina, ainda tão mal conhecida e pior compreendida, pretensos mestres introduziram conceitos estranhos sobre esse problema. Kardec negou-se a estas fascinações do maravilhoso, lutou para afastar da mente humana os resíduos mágicos do passado, dando à Doutrina Espírita a clareza positiva da Ciência, sempre apoiado na razão e na pesquisa. Seu esquema tríptico dos corpos do homem é uma síntese luminosa de todos os esforços da Humanidade para compreender essa questão de importância fundamental. Não podemos nos levar pela vaidade ingênua e fátua de aparecer como sábios perante as multidões incultas, vangloriando-nos como pavões do colorido fictício de nossa plumagem. O Espiritismo busca a verdade pura, que é sempre simples, pois não necessita de visagens para impor-se às mentes perquiridoras e sensatas. Deixemos de caudas brilhantes fascinando os imaturos e tratemos de

amadurecer no exame objetivo da realidade acessível ao nosso conhecimento imediato. Aprendamos a distinguir a pureza lógica do Espiritismo das fábulas religiosas e espiritualistas que se cevam, através dos milênios, no gosto do homem pelo maravilhoso. Não há maravilha maior do que a Obra de Deus em sua realidade pura. Qual o fabulário mitológico que pode sobrepor-se ao mistério e à beleza de um só microscópico sistema solar atômico ou de uma folha verdolenga de relva brotando entre as pedras da calçada? O tempo das figurações simbólicas, já passou para a Humanidade Terrena, como a dos Contos da Carochinha já passou para as crianças de hoje. Elas mesmas, as crianças, exigem a verdade das coisas naturais em substituição às fantasias imaginosas do passado. Os espíritas não têm o direito de menosprezar as lições do Espírito da Verdade, ministradas por Kardec, em favor de mentiras ridículas que vão buscar poeira de civilizações mortas, cujo próprio desaparecimento atestam que se esgotaram no tempo. Tenhamos a humildade de nos contentar com os nossos três corpos, ao invés de buscarmos em ruínas milenares os corpos das múmias faraônicas soterradas na areia. Estudemos o nosso passado de ilusões e atrocidades para nos corrigirmos no presente, mas não tentemos colocá-lo acima da realidade límpida e positiva que o Espiritismo nos proporciona.

DE FRANCISCO DE ASSIS PARA VOCÊ...

Humberto L. De Araújo

Estranha “Lua de Mel”

[...] Pedro precisava receber aquele impacto violento para refletir. Se a reflexão não se efetivasse na sua atual reencarnação, ficaria o fato gravado no seu duplo etéreo ou perispírito como uma experiência a ser devidamente aproveitada em futuras oportunidades na espiral evolutiva daquele espírito. [...]

Provados na Fé

[...] Naquele instante, o corpo de Francisco irradiou tamanha carga magnética que cerca de duas mil entidades das sombras saíram daqueles corpos, provocando uma forte ventania que levantou uma onda de poeira e derrubou algumas árvores. [...]

A Gloriosa Coroa Crística

Estamos em 16 de julho de 1228. Gregório IX, Papa reinante, assina a seguinte sentença: “A vida extraordinariamente santa, do homem totalmente santo não precisa de confirmação por milagres, pois a vimos com os próprios olhos e apalpamos com nossas próprias mãos, e a examinamos na verdade.”[...]

DEPOIS DA MORTE

Léon Denis

IV - A GRÉCIA

[...] “Amai, porque tudo ama; amai, porém, a luz e não as trevas. Durante a vossa viagem tende sempre em mira esse alvo. Quando as almas voltam ao espaço, trazem, como hediondas manchas, todas as faltas da sua vida estampadas no corpo etéreo... E, para apagá-las, cumpre que expiem e voltem à Terra. Entretanto, os puros, os fortes, vão para o sol de Dionísios.”

VI - O CRISTIANISMO

[...] A ciência profunda de Jesus vinha juntar-se à potência fluídica do iniciado superior, da alma livre do jugo das paixões, cuja vontade domina a matéria e impera sobre as forças sutis da Natureza. O Cristo possuía a dupla vista; seu olhar sondava os pensamentos e as consciências; curava com uma palavra, com um sinal, ou mesmo somente bastando a sua presença. Eflúvios benéficos se lhe escapavam do ser, e à sua ordem os maus espíritos se afastavam. Comunicava-se facilmente com as potências celestes, e, nas horas de provação, alentava desse modo a força moral que lhe era necessária em sua viagem dolorosa. No Tabor, seus discípulos, deslumbrados, o vêem conversar com Moisés e Elias. É assim mesmo que mais tarde, depois de crucificado, Jesus lhes aparece na irradiação do seu corpo fluídico⁵¹, etéreo, desse corpo a que Paulo se refere nos seguintes termos: “Há em cada homem um corpo animal e um corpo espiritual.”⁵² A existência desse corpo espiritual está demonstrada pelas experiências da psicologia moderna.

Não podem ser postas em dúvida tais aparições, pois explicam por si sós a persistência da idéia cristã. Depois do suplício do Mestre e da dispersão dos discípulos, o Cristianismo estava moralmente morto. Foram, porém, as aparições e as conversas de Jesus que restituíram aos apóstolos sua energia e sua fé. [...]

XXI - O PERISPÍRITO OU CORPO ESPIRITUAL

Os materialistas, em sua negação da existência da alma, muitas vezes têm apelado para a dificuldade de conceberem um ser privado de forma. Os próprios espiritualistas não sabem explicar como a alma imaterial, imponderável, poderia presidir a unir-se estreitamente ao corpo material, de natureza essencialmente diferente. Essas dificuldades encontram solução nas experiências do Espiritismo.

Como precedentemente já o dissemos, a alma está, durante a vida material, assim como depois da morte, revestida constantemente de um envoltório fluídico, mais ou menos sutil e etéreo, que Allan Kardec denominou *perispírito* ou corpo espiritual. Como participa simultaneamente da alma e do corpo material, o perispírito serve de intermediário a ambos: transmite à alma as impressões dos sentidos e comunica ao corpo as vontades do Espírito. No momento da morte, destaca-se da matéria tangível, abandona o corpo às decomposições do túmulo; porém, inseparável da alma, conserva a forma exterior da personalidade desta. O perispírito é, pois, um organismo fluídico; é a forma preexistente e sobrevivente do ser humano, sobre a qual se modela o envoltório carnal, como uma veste dupla e invisível, constituída de matéria quintessenciada, que atravessa todos os corpos por mais impenetráveis que estes nos pareçam.

A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. É perispírito o que garante a manutenção da estrutura humana e dos traços fisionômicos, e isto em

⁵¹ Ver **Notas Especiais** à 10ª edição, de 1977, no fim do volume.

⁵² I Coríntios, 15:15 a 8. Nesta epístola, Paulo enumera as aparições do Cristo depois da sua morte. Conta seis, uma dessas aos **Quinhentos** “dos quais alguns ainda estão vivos”. A última é no caminho de Damasco, fazendo com que Paulo, inimigo encarniçado dos cristãos, se tornasse o mais ardente dos apóstolos.

todas as épocas da vida, desde o nascimento até a morte. Exerce, assim, a ação de uma forma, de um molde contrátil e expansível sobre o qual as moléculas vão incorporar-se.

Esse corpo fluídico não é, entretanto, imutável; depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através das suas inumeráveis encarnações; com ela sobe os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante de que falam as Bíblias (antigas) e os testemunhos da História a respeito de certas aparições. É no cérebro desse corpo espiritual que os conhecimentos se armazenam e se imprimem em linhas fosforescentes, e é sobre essas linhas que, na reencarnação, se modela e forma o cérebro da criança. Assim, o intelecto e o moral do Espírito, longe de se perderem, capitalizam-se e se acrescem com as existências deste. Daí as aptidões extraordinárias que trazem, ao nascer, certos seres precoces, particularmente favorecidos.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os nobres impulsos para o bem e para o ideal, as provações e os sofrimentos pacientemente suportados, depuram pouco a pouco as moléculas perispíricas, desenvolvem e multiplicam as suas vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e só deixam subsistir as mais sutis, as mais delicadas.

Por efeito inverso, os apetites materiais, as paixões baixas e vulgares reagem sobre o perispírito e o tornam mais pesado, denso e escuro. A atração dos globos inferiores, como a Terra, exerce-se de modo irresistível sobre esses organismos espirituais, que, em parte, conservam as necessidades do corpo e não podem satisfazê-las. As encarnações dos Espíritos que sentem tais necessidades sucedem-se rapidamente, até que o progresso pelo sofrimento venha atenuar suas paixões, subtrai-los às influências terrestres e abrir-lhes o acesso de mundos melhores.

Estreita correlação liga os três elementos constitutivos do ser. Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais sutil, leve e brilhante é o perispírito, tanto mais isento de paixões e moderado em seus apetites ou desejos é o corpo. A nobreza e a dignidade da alma refletem-se sobre o perispírito, tornando-o mais harmonioso nas formas e mais etéreo; revelam-se até sobre o próprio corpo: a face então se ilumina com o reflexo de uma chama interior.

É pelas correntes magnéticas que o perispírito se comunica com a alma. É pelos fluidos nervosos que ele está ligado ao corpo. Esses fluidos, posto que invisíveis, estão ligados ao corpo. Esses fluidos, posto que invisíveis, são vínculos poderosos que o prendem à matéria, do nascimento à morte, e mesmo, nos sensuais, assim o conservam, até à dissolução do organismo. A agonia representa a soma de esforços realizados pelo perispírito a fim de se desprender dos laços carnis.

É pelas correntes magnéticas que o perispírito se comunica com a alma. É pelos fluidos nervosos que ele está ligado ao corpo. Esses fluidos, posto que invisíveis, são vínculos poderosos que o prendem à matéria, do nascimento à morte, e mesmo, nos sensuais, assim o conservam, até a dissolução do organismo. A agonia representa a soma de esforços realizados pelo perispírito a fim de se desprender dos laços carnis.

O fluido nervoso ou vital, de que o perispírito é a origem, exerce um papel considerável na economia orgânica. Sua existência e seu modo de ação podem explicar bastantes problemas patológicos. Ao mesmo tempo agente de transmissão das sensações externas e das impressões íntimas, ele é comparável ao fio telegráfico, transmissor do pensamento, e que é percorrido por uma dupla corrente.

A existência do perispírito era conhecida dos antigos. Pelas palavras - *Ochéma e Férouer*, os filósofos gregos e orientais designavam o invólucro da alma "lúcido, etéreo, aromático". Segundo os persas, assim que chega a hora da reencarnação, o *Férouer* atrai e condensa em torno de si as moléculas materiais que são necessárias à constituição do corpo, e, pela morte deste, as restitui aos elementos que, em outros meios, devem formar novos invólucros carnis. O Cristianismo também conserva vestígios dessa crença. S. Paulo, em sua primeira epístola aos Coríntios, exprime-se nos seguintes termos:

"O homem está na Terra com um corpo animal e ressuscitará com o corpo espiritual. Assim como tem um corpo animal, também possui um corpo espiritual."

Embora em diversas épocas tenha sido afirmada a existência do perispírito, foi ao Espiritismo que coube determinar o seu papel exato na natureza. Graças às experiências de Crookes e de outros sábios ingleses, sabemos que o perispírito é o instrumento com cujo auxílio se executam todos os fenômenos do Magnetismo e do Espiritismo. Esse organismo espiritual, semelhante ao corpo material, é um verdadeiro reservatório de fluidos, que a alma põe em ação pela sua vontade. É ele que, no sono natural como no sono provocado, se desprende da matéria, transporta-se a distâncias consideráveis e, na escuridão da noite como na claridade do dia, vê, percebe e observa coisas que o corpo não poderia conhecer por si.

O perispírito tem, portanto, sentidos análogos aos do corpo, porém muito mais poderosos e elevados. Ele tudo vê pela luz espiritual, diferente da luz dos astros, e que os sentidos materiais não podem perceber, embora esteja espalhada em todo o Universo.

A permanência do corpo fluídico, antes como depois da morte, explica também o fenômeno das aparições ou materializações de Espíritos. O perispírito, na vida livre do espaço, possui virtualmente todas as forças que constituem o organismo humano, mas nem sempre as põe em ação. Desde que o Espírito se acha nas condições requeridas, isto é, desde que pode retirar do médium a matéria fluídica e a força vital necessárias, ele as assimila e reveste, pouco a pouco, as aparências do corpo terrestre. A corrente vital circula, então, e, sob a ação do fluido que recebe, as moléculas físicas coordenam-se segundo o plano do organismo, plano de que o perispírito reproduz os traços principais. Logo que o corpo humano fica reconstituído, o seu organismo entra em funções.

As fotografias e os moldes obtidos em parafina mostram-nos que esse novo corpo é idêntico ao que o Espírito animava na Terra; mas essa vida só pode ser temporária e passageira, porque é anormal, e os elementos que a produzem, após uma curta condensação, voltam às fontes donde foram emanados.

XXIII - A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

As relações seculares entre os Espíritos e os homens, confirmadas, explicadas pelas recentes experiências do Espiritismo, demonstram a sobrevivência do ser sob uma forma fluídica mais perfeita.

Essa forma indestrutível, companheira e serva da alma, testemunho de suas lutas e de seus sofrimentos, participa de suas peregrinações, eleva-se e purifica-se com ela. Gerado nos últimos degraus da animalidade, o ser perispiritual sobe lentamente a escala das espécies, impregnando-se dos instintos das feras, das astúcias dos felinos, e também das qualidades, das tendências generosas dos animais superiores. Até então mais não é que um ser rudimentar, um esboço incompleto. Chegando à Humanidade, começa a ter sentimentos mais elevados; o espírito irradia com maior vigor e o perispírito ilumina-se com claridades novas. De vidas em vidas, à proporção que as faculdades se dilatam, que as aspirações se depuram, que o campo dos conhecimentos se alarga, ele se enriquece com sentidos novos. Como a borboleta que sai crisálida, assim também o corpo espiritual desprende-se de seus andrajos de carne, sempre que uma encarnação termina. A alma, inteira e livre, retoma posse de si mesma e, considerando, em seu aspecto esplêndido ou miserável, o manto fluídico que a cobre, verifica seu próprio estado de adiantamento.

Como o carvalho que guarda em si os sinais de seus desenvolvimentos anuais, assim também o perispírito conserva, sob suas aparências presentes, os vestígios das vidas anteriores dos estados sucessivamente percorridos. Esses vestígios repousam em nós muitas vezes esquecidos; porém, desde que a alma os evoca, desperta a sua recordação, eles reaparecem, com outras tantas testemunhas, balizando o caminho longa e penosamente percorrido.

Os Espíritos atrasados têm envoltórios impregnados de fluidos materiais. Sentem ainda depois da morte as impressões e as necessidades da vida terrestre. A fome, o frio e a dor subsistem entre aqueles que são mais grosseiros. Seu organismo fluídico, obscurecido pelas paixões, só pode vibrar fracamente, e, portanto, suas percepções são mais restritas. Nada sabem da vida do espaço. Em si e ao seu redor tudo são trevas.

A alma pura, livre das atrações bestiais, conforma um perispírito semelhante a si própria. Quanto mais sutil for esse perispírito, tanto maior força expenderá, tanto mais se dilatarão suas percepções. Participa de meios de existência de que apenas podemos fazer uma idéia; inebria-se dos gozos da vida superior, das magníficas harmonias do infinito. Tal é a tarefa e a recompensa do Espírito humano. Por seus longos trabalhos, ele deve criar para si novos sentidos, de uma delicadeza e de uma força sem limites; domar as paixões brutais, transformar esse espesso invólucro numa forma diáfana, resplandecente de luz; eis a obra destinada a todos em geral, e em que todos necessitam prosseguir, através de degraus inumeráveis, na perspectiva maravilhosa que os mundos oferecem.

XXXI - O JULGAMENTO

[...] Todo pensamento tem uma forma, e essa forma, criada pela vontade, fotografa-se em nós como em um espelho onde as imagens se gravam por si mesmas. Nosso envoltório fluídico reflete e guarda, como em um registro, todos os fatos da nossa existência. Esse registro está fechado durante a vida, porque a carne é a espessa capa que nos oculta o seu conteúdo. Mas, por ocasião da morte, ele abre-se repentinamente e as suas páginas distendem-se aos nossos olhos.

O Espírito desencarnado traz, portanto, em si, visível para todos, seu céu ou seu inferno. A prova irrecusável da sua elevação ou da sua inferioridade está inscrita em seu corpo fluídico.[...]

XXXV - A VIDA SUPERIOR

[...] A veste fluídica denuncia a superioridade do Espírito; é como um invólucro formado pelos méritos e qualidades adquiridas na sucessão de suas existências. Opaca e sombria na alma inferior, seu alvor aumenta de acordo com os progressos realizados. Torna-se a alma cada vez mais pura. Brillante no Espírito elevado, ofusca nas almas superiores. Todo Espírito é um foco de luz, velado por longo tempo, comprimido, invisível, mas que se descobre com o seu valor moral, cresce lentamente, aumentando em penetração e intensidade. No começo, é como o fogo escondido sob cinzas, que se revela por fracas claridades, e, depois, ainda por uma chama tímida e vacilante. Um dia, tornar-se-á a auréola que se ativa, estende e rodeia, completamente, o Espírito que, então, resplandece como um sol ou como esses astros errantes que percorrem os abismos celeste, arrastando sua longa cauda de luz. Para obter esplendor, é necessário o mérito, filho de trabalhos longos, de obras fecundas, adquirido em um número de existências que se nos afigura a eternidade.

Subindo mais para as culminâncias que o pensamento não pode medir sem vertigem, não se chegaria a entrever por uma intuição o que é Deus, alma do Universo, prodigioso centro de luz? A visão direta de Deus, dizem, só pode ser sustentada pelos grandes Espíritos. A luz divina exprime a glória, o poder, a majestade do Eterno, e, por si própria, é a visão da verdade. Poucas almas, porém, podem contemplá-la sem véu, precisando haver uma pureza absoluta para se lhe suportar o deslumbramento esmagador. [...]

DEVASSANDO O INVISÍVEL

Yvonne A. Pereira

CAPÍTULO V

Mistificadores - Obsessores

[...] - “Esse o final de tantas leviandades e incoseqüência por eles praticadas. Como ninguém mais ignora, o perispírito é um corpo semimaterial, sutil, impressionável, sensível, registrando em suas potencialidades vertiginosas até as ondulações dos mais suaves pensamentos. Agindo sobre esse envoltório tão delicado quão sublime, a mente e a vontade individuais farão dele o que desejarem, visto que a mente - ou o pensamento, a vontade, a energia psíquica, a essência do ser - cria, produz, edifica, realiza, conserva, aplica, modifica, servindo-se das poderosas forças que lhe são naturais.

Dedicadas ao exercício contínuo de tantas ações desarmoniosas, afeitas a tantas inconveniências e incoseqüência, comumente durante longas décadas, essas entidades terminam por **viciar** não apenas a própria mente como ainda as próprias essências, ou matérias sutis e maleáveis do perispírito, o qual se deforma ante os choques, por assim dizer magnéticos, das vibrações emitidas para o lamentável feito, se afeiam ante o domínio mental de tantas carantonhas e desfiguração da forma ideal perispírita imaginada pela Criação. Mal-intencionadas e avessas ao Bem, tanto se fazem de feias e desagradáveis, deformando voluntariamente o perispírito, no só intuito de infelicitarem, mistificando-se até à obsessão, através do pavor e

da alucinação que infundem, que, depois, quando percebem a conveniência de se terem, porque prejudicam a si próprias, já não conseguem forças para se refazerem e voltarem ao natural.

Não é em vão que se abusa das leis gerais da Criação, na Terra como no Espaço, e, por isso mesmo, esses infelizes assim permanecerão, sob sua inteira responsabilidade e por livre e espontânea vontade: contundidos pela mente, feridos pelos choques desarmoniosos das próprias vibrações dirigidas a atos contrários ao alvo estabelecido pela Divindade Suprema. E, tais como se encontram, serão encaminhados para a reencarnação, como infratores da ordem pública o seriam para um presídio, único recurso da atualidade - a reencarnação - para, lentamente, reequilibrá-los na harmonia geral, visto que as formas pesadas da matéria carnal serão como que **fôrmas ortopédicas** necessárias à minoração de tais enfermidades vibratórias, de origem moral-consciencial. Mas, como facilmente se compreenderá, os pobres folgazões, incoseqüentes e malvados, renascerão doentes fisicamente, já que doentes graves são como Espíritos, arrastando o corpo intermediário, ou perispírito, brutalizado como vês... Serão, portanto, enfermos, raquíticos, retardados, vítimas de males incompreensíveis, que a Medicina terrena diagnosticará como de **origens sífilíticas**; serão feios, tristes, doloridos tardos de movimento e ação, porque tardos de vibrações, sofredores e até dementes, tolos, medíocres... causando, muitas vezes, repugnância e compaixão a quem os conhecer. A sentença cristã - **A cada um segundo as próprias obras** - é artigo mais elástico do que os homens têm imaginado. Esses infelizes que aí vês, ferindo, traiçoando, mentindo, perseguindo seus irmãos de Humanidade, na Terra como no Invisível, a si próprios feriram, traiçoaram, mentiram, perseguiram... E assim sendo, as más ações, engendradas por suas mentes desorganizadas, reduziram-nos a sofredores em luta com provações melindrosas, a convalescentes psíquico-conscienciais que demandarão períodos seculares, até que atinjam o necessário equilíbrio, isto é, a regeneração e a reparação completa do mal praticado.

Do que fica exposto, depreenderás as responsabilidades que pesam sobre os ombros dos espiritistas, médiuns ou não. Através deles, será necessário que os ensinamentos e revelações que a Espiritualidade concede sejam conscienciosamente propagados entre os homens, a estes auxiliando na reeducação de si mesmos, a fim de não mais se deixarem enredar nas teias obsessoras de criaturas de tal espécie, que agem de preferência através do sono corporal de cada noite, pois as vossas sociedades estão repletas de casos lamentáveis, originados do conluio das paixões de uns e de outros... assim como repletas estão de reencarnações expiatórias desses mistificadores terríveis, que acabas de surpreender em ação... E que leigos e espíritas meditem, a tempo, sobre o perigo que bem poderão fornecer acesso a uma invasão análoga do Invisível...>> [...]

CAPÍTULO X

Os grandes segredos do Além

[...] - "Podereis explicar-nos, agora, qual a razão pela qual alguns irmãos desencarnados passam, às vezes, séculos supondo-se vivos, ou antes, habitantes, ainda, da Terra, num corpo carnal? Onde reside o mecanismo de tal fenômeno?"

Sem parecer admirado de tal pergunta, o guardião respondeu, com naturalidade:

- "Em primeiro lugar, o fato ocorre porque suas idéias, quanto ao mundo espiritual, eram bem diferentes daquilo que os cerca após a morte, ao passo que se sentem mais vivos, mais vibráteis do que se sentiam quando humanos. Em segundo, porque são teimosos, retrógrados, cegos, que não querem ver, ou seja, são senhores da própria vontade para aceitarem ou rejeitarem este ou aquele fato, tal como o eram na Terra. Não obstante, existem causas múltiplas no "mecanismo" que inventastes para complicar o acontecimento, ou o ensinamento, que os códigos da Revelação Espírita já ofereceram aos atentos... No caso do infeliz atirado ao poço repleto de víboras, houve o traumatismo moral-mental, além do físico, antecedendo a chamada morte. O supliciado sentiu tal horror ao acontecido (no oriente era comum tal gênero de suplício para os grandes criminosos), sofreu tão intenso martírio na situação a que se viu arrojado, que todas as moléculas do seu perispírito se chocaram violentamente, provocando um traumatismo generalizado. O suicida não se sente vivo, e assim não se julga, a despeito de haver procurado a morte? Aliás, no caso houve também o despertar da consciência delituosa: ele reviu, em retrospecto, como em pesadelo, o crime por ele mesmo cometido no pretérito, contra

certa personalidade de quem desejou desfazer-se... Um poço não guarda melhor o segredo de um homicida do que um rio, ou uma sepultura aberta no campo ou no fundo do quintal?...

A surpresa, o remorso, o pavor do Desconhecido, o terror à Justiça Divina agravaram-lhe a situação mental. Estabeleceu-se a confusão e ele se reputou vítima de um pesadelo. Em verdade, o seu Espírito não permaneceu no fundo do poço durante dois séculos. O que se passava era a impressão mental, provocando as sensações intensas do perispírito, o fenômeno da “repercussão”, na mente, do acontecimento que produziu a morte do corpo de carne, morte violenta e dolorosa por excelência, sob todos os aspectos. O ver-se e sentir-se no fundo de um poço, irremediavelmente perdido, atacado por múltiplas impressões torturantes; a consciência culpada de um crime idêntico, na pessoa do próximo, trazendo-lhe o remorso, deram em resultado ser o fato insculpido na mente, traumatizado o perispírito pelo acervo de sensações violentas. E, como a mente é criadora, e como o pensamento tem possibilidades de impor qualquer impressão, idéia ou recordação, onde quer que o infeliz estivesse se encontraria no fundo de um poço. Quando encetais longa viagem, a trepidação do comboio, que vos perturbou os nervos e as sensibilidades mentais, não prolongam, embora vagamente, as impressões da viagem, não obstante já tenhais chegado ao destino? Não continuais revendo as paisagens que foram contempladas, não vos ensurdecem ainda rumores do veículo, não continuais mesmo a sentir como se estivésseis no veículo em movimento? Só no dia seguinte, após sono reparador, estareis sereno, refeito do trauma nervoso-mental... Não esqueçamos, outrossim, que as impressões e as sensações são vigorosamente mais intensas nos desencarnados do que nas criaturas humanas. Assim sendo, um choque violento, o ódio inveterado (espécie de traumatismo moral-sentimental), a vingança e até o amor desordenado operam tais fenômenos, e o seu mecanismo está sediado no poder natural da mente, na vontade imperiosa que agiu à revelia da própria consciência, na inferioridade dos sentimentos, pois tudo isso resulta do acervo de paixões incontrolláveis.

DIÁLOGO COM AS SOMBRAS

Hermínio C. Miranda

II

AS PESSOAS

DEFORMAÇÕES

O perispírito é o veículo das nossas emoções. O Espírito pensa, o perispírito transmite o impulso, o corpo físico executa. Da mesma forma, as sensações que vêm de fora, recebidas através dos sentidos, são levadas ao Espírito pelos mecanismos perispirituais. É o perispírito que preside à formação do ser, funcionando como molde, a ordenar as substâncias que vão constituir o corpo físico. É nele que se gravam, como num “vídeo tape”, as nossas experiências, com suas imagens, sons e emoções. Isto se demonstra no processo de regressão da memória, espontâneo ou provocado, no qual vamos descobrir, com todo o seu impacto, cenas e emoções que pareciam diluídas pelos milênios. É ele, pois, a nossa ficha de identidade, com o registro intacto da vida pregressa, a nossa folha corrida, o nosso pontuário.

Ele é denso, enquanto caminhamos pelos escuros caminhos de muitos enganos, e vai-se tornando cada vez mais diáfano, à medida que vamos galgando estágios mais avançados na escalada evolutiva. É nele, portanto, que se gravam alegrias e conquistas, tanto quanto as dores. Mas, como tudo no universo obedece à lei irrevogável da sintonia vibratória, parece que, ao nos desfazermos dos fluidos mais pesados e escuros, que envolvem o nosso perispírito, nos primeiros estágios evolutivos, vamos também nos libertando das mazelas que naqueles fluidos se fixavam, ou seja, vamos nos purificando. Seria quase inadmissível a deformação perispiritual num ser de elevada condição moral. É, no entanto, muito comum naqueles que se acham ainda tateando nas sombras de suas paixões, e os trabalhadores da desobsessão encontram fatos dramáticos dessa natureza, a cada passo.

Muitos casos desse tipo tenho presenciado, desde pequenos cacoetes, ou apenas sensações quase físicas, até deformações e mutilações terríveis, culminando com as mais dolorosas ocorrências de zoantropia.¹

Vimos, linhas atrás, alguns exemplos de mutilação provocada por “ratos” e “baratas”, em masmorras tenebrosas do mundo trágico das dores. Encontramos, na prática mediúnica, inúmeros exemplos aflitivos de desequilíbrio perispiritual.

Um antigo sacristão português, desencarnado, era recompensado, pela tarefa de lançar discórdias, com abundantes “refeições”, regadas a bom “vinho” de sua terra.

Um ex-oficial nazista, que não se identificou, mostrou-se desesperado de fome. Renunciou a toda a arrogância, com que a princípio se apresentou, e humilhou-se, para pedir-nos, em voz baixa, para que ninguém o ouvisse, um simples pedaço de pão.

Tivemos casos de deformações “físicas”, como a daquele irmão atormentado que trazia o braço paralítico. Quando me ofereci para curá-lo com um passe, ele declarou que, assim teria mais um braço para brandir o chicote com que castigava suas vítimas.

De outras vezes, apresentam-se pobres infelizes, que não podiam expressar-se senão por gestos, porque a língua lhes tinha sido extirpada. Um destes, depois de reconstituída a sua condição, em vez de agradecer a Deus o benefício que acabava de receber, declarou que se vingaria daquele que, em antiga existência, mandara mutilá-lo. Foi-lhe mostrado, então, que, em existência anterior àquela, ele próprio mandara cortar a língua daquele mesmo que, depois, ordenou a sua mutilação. Nem assim ele se deu por achado: aquele a quem ele privara da língua não passava de um cão, pois era um mero escravo... Havia, porém, chegado a sua vez, e ele, não resistindo à realidade, entrou numa crise de arrependimento que o salvou.

Um dos casos mais dramáticos que presenciei foi o de um companheiro que havia sido reduzido, por métodos implacáveis de hipnose à condição de um fauno. Estava de tal maneira preso à sua indução, que não podia falar, pois um fauno não fala. A despeito de tudo, porém, acabou falando inteligentemente, para enorme surpresa sua. Fazendo o médium exibir suas mãos, dissera:

- Veja, não tenho mãos, e sim cascos.

Estivera mergulhado, por séculos a fio, num tenebroso antro, onde conviveu, sob as mais abjetas condições subumanas, com outros seres reduzidos a condições semelhantes à sua, e que nem mais se conscientizavam de terem sido criaturas racionais. Fora também um poderoso, aí pelo século XV, na Alemanha, e deve ter cometido erros espantosos.

Um dos companheiros do grupo forneceu-nos recursos ectoplasmáticos e, com nossos passes e o apoio que obtivemos através da prece, foi possível restituir-lhe a forma perispiritual de se humano. Alcançando esse ponto, um dos benfeitores presentes informou-nos do seu nome, pois ele não sabia quem era. Retomada sua identidade, caiu numa crise de choro comovedora e teve um impulso de generosidade, lamentando não ter condições de volver sobre seus passos, para salvar os companheiros que continuavam retidos nas medonhas masmorras de onde conseguiram resgatá-lo.

Tivemos, certa ocasião, um doloroso caso de licantropia. Ao apresentar-se, incorporado no médium, o Espírito não consegue articular nenhuma palavra. Inteiramente animalizado, sabe apenas rosar, esforçando-se por me morder. Embora o médium se mantenha sentado, ele investe contra mim, procurando atingir-me com as mãos, dobradas, como se fossem patas; de vez em quando, ameaça outro componente do grupo. Lembro-me de vagas cenas de atividades em desdobramento noturno, quando resgatamos, de sinistra região das trevas, um ser vivo que, em estado de vigília, não consegui caracterizar.

Como ele não tinha condições de falar, falei eu, tentando convencê-lo de que era um ser humano, e não um animal. A conversa foi longa e difícil. Sabia que, diretamente, ele ainda não tinha possibilidade de entender com clareza as palavras que eu dizia, mas estava certo de que, aos poucos, se tornaria sensível às vibrações de carinho e compreensão que sustentavam aquelas palavras. Falei-lhe, pois, continuamente, por longo tempo, procurando desmantá-lo, para libertá-lo do seu terrível condicionamento. Repetia-lhe que era um ser humano e não um animal; que tinha mãos, e não patas, unhas e não garras. Às vezes, ele tinha crises assustadoras, gargalhando, alucinado. Insistia em ferir-me, com as unhas “garras”, e tentou, mesmo, agredir-me, com as duas mãos, como se tentasse abrir-me o peito, para arrancar-me o coração. Mantive calma inalterada, a despeito da profunda e dolorosa compaixão, e da ternura que sentia por ele. Foi um momento que exigiu muita vigilância e enorme cobertura espiritual, para que o grupo não entrasse em pânico, e não se

¹ Zoantropia, segundo o dicionário, é uma variedade de monomania em que o doente se julga convertido em animal.

perdesse a oportunidade de servir a um irmão tão desesperado. Não podíamos esquecer, por um minuto, que ele **não era um animal racional**, mas uma criatura humana, que se tornou temporariamente irracional, em decorrência do seu terrível comprometimento ante as leis divinas. Tínhamos que falar a ele como a um irmão em crise, não a um lobo feroz. Aparentemente, estava em estado de inconsciência total, mas, no fundo do ser, ele preserva os valores imortais do espírito, com todas as aquisições feitas no rosário de vidas que já tinha vivido. É quase certo que já tivesse uma bagagem respeitável de conhecimentos e recursos, pois na escalada espiritual nada se perde, em termos de aprendizado. É certo, ainda, que dívidas assim tão grandes e penosas, somente podem ter sido assumidas em posições de relevo, nas quais houvesse oportunidade para oprimir o semelhante impunemente, sob a proteção imunidades incontestáveis. Dificilmente temos oportunidade de endividar-nos tão gravemente, errando apenas contra nós mesmos. Invariavelmente, a falta cometida sacrifica e martiriza muitos irmãos, que jogamos meros instrumentos do nosso gozo e poder. Ademais, é preciso lembrar que o reajuste nunca é desproporcional à gravidade da pena, e a pena sempre é compatível com o grau de consciência com o qual praticamos a falta. Não que Deus nos castigue, como um Pai severo e frio, mas é que a nossa consciência exige de nós a reparação, mesmo porque a lei universal, código sagrado que aviltamos, nos coloca à mercê da cobrança. A cada falta cometida, assinamos uma promissória inexorável, que um dia vencerá e nos será apresentada como resgate. Se tivermos acumulado a moeda limpa do serviço ao próximo, teremos com que pagar; caso contrário, não resta alternativa senão a dor, e podemos estar certos de que não faltarão cobradores, que se apresentarão como instrumento da justiça divina, ávidos ante a oportunidade de se vingarem, ou simplesmente de darem azo às duas frustrações lamentáveis.

Ao cabo de prolongado monólogo com o irmão alienado, uma prece comovida e alguns passes, ele começou a aquietar-se, mas ainda insistiu em atacar-me, de vez em quando. Não havia dito ainda uma palavra, mas, à medida que se acalmava, começou a reconhecer o ambiente. Apalpou a mesa que tinha diante de si, as cadeiras, o estofamento, a madeira, os entalhes, as cortinas, o sofá, o chão, o tapete. Tudo o que estava ao alcance de sua mão, ele apalpou, investigou, examinou. Pacientemente, eu ia lhe explicando o que era cada coisa que ele tocava. Parece que ele esteve encerrado em alguma caverna escura, por tempo que não sei estimar, e lá perdeu a visão e o senso das coisas. Estava ainda apavorado. (O médium, realmente, queixara-se de uma terrível sensação de medo, pouco antes da incorporação desse Espírito.) Olhava para trás, como se tentasse surpreender algum carrasco. A certa altura, parece que alguém o chicoteia violentamente, pois ele se contorce e grita, desesperado. Aos poucos, porém, vamos transmitindo a ele uma sensação de segurança e calma. Digo-lhe que ele foi retirado de lá, e que está, agora, numa sala limpa, e não vai mais voltar para a sua prisão.

Insistimos nos passes, e, ao cabo de muito tempo, ele pareceu ter readquirido a forma humana e começou a “conferir” suas mãos, o rosto, o corpo, mas ainda não conseguia enxergar: passou as mãos diante dos olhos, para testar. De pé, ao lado do médium orei fervorosamente, com uma das mãos sobre os seus olhos e a outra na nuca. Enquanto fazia isso, ele procurava me reconhecer, também pelo tato, apalpando-me as mãos, o braço, a cabeça, o rosto. O ambiente estava tenso de emoção e do desejo de servi-lo, e creio que, por isso, realizou-se, mais uma vez, o suave milagre do amor. Ele começou a perceber os objetos, pela visão, e voltou a conferir tudo na sala, como se estivesse colocando juntas, pela primeira vez, em muito tempo (séculos, talvez) as sensações do tato e da visão. Olhou os móveis, a sala, as suas próprias mãos. Examinou os componentes do grupo, um por um.

Está calmo, agora. Parece que jatos de luz intensa o atingem nos olhos, porque ele se contrai e protege a vista com os braços. Como continuou a insistir em que ele pode falar, consegue dizer uma palavra:

- Água!

E fica a repeti-la, enquanto apanho o jarro, que conservamos sobre outro móvel, e lhe servimos vários copos, que ele bebe sofregamente, desesperadamente.

Por fim, percebe que está orando um Pai Nosso, no qual eu o acompanho, emocionado até o fundo do meu ser. Ao terminar a prece, me abraça, em silêncio, sem uma palavra, esmagado pela emoção, e se desprende, deixando o médium desorientado, por alguns momentos, quanto à sua posição na sala.

O trabalho todo durou uma hora.

DRAMAS DA OBSESSÃO

Bezerra De Menezes

Leonel e os Judeus

PRIMEIRA PARTE

NOS SERVIÇOS DO CONSOLADOR

VIII

Entrementes, tambémurgia afastar os obsessores responsáveis pelos acontecimentos que descrevemos. Tratava-se de pequena falange de poderosos inimigos invisíveis: - um pai e seus três filhos varões, uma família, portanto, perseguidora de outra família. Israelitas típicos dos meados do século XVI, em Portugal, era impressionante vê-los trajando ainda a indumentária clássica da sua qualidade radical e social da época, pois que, atados às tumultuosas recordações e às impressões dolorosas do pretérito, com tal veemência se haviam apegado ao mesmo, que seus perispíritos, pressionados pelas poderosas forças realizadoras do pensamento, se apresentavam exatamente idênticos aos seus envoltórios humanos de quatro séculos antes. Fossem alcançados pela vidência de um médium assaz desenvolvido e seriam notificados quais homens fantasiados para um baile de máscaras, indo e vindo, rancorosos e sofredores, pelo ambiente doméstico de Leonel, tal se fizessem parte da família. Não obstante, o imaginário médium teria simultaneamente observado certo detalhe singular nas configurações perispirituais das mesmas entidades: - vestígios sanguinolentos em seus corpos físico-espirituais, tais como dedos das mãos e dos pés com unhas arrancadas, gotejando sangue; carnes queimadas, quais desenhos de feridas recentes produzidas por ferros incandescentes; pulsos deslocados, impossibilitando destreza de movimentos; mordeduras de ratos gigantes, tão comuns nos calabouços de outrora; estigmas, ao longo das faces, pelo pescoço, braços e pernas, do azorrague despedaçador, enfim, todo emblema trágico de ignomínia usado nos tratos às vítimas da Inquisição verificada em Portugal, por aquela época.

A severidade da Lei

XI

Por uma dessas atrações vibratórias que para a maioria dos pensadores se conservam envoltas em impenetráveis mistérios, a entidade Caetano prendera-se de profundo amor àquela que se tornaria sua mãe terrena, que realmente o fora, porque, durante o longo período da gestação e desenvolvimento do seu corpo, tivera o perispírito poderosamente atraído para o dela pelos liames magnéticos necessários ao feito reencarnatório, num aconchego terno e emocional de irradiações amoráveis e encantadoras, que geralmente é o que produz o sentimento imperecível de uma mãe pelo seu filho, e vice-versa, ainda que seus Espíritos sejam desconhecidos³². As intensas vibrações mentais irradiadas pela mulher que será mãe, em favor do entezinho que já palpita em seu seio fecundado; o amoroso, incedível carinho do seu coração, que cumula de doces enlevos aquele retalho de si mesma, que será o seu filhinho amado, mesmo antes do nascimento; o desvelo sublime com que lhe prepara o enxovalzinho mimoso, tesouro que suas mãos fabricam entre suaves emoções do coração e pensamentos santificados pela alegria da maternidade, criam em torno da gestante uma atmosfera mental radiosa que atrai, cativa e apaixona o Espírito do nascituro, enquanto comove o observador invisível, que contempla as repercussões que o fato produz nas vibrações de ambos, vibrações que se entrecruzam, se entrelaçam num ósculo santo, a que ambos perfeitamente se adaptam. Daí, pois, igualmente, essa ligação indefectível dos filhos com suas mães, além de outras que, em muitos casos,

³² Nem sempre esses elos são originários do Amor. Poderão firmar-se também no ódio, tendo em vista penosas explicações e reparações para o advento da reconciliação dos Espíritos.

costumam existir a par das que citamos. De um modo idêntico, se a mulher irradia aversão à maternidade, dedicando a esse ser que traz consigo pensamentos malévolos e odiosos, até ao extremo de destruí-lo, negando-lhe a existência por seu intermédio, o inverso se realiza e o Espírito que reencarnaria através dela torna-se, freqüentemente, perigoso inimigo, que a perseguirá em Além-Túmulo mais tarde e, possivelmente, em posterior existência, podendo mesmo obsidiá-la sob várias formas.

EMMANUEL

Francisco Candido Xavier

XXIV

O CORPO ESPIRITUAL

De todos os fenômenos da vida, os que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e desassimilação; todavia, os que afetam mais particularmente a percepção do homem não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações e apenas fazeis geralmente uma idéia da vida por intermédio desses movimentos destruidores.

A VIDA CORPORAL - EXPRESSÃO DA MORTE

Quando, no homem ou nos irracionais, um gesto se opera, a Natureza determina o desaparecimento de certa percentagem de substância da economia vital; quando a sensibilidade se exterioriza e os pensamentos se manifestam, eis que os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais.

A vida corporal é bem a expressão da morte, através da qual efetuais as vossas observações e os vossos estudos.

Não dispodes, dentro da exiguidade dos vossos sentidos, senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital, dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat.

A vida, em suas causalidades profundas, escapa vossos escalpelos e apenas o embriologista observa, no silêncio da penumbra, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas.

INACESSÍVEL AOS PROCESSOS DA INDAGAÇÃO CIENTÍFICA

Segundo os dados da fisiologia, a célula primitiva é comum a todos os seres vertebrados e espanta ao embriólogo a lei organogênica que estabelece a idéia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoário ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma; nos domínios da vida, essa idéia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos vossos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização, e sob cuja influência se efetuam todos os fenômenos endosmóticos. O organismo fluídico, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplasmáticas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo por átomo, à matéria do germe e dirigindo-a, segundo a sua natureza particular.

RESPONDENDO ÀS OBJEÇÕES

Algumas objeções científicas têm sido apresentadas à teoria irrefutável do corpo espiritual preexistente, destacando-se entre elas, por mais digna de exame, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos do reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdaram, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente.

De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana da gêmulas, corpúsculos infinitesimais que se transmitem pela vida seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária disposição de todas as moléculas do corpo, as quais se reproduzem dentro de cada espécie. A maioria das moléculas, inclusive a dipsomania, são transmissíveis; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe discutir neste estudo.

Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica.

Reconhecendo-se, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação, representando cada ser o organismo de que provém por filiação, afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto, espiritualmente, temos a considerar, apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental.

ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO

De todas as funções gerais que caracterizam os seres vivos, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente. Além das operações comuns, que se efetuam automaticamente, há uma força inerente aos corpos organizados, quem mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica.

Essa força é o que denominamos princípio vital. Essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinadas às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente dentro o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas.

Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.

O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA

O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.

O PRODIGIOSO ALQUIMISTA

Todas as células orgânicas renovam-se incessantemente; e como poderia a criatura conhecer-se entre essas continuadas transsubstanciações? Para que se manifeste o pensamento - que desconhece as glândulas

que o segregam, porquanto constitui a vibração do corpo espiritual dentro de sua profunda consciência - quantas células se consomem e se queimam?

O cérebro assemelha-se a complicado laboratório onde o espírito, prodigioso alquimista, efetua inimagináveis associações atômicas e moleculares, necessárias às exteriorizações inteligentes.

É ainda, pois, ao corpo espiritual que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si.

Tem-se procurado explicar, pela prática dos neurologistas, toda a classe de fenômenos intelectuais, através das ações combinadas do sistema nervoso; e, de fato, a Ciência atingiu certezas irrefutáveis, como, por exemplo, a de que uma lesão orgânica faz cessar a manifestação que lhe corresponde e que a destruição de uma rede nervosa faz desaparecer uma faculdade.

Semelhante asserto, porém, não afasta a verdade da influência de ordem espiritual e invisível, porque se faz mister compreender, não a alma insulada do corpo, mas ligada a esse corpo, o qual representa a sua forma objetivada, com um aglomerado de matérias imprescindíveis à sua condição de tangibilidade, animadas pela sua vontade e por seus atributos imortais.

Algumas escolas filosóficas fizeram da alma uma abstração, mas a psicologia moderna restabeleceu a verdade, unindo os elementos psíquicos aos materiais, reconhecendo no corpo a representação da alma, representação material necessária, segundo as leis físicas imperantes na Terra, as quais colocaram no sensorio o limite das percepções humanas, que são exíguas em relação ao número ilimitado das vibrações da vida, que para elas se conservam inapreensíveis.

É, pois, o corpo espiritual a alma fisiológica, assimilando a matéria ao seu molde, à sua estrutura, a fim de materializar-se no mundo palpável. Sem ele, a fecundação constaria de uma composição amorfa e todas as manifestações inteligentes e sábias da Natureza, que para todos nós devem significar a expressão da vontade divina, constituiriam uma série de fatos irregulares e incompreensíveis, sem objetivo determinado.

A EVOLUÇÃO INFINITA

E como se tem operado a evolução do corpo espiritual?

Remontai ao caos telúrico do vosso Globo nas épocas primárias.

Cessadas as perturbações geológicas, estabelecido o repouso em algumas grandes extensões de matéria resfriada, eis que, entre as forças cósmicas associadas, aparece o primeiro rudimento de vida organizada - o protoplasma. Eis que os séculos se escoam... eis as amebas, os zoófitos, os seres monstruosos das profundidades submarinas... Recapitulemos os milênios passados e acharemos a nossa própria história; a individualidade, o nosso "ego" constitui o nosso maior triunfo. E, chegados ao raciocínio e ao sentimento da Humanidade, através de vidas inumeráveis, teremos atingido o zênite da nossa evolução anímica? Não. Se nos achamos acima dos nossos semelhantes inferiores - os irracionais -, acima de nós se encontram os seres superiores da espiritualidade, que se hierarquizam ao infinito e cuja perfeição nos compete alcançar.

ENTRE A TERRA E O CÉU

André Luiz

VII

Consciência em desequilíbrio

[...] Tentamos debalde uma aproximação.

Não nos via.

Lembrei ao meu companheiro que poderíamos densificar o nosso veículo, pela concentração da vontade, e apressamo-nos na providência. [...]

[...] Vimo-lo concentrar-se por momentos, densificando-se para auxiliar com mais presteza.

Saudado pelo velhinho, afagou-lhe a mente e avisou-nos:

- Permanece dementado. A mente dele fixou-se em recordações que o obcecaram. [...]

XII

Estudando sempre

[...] O Ministro não se fez rogado e explicou:

- O *psicossoma** ou o perispírito da definição espírita não é idêntico de maneira absoluta em todos nós, assim como, na realidade, não existem dois corpos físicos totalmente iguais. Cada criatura vive num carro celular diferente, apesar das peças semelhantes, impostas pela lei das formas. No círculo de matéria densa, sofre a alma encarnada os efeitos da herança recolhida dos pais, entretanto, na essência, a lei da herança funciona invariavelmente do indivíduo para ele mesmo. Detemos tão somente o que seja exclusivamente nosso ou aquilo que buscamos. Renascemos na Terra, junto daqueles que se afinam com o nosso modo de ser. O dipsômano não adquire o hábito desregrado dos pais, mas sim, quase sempre, ele mesmo já se confiava ao vício do álcool, antes de renascer. E há beberrões desencarnados que se aderem àqueles que se fazem instrumentos deles próprios. [...]

XIII

Análise mental

[...] A casinha dormia, calma.

Acocorado a um canto, o velho Leonardo mantinha-se na sala, pensando... pensando...

Adensamo-nos, ante a visão dele, e, reconhecendo-nos, ergueu-se e começou a gritar: [...]

XX

Conflitos da alma

[...] Valendo-me da excursão para o Lar da Bênção, indaguei o Ministro quanto a certo enigma que me feria a imaginação.

Esteves, ao tempo da guerra do Paraguai, sofrera tanto quanto Júlio o suplicio do veneno. Porque surgiam em ambos efeitos tão díspares? O menino trazia ainda a garganta doente, ao passo que o enfermeiro, vitimado por Leonardo, não parecia haver conhecido qualquer conseqüência mais grave...

Clarêncio, sorrindo, explicou afetuosamente:

- Não tomaste em consideração o exame das causas. Esteves foi envenenado, enquanto Júlio se envenenou. Há muita diferença. O suicídio acarreta vasto complexo de culpa. A fixação mental do remorso opera inapreciáveis desequilíbrios no corpo espiritual. O mal como que se instala nos recessos da consciência que o arquiteta e concretiza. Vimos Leonardo Pires com a imagem de Esteves atormentando-lhe a imaginação e observamos Júlio, enfermo até agora, em conseqüência de erros deliberados os quais se entregou há quase oitenta anos. O pensamento que desencadeia o mal encarcera-se nos resultados dele, porque sofre fatalmente os choques de retorno, no veículo em que se manifesta. [...]

* Do grego: *psykhé*, alma, espírito, e *soma*, corpo - (Nota da Editora)

XXI

Conversaçoão edificante

Enquanto regressávamos ao nosso círculo de trabalho e de estudo, para articular novas providências de auxílio, em favor dos protagonistas da história que a vida estava escrevendo, concluí que não me cabia perder a oportunidade de mais amplo entendimento com o nosso orientador, com alusão aos esclarecimentos que nos fornecera, acerca do perispírito.

Assim como o homem comum mal conhece o veículo em que se movimenta, ignorando a maior parte dos processos vitais de que se beneficia e usando o corpo de carne à maneira de um inquilino estranho à casa em que reside, também nós, os desencarnados, somos compelidos a meticolosas meditações para analisar a vestimenta de que nos servimos, de modo a conhecer-lhe a intimidade.

Efetivamente, em novas condições na vida espiritual, passamos a apreciar, com mais segurança, o corpo abandonado à Terra, penetrando os segredos de sua formação e desenvolvimento, sustentação e desintegração, mas somos desafiados pelos enigmas do novo instrumento que passamos a utilizar. Lidamos, na Vida Maior, com o carro sutil da mente, pelo menos na esfera em que nos situamos, acentuando, pouco a pouco, os nossos conhecimentos, quanto às peculiaridades que lhe dizem respeito.

Reparei que Hilário, pela expressão dos olhos, demonstrava não menor anseio de saber. E, encorajado pela atitude do companheiro, desfechei a primeira questão, considerando:

- Inegavelmente, será difícil alcançar o grande equilíbrio que nos outorgará o trânsito definitivo para as eminências do Espírito Puro.

- Ah! Sim - concordou o Ministro, com grave entono -, para que tivéssemos na Crosta Planetária um vaso tão aprimorado e tão belo, quanto o corpo humano, a Sabedoria Divina despendeu milênios de séculos, usando os multiformes recursos da Natureza, no campo imensurável das formas... Para que venhamos a possuir o sublime instrumento da mente em planos mais elevados, não podemos esquecer que o Supremo Pai se vale do tempo infinito para aperfeiçoar e sublimar a beleza e a precisão do corpo espiritual que nos conferirá os valores imprescindíveis à nossa adaptação à Vida Superior.

- Compete-nos, então - observou Hilário, atencioso -, atribuir importante papel às enfermidades na esfera humana. Quase todas estarão no mundo, desempenhando expressivo papel na regeneração das almas.

- Exatamente.

- Cada "centro de força" - ponderei - exigirá absoluta harmonia, perante as Leis Divinas que nos regem, a fim de que possamos ascender no rumo do Perfeito Equilíbrio...

- Sim - confirmou Clarêncio -, nossos deslizes de ordem moral estabelecem a condensação de fluidos inferiores de natureza gravitante, no campo electromagnético de nossa organização, compelindo-nos a natural cativeiro em derredor das vidas começantes às quais nos imantamos.

Hilário, conduzindo mais longe as próprias divagações, perguntou:

- Imaginemos, contudo, em homem puramente selvagem, a situar-se em plena ignorância dos Desígnios Superiores, que se confia a delitos indiscriminados... Terá nos tecidos sutis da alma as lesões cabíveis a um europeu supercivilizado, que se entrega à indústria do crime?

Clarêncio sorriu, compreensivo, e acentuou:

- Sigamos devagar. Comentávamos, ainda há pouco, o problema da evolução. Assim como o aperfeiçoado veículo do homem nasceu das formas primárias da Natureza, o corpo espiritual foi iniciado também nos princípios rudimentares da inteligência. É necessário não confundir a semente com a árvore ou a criança com o adulto, embora surjam na mesma paisagem de vida. O instrumento perispírico do selvagem deve ser classificado como protoforma humana, extremamente condensado pela sua integração com a matéria mais densa. Está para o organismo aprimorado dos Espíritos algo enobrecidos, como um macaco antropomorfo está para o homem bem-posto das cidades modernas. Em criaturas dessa espécie, a vida moral está começando a aparecer e o perispírito nelas se encontra enormemente pastoso. Por esse motivo, permanecerão muito tempo na escola da experiência, como o bloco de pedra rude sob marteladas, antes de oferecer de si mesmo a obra-prima... Despendarão séculos e séculos para se rarefazerem, usando múltiplas formas, de modo a conquistarem as qualidades superiores que, em lhes utilizando a organização, lhes conferirão novas possibilidades de

crescimento consciencial. O instinto e a inteligência pouco a pouco se transformam em conhecimento e responsabilidade e semelhante renovação outorga ao ser mais avançados equipamentos de manifestação... O prodigioso corpo do homem na Crosta Terrestre foi erguido pacientemente, no curso dos séculos, e o delicado veículo do Espírito, nos planos mais elevados, vem sendo construído, célula a célula, na esteira dos milênios incessantes...

E, com um olhar significativo, Clarêncio concluiu:

- ...até que nos transfiramos de residência, aptos a deixar, em definitivo, o caminho das formas, colocando-nos na direção das esferas do Espírito Puro, onde nos aguardam os inconcebíveis, os inimagináveis recursos da suprema sublimação.

Calara-se o instrutor, mas o assunto era por demais importante para que eu me desinteressasse dele apressadamente.

Recordei os inúmeros casos de moléstias obscuras de meu trato pessoal e aduzi:

- Decerto a Medicina escreveria gloriosos capítulos na Terra, sondando com mais segurança os problemas e as angústias da alma...

- Gravá-los-á mais tarde - confirmou Clarêncio, seguro de si. - Um dia, o homem ensinará ao homem, consoante as instruções do Divino Médico, que a cura de todos os males reside nele próprio. A percentagem quase total das enfermidades humanas guarda origem no psiquismo.

Sorridente, acrescentou:

- Orgulho, vaidade, tirania, egoísmo, preguiça e crueldade são vícios da mente, gerando perturbações e doenças em seus instrumentos de expressão.

No objetivo de aprender, observei:

- É por isso que temos os vales purgatoriais, depois do túmulo... a morte não é redenção...

- Nunca foi - esclareceu o Ministro, bondoso. - O pássaro doente não se retira da condição de enfermo, tão só porque se lhe arrebate a gaiola. O inferno é uma criação de almas desequilibradas que se ajuntam, assim como o charco é uma coleção de núcleos lodacentos, que se congregam uns aos outros. Quando de consciência inclinada para o bem ou para o mal perpetrarmos esse ou aquele delito no mundo, realmente podemos ferir ou prejudicar a alguém, mas, antes de tudo, ferimos e prejudicamos a nós mesmos. Se eliminamos a existência do próximo, nossa vítima receberá dos outros tanta simpatia que, em breve, se restabelecerá, nas leis de equilíbrio que nos governam, vindo, muita vez, em nosso auxílio, muito antes que possamos recompor os fios dilacerados de nossa consciência. Quando ofendemos a essa ou àquela criatura, lesamos primeiramente a nossa própria alma, de vez que rebaixamos a nossa dignidade de espíritos eternos, retardando em nós sagradas oportunidades de crescimento.

- Sim - concordei -, tenho visto aqui aflitivas paisagens de provação que me constroem a meditar...

- A enfermidade, como desarmonia espiritual - atalhou o instrutor -, sobrevive no perispírito. As moléstias conhecidas no mundo e outras que ainda escapam do diagnóstico humano, por muito tempo persistirão nas esferas torturadas da alma, conduzindo-nos ao reajuste. A dor é o grande e abençoado remédio. Reeduca-nos a atividade mental, reestruturando as peças de nossa instrumentação e polindo os fulcros anímicos de que se vale a nossa inteligência para desenvolver-se na jornada para a vida eterna. Depois do poder de Deus, é a única força capaz de alterar o rumo de nossos pensamentos, compelindo-nos a indispensáveis modificações, com vistas ao Plano Divino, a nosso respeito, e de cuja execução não poderemos fugir sem graves prejuízos para nós mesmos.

Nosso domicílio, porém, estava agora à vista.

Os raios dourados da manhã varriam o horizonte longínquo.

Despediu-se o Ministro, paternal.

Aquele era um dos momentos em que, desde muito, se devotava ele à oração.

ESTELA

Camille Flammarion

Eternidade - Infinito

[...] Rafael foi o primeiro a despertar, e reparou que levava Estela em seus braços. Tinham um corpo semelhante ao corpo terrestre, porém imponderável, substância elétrica, corpo fluídico astral, ao qual o Espírito está ligado e que, durante a vida terrestre, serve de união entre o Espírito puro e o organismo material. [...]

ESTUDANDO A MEDIUNIDADE

Martins Peralva

X

Mecanismo das comunicações

[...] Se essa mesma lei de afinidade comanda inteiramente os fenômenos psíquicos, não há dificuldade em compreendermos porque as entidades luminosas ou iluminadas são compelidas a reduzir o seu tom vibratório a fim de, tornando mais densos os seus perispíritos, serem observadas pelos Espíritos menos envolvidos.

Os Espíritos, cujas vibrações se processam aceleradamente, devido à sua evolução, gradam o pensamento e densificam o perispírito quando desejam transmitir as comunicações, inspirar os dirigentes de trabalhos mediúnicos ou os pregadores e expositores do Evangelho e da Doutrina, como no caso de Raul Silva, que recebe a benéfica influência do instrutor Clementino, a fim de melhor conduzir a doutrinação de desventurado Espírito: [...]

ESTUDOS ESPÍRITAS

Joanna De Ângelis

4

PERISPÍRITO

CONCEITO - Parte essencial do complexo humano o perispírito ou psicossomo se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõe cada orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico.

Graças à sua existência, a dualidade ancestral, Espírito e Matéria, se transformou em organização trina, em considerando a essencialidade de que se faz objeto, na sustentação da vida vegetativa e orgânica, de que depende a soma, como veículo da Alma, e, simultaneamente, pelas impressões que envia à centelha encarnada, que as transforma em aquisição valiosa, decorrente da marcha evolutiva.

Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, é tanto mais denso ou sutil, quanto evoluído seja o Espírito que dele se utiliza. Também considerado corpo astral, exterioriza-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se como energia específica ou aura.

Por mais complexos cálculos se processem as técnicas para o estudo da irradiação perispiritual ou da sua própria constituição, faltam, no momento, elementos capazes de traduzir aquelas realidades, por serem, por enquanto, de natureza desconhecida, embora existente e atuante. Não é uma condensação de caos elétrico ou de forças magnéticas, antes possui estrutura própria, maleável, em algumas circunstâncias tangível - como nas materializações de desencarnados, nas aparições dos *vivos* e dos *mortos*, atuante - nos transportes, nas

levitações; ora ponderável, podendo aumentar ou diminuir o volume e o peso do corpo; ora imponderável, como ocorre nas desmaterializações e transfigurações.

Informe na sua natureza íntima, adquire a aparência que o Espírito lhe queira imprimir, podendo, desse modo, tornar-se visível em estado de sono ou de vigília, graças às potencialidades de que disponha o Ser que a manipula.

Conhecido pelos estudiosos, desde a mais remota antiguidade, há sido identificado numa gama de rica nomenclatura, conforme as funções que lhe foram atribuídas, nos diversos períodos que duravam as investigações.

Desde as apreciáveis lições do *Vedanta* quando apareceu como *Manu, mãyã e Kosha*, era conhecido no *Budismo esotérico* por *Kama-rupa*, enquanto no *Hermetismo egípcio* surgiu na qualidade de *Kha*, para avançar, na *Cabala hebraica*, como manifestação de *Rouach*. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-a *carne sutil da alma* e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o *corpo sutil e etéreo*. Os neoplatônicos, de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos *Princípios*, identificava-o como *aura*; Tertuliano, o gigante inspirado da *Apologética*, nele via o *corpo vital da alma*, enquanto Proclo o caracterizava como *veículo da alma*, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido.

Na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de *corpo astral*, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou. Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos "átomos espirituais ou mônadas", surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de *corpo fluidico*.

Outros pesquisadores, penetrando a sonda da investigação no passado e no presente, localizam-no na tecedura da vida humana como elemento básico da organização do ser.

Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado *corpo bioplásmico*, o Apóstolo Paulo já o chamava *corpo espiritual*, conforme escreveu aos coríntios (I Epístola, 15:44), *corpo corruptível*, logo depois, na mesma Epístola, verso 53, ou *alma*, na exortação aos companheiros da Tessalônica (I Epístola, 5:23), sobrevivente à morte.

FUNÇÕES - Organizado por energias próprias e electromagnéticas e dirigido pela mente, que o aciona conforme o estágio evolutivo do Espírito, no *corpo espiritual* ou perispírito estão as matrizes reais das funções que se manifestam na organização somática.

Catalisador das energias divinas, que assimila, é encarregado de transmitir e plasmar no corpo as ordens emanadas da mente e que procedem do Espírito.

Arquivo das experiências multifárias das reencarnações, impõe, na aparelhagem física, desde a concepção, mediante metabolismo psíquico muito complexo e sutil, as limitações, coerções, *punições*, ou faculta amplitude de recursos físicos e mentais, conforme as ações do estágio anterior, na carne, em que o Espírito se acumpliciou com o erro ou se levantou pela dignificação.

Interferindo decisivamente no comportamento hereditário, não apenas modela a forma de que se revestirá o Espírito, desde o embrião que se lhe amolda completamente, como reproduzindo as expressões fisionômicas e anatômicas, quando da desencarnação.

Graças às moléculas de que se forma, responde pelas alterações da aparelhagem fisiopsíquica, no campo das necessidades reparadoras que a Lei impõe aos Espíritos calcetas.

É o responsável pela irradiação da energia dos trilhões de corpúsculos celulares - essas pequenas usinas que se aglutinam ao império das radiações que lhes impõem a gravitação harmônica, na aparelhagem que constitui os diversos órgãos cuja forma e anatomia lhe pertencem, cabendo às células apenas o seu revestimento -, exteriorizando a aura e podendo, em condições especiais, modelar a distância o *duplo etéreo*, tornando-o tangível.

Graças à sua complexidade, conserva intacta a individualidade, através da esteira das reencarnações, e se faz responsável pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, como ao corpo informa das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os *centros vitais ou de força* e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio.

Nele estão sediadas as gêneses patológicas de distúrbios dolorosos quais a esquizofrenia, a epilepsia, o câncer de variada etiologia, o pênfigo... que em momento próprio favorece a sintonia com microorganismos que se multiplicam desordenadamente e tomam de assalto o campo físico ou através de sintonias próprias, ensejando a aceleração das perturbações psíquicas de largo porte.

Em todo processo teratológico os fatores causais lhe pertencem. E, num vasto campo de problemas emocionais como fisiológicos, as síndromes procedem das tecelagens muito delicadas da sua ação dinâmica, poderosa.

Desde épocas imemoriais, a filosofia hindu, estudando as suas manifestações no ser reencarnado, relacionou-o com os *chakras*¹ ou centros vitais que se encontram em perfeito comando dos órgãos fundamentais da vida, espalhados na fisiologia somática, a saber: *coronário*, também identificado como a “flor de mil pétalas”, que assimila as energias divinas e comanda todos os demais, instalado na parte central do cérebro, qual santuário da vida superior - sede da mente -, responsável pelos processos da razão, da morfologia, do metabolismo geral, da estabilidade emocional e funcional da alma no caminho evolutivo; *cerebral* ou *frontal*, que se encarrega do sistema endócrino, do sistema nervoso e do córtice cerebral, respondendo pela transformação dos neuroblastos em neurônios e comandando desde os neurônios às células efetoras; *laríngeo*, que controla os fenômenos da respiração e da fonação; *cardíaco*, que responde pela aparelhagem circulatória e pelo sistema emocional, sediado entre o esterno e o coração; *esplênico*, que se responsabiliza pelo labor da aparelhagem hemática, controlando o surgimento e a morte das hemácias, volume e atividade, na manutenção da vida; *gástrico* que conduz a digestão, assimilação e eliminação dos alimentos encarregados da manutenção do corpo; *genésico*, que dirige o santuário da reprodução e engendra recursos para o perfeito entrosamento dos seres na construção dos ideais de engrandecimento e beleza em que se movimenta a Humanidade.

Incorporando experiências novas e eliminando expressões primitivas, é o fator essencial para o intercâmbio medianímico entre encarnados e desencarnados.

MORAL E PERISPÍRITO - Refletindo o pretérito do homem, na forma de tendências no presente, liberta-se as fixações negativas ou as avoluma, consoante a direção, que ao Espírito aprouver aplicar, dos recursos natos.

Toda experiência venal brutaliza-o, desequilibrando-lhe os centros vitais que, posteriormente, responderão com distonias e desordens variadas, em forma de enfermidades insolúveis.

As ações de enobrecimento e os pensamentos superiores, quando cultivados, oferecem-lhe potencialidades elevadas, que libertam das paixões, com conseqüente sublimação dos sentimentos que exornam o Espírito.

Não foi por outra razão que o Mestre recomendou cuidado em relação aos escândalos, às agressões mentais, morais e físicas, considerando melhor o homem entrar na Vida sem o membro escandaloso, do que com ele, como a afirmar que é melhor ser vítima do que fator de qualquer desgraça.

Possui todo Espírito os inestimáveis recursos para a felicidade como para a desdita, competindo-lhe moralizar-se, disciplinar-se, elevar-se, a fim de ascender à pureza, após a libertação das mazelas de que se impregnou.

*

ESTUDO E MEDITAÇÃO:

“O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?”

“Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar **perispírito**, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

(O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, questão 93.)

*

¹ **Chakra** - Palavra sânscrita que significa roda. Igualmente conhecida, em páli, como **Chakka**. - Nota da autora **espírituak**.

“(...) Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.”

(O Livro dos Médiuns, Allan Kardec, item 54.)

19

OBSESSÃO

[...] Sendo, todavia, a *morte*, apenas um corolário da *vida*, em que aquela confirma esta, compreensível é que o intercâmbio incessante prossiga, não obstante a ausência da forma física. Viajando pelo perispírito, veículo condutor das sensações físicas na direção do Espírito e, vice-versa, mensageiro das respostas ou impulsos deste no rumo da soma, esse corpo semimaterial, depositário das forças impregnantes das células, constitui excelente campo plástico de que se utiliza a Lei para os imprescindíveis reajustes daqueles que, por distração ou falta de siso, desrespeito ou abuso, ambição ou impiedade se atrelaram às malhas da criminalidade. [...]

A EVOLUÇÃO ANÍMICA

Gabriel Delanne

CAPÍTULO I

A VIDA

A força vital

Até aqui só temos estudado o funcionamento da vida, a maneira pela qual o organismo vivo entra em conflito com o seu meio ambiente, mas nada sabemos ainda da natureza mesma dessa vida. Se compreendemos como, por exemplo, se exercem as funções digestivas, cumpre notar que é num *aparelho vivo* que elas se operam, isto é, num organismo que produziu, por processos peculiarmente seus, as matérias necessárias a essa combinação química, e, se as leis de afinidade são as mesmas no laboratório vivo como no mundo exterior, não deixa de ser por processos particulares, inteiramente diferentes dos que agem sobre a matéria bruta, que a vida opera.

Eis, a propósito, o que diz Claude Bernard, juiz competente nestes assuntos:

“Posto que os fenômenos orgânicos, manifestados pelos elementos dos tecidos, estejam todos submetidos às leis gerais da físico-química, não deixam, contudo, de completar-se com o concurso de *processos vitais* peculiares à matéria organizada, e, neste sentido, diferem, constantemente, dos processos minerais que produzem os mesmos fenômenos nos corpos brutos. Esta última proposição fisiológica, tenho-a *como fundamental*. O erro dos físico-químistas procede de não haverem feito essa distinção e acreditarem preciso religar os fenômenos apresentados por seres viventes, não apenas às mesmas leis, mas também aos mesmos processos e formas pertinentes aos corpos brutos.”¹⁰

Tem, pois, a vida um modo especial, *vivente*, de proceder, para manter o seu funcionamento; existe no ser organizado algo inexistente nos corpos inorgânicos, algo operante por métodos particulares, *sui generis*, e que não só fabrica, como repara os órgãos. A esse algo chamamos força vital.

Essa observação tem sido feita por muitos naturalistas. Stahl imaginou, para explicar a vida, uma força vital extrínseca à matéria viva, seja uma espécie de substância imaterial - *a alma* -¹¹, causa fundamental da

¹⁰ Cl. Bernard - “Rapport sur les Progrès de la Physiologie”.

¹¹ É preciso não interpretar o vocábulo no sentido que lhe emprestam tólogos e filósofos, e sim no de alma fisiológica.

vida e dos movimentos que se lhe prendem. Foi partindo da falsa idéia de que as forças naturais estão em antagonismo com o corpo vivo que ele acreditou residir nessa força anímica a faculdade de resistência às influências destrutivas. Nada obstante haverem Descartes e Van Helmont sustentado doutrinas análogas, Stahl desenvolveu o fundador do animismo em fisiologia.

Stahl estabeleceu uma diferença radical entre os fenômenos da natureza bruta e os da natureza viva. Conservaram esse fato interessante, mas abandonaram a teoria da alma. Não houve como deixar de recorrer a uma outra força fundamental, da qual dependem todas as manifestações de vida, nos vegetais como nos animais, destinadas por *força* ou *princípio vital*.

Essa força, que rege todos os fenômenos vitais, dá irritabilidade às partes contrárias de animais e plantas, ou seja, como vimos, a propriedade de serem afetadas pelos irritantes exteriores.

Admitiam, nos animais, a *alma* de Stahl, que, combinada ao princípio vital, presidia aos fenômenos intelectuais. Essa teoria teve como principais defensores, na França, Barthez; e, na Alemanha, Hufeland e Blumenbach.

A força vital de que falamos liga-se a esta última forma de ver, pois, de fato, cremos que haja uma força de natureza especial, que provê a matéria organizada do que inexistente na matéria bruta: - a irritabilidade; ela diverge, porém, desde logo, porque nós não vemos nessa força mais do que uma modificação da energia, ainda desconhecida, modalidade da força universal, quais o calor, a eletricidade, a luz. Não fazemos dessa força uma entidade imaterial, surgida ao acaso, sem antecedentes, ou melhor, uma criação sobrenatural.

Diferimos também dos vitalistas em não vermos entre os animais e o homem mais do que uma diferença de grau, não de natureza. Tudo o que existe na Terra provém de inúmeras modificações da força e da matéria. A força vital deve entrar no quadro das leis gerais, e a nós compete evidenciar a sua presença nos seres vivos.

Flourens parece compartilhar dessa opinião quando escreve:

“Acima de todas as propriedades particulares e determinadas, há uma força, um princípio geral, comum, que todas as propriedades particulares implicam e de que se fazem presumidas, e o qual, sucessivamente, pode ser isolado, destacado de cada uma, sem deixar de existir. Que princípio será esse? Seja qual for, é essencialmente uno. Há uma força geral e una, da qual todas as forças particulares mais não são que expressões ou modalidades.”¹²

CAPÍTULO III

Como o perispírito pôde adquirir propriedades funcionais

A Natureza é a grande mestra. Só ela contém a verdade, e todo aquele que saiba vê-la, com olhar filosófico, desvendar-lhe-á os segredos tesouros ocultos aos ignorantes. As leis que regem a evolução proteiforme da matéria física ou vivente atestam que nada aparece súbita e perfeitamente acabado.

O sistema solar, o nosso planeta, os vegetais, os animais, a linguagem, as artes, as ciências, longe de traduzirem rebentos espontâneos, são antes o resultado de longa e gradual ascensão, a partir das mais rudimentares formas até às modalidades hoje conhecidas.

Lei geral e absoluta, dela não poderia aberrar a alma humana e constituir uma exceção. Essa alma, vemo-la, passa na Terra pelas mais diversas fases, desde as humílimas e incipientes concepções do silvícola até as esplêndidas florações do gênio nas nações civilizadas.

Deverá nosso exame retrospectivo deter-se aí? Deveremos crer que essa alma, que manobra no homem primitivo um organismo tão complicado, tenha podido, de súbito, adquirir propriedades tão variadas e tão bem adaptadas às necessidades do indivíduo?

Deverá nossa indução limitar-se aos seres que tenham exatamente os nossos mesmos caracteres anatômicos?

¹² Flourens - “Considerations générales sur l’analyse organique”.

Eis o que não cremos, pois as transições insensíveis que nos levam fisicamente do homem à matéria, nós as encontramos no domínio intelectual, com as mesmas degradações sucessivas, tal como precedentemente demonstramos. É, pois, no alvor da vida inteligente que precisamos fixar-nos para encontrar, senão a origem da alma, ao menos o ponto de partida aparente da sua evolução através da matéria.

Intencionalmente dizemos “o ponto aparente de partida”, visto não podermos concluir legitimamente pela existência da inteligência senão onde ela se manifesta com certeza.

Ora, como o sistema nervoso é o órgão indispensável a essa manifestação, ligado que está, intimamente, à vida anímica, segue-se que estudemos os organismos partindo dos primeiros vestígios de uma organização nervosa.

Também nos determina a proceder assim a circunstância de nos aparecer a alma indivisível no homem, e nada autorizar a supor que outro tanto não ocorra na série animal; os primeiros lampejos do instinto tornam-se os sinais reveladores de sua atuação, embora seja, talvez, possível remontar mais alto para ver, na irritabilidade e na motilidade, expressões inferiores da alma.

Mas, ainda recusada a hipótese, fora bastante, no assunto, partir dos animais relativamente simples como os zoófitos, para compreender como pôde o perispírito adquirir sucessivamente, mediante transformações incessantes, as suas propriedades funcionais.

Apesar das copiosas provas acumuladas no capítulo anterior, no intuito de mostrar a identidade do princípio que dirige o animal e o homem, julgamos útil estabelecer experimentalmente a existência do perispírito animal.

São fatos respigados na obra do Sr. Dassier,¹ autor que ninguém dirá suspeito de simpatias pelo Espiritismo.

Mais valor, por isso mesmo, tem o seu testemunho.

“Em fins de 1869, achando-me em Bordéus – diz ele –, encontrei, à noite, um amigo que se dirigia a uma sessão de magnetismo, e que me convidou a acompanhá-lo.

“Anuí, desejoso de ver de perto o magnetismo, que até então só conhecia de nome. A sessão nada apresentou de notável: era a repetição do que ocorre comumente nas reuniões desse gênero. Uma jovem criatura, parecendo muito lúcida, oficiava de sonâmbula e respondia às perguntas que lhe dirigiam. Um fato inesperado surpreendeu-me, contudo. Ia a meio a sessão, quando um assistente, percebendo uma aranha no assoalho, esmagou-a com o pé. “Alto lá! – gritou logo a sonâmbula – Estou vendo evoluir-se o Espírito da aranha!” Sabemos que, na linguagem dos médiuns, o vocábulo *Espírito* corresponde ao que eu chamaria fantasma póstumo.

– Qual a forma desse Espírito? – perguntou o magnetizador.

– A mesma da aranha – respondeu a sonâmbula.”

O Sr. Dassier não soube, a princípio, como interpretar a resposta.

Ele não admitia qualquer espécie de alma no homem e muito menos num animal. Não tardou, entretanto, mudasse de pensar, por isso que cita inúmeras manifestações póstumas de animais, e sempre sob as mesmas formas que tiveram na Terra.

E ele acredita possível até o desdobramento de certos animais, durante a vida terrestre.

Seja, porém, qual for a sua forma de ver, o indubitável já agora é que a chamada luz ódica de Reichenbach,² o duplo fluídico da vidente de Prévost,³ o fantasma póstumo do Sr. Dassier, outra coisa não é que o perispírito, ou seja, o invólucro da alma; e que, tanto nos animais como no homem, o princípio pensante é sempre individualizado no fluido universal.

Se bem que esta questão tenha sido pouco estudada até ao presente, possível foi verificar, com os médiuns videntes, que a alma animal não é destruída pela morte.

A *Revue Spirite* de 1894 relata o caso de um cão fielmente descrito por um vidente, quando seu dono, o conde de Luvoff, recordava o devotamento do animal. A essas demonstrações de saudade, o belo animal cabriolava de alegria, feliz por ver-se alvo das reminiscências do antigo dono.

Ainda nessa Revista (1865), depara-se-nos a narrativa desta manifestação póstuma:

“Ultimamente, por volta da meia-noite, achando-me deitado, mas vígil, ouvi, como se partisse dos pés da cama, o grunhido característico da cadelinha, quando lhe apetecia qualquer coisa. A impressão foi tão nítida que cheguei a estender o braço fora do leito, como se quisesse atraí-la e acreditasse na realidade das suas carícias.

“Ao me levantar, de manhã, contei o episódio à minha mulher, que me disse: – Também ouvi a mesma coisa, não uma, porém duas vezes. O grunhido parecia vir da porta do quarto. A primeira idéia que me veio foi a de não estar morta a nossa pobre bichinha e que, fugindo da casa do veterinário, procurava o nosso teto.

“Nossa filha, então enferma e ocupando a alcova materna, também afirma que percebeu o mesmo grunhido.”

Aqui, não cabe a hipótese alucinatória, de vez que o fenômeno é identicamente percebido por três pessoas separadas.

Se o princípio inteligente do animal sobrevive, se o animal tem, de fato, uma individualidade, possível se torna aplicar-lhe as mesmas regras que dirigem a alma humana.

Por meio do Espiritismo, verificamos, experimentalmente, a necessidade da reencarnação para a alma humana, e a lei de continuidade, que temos assinalado em todos os seres vivos, nos induz a crer que o animal não se forra ao imperativo da mesma necessidade. Assim, o princípio inteligente viria sucessivamente utilizar organismos cada vez mais aperfeiçoados, à medida que se tornasse mais apto a dirigi-los. Podemos oferecer duas provas dessa nossa perspectiva, por confirmarem a teoria da encarnação animal.

Os monistas, que negam a existência da alma, pelo menos como realidade distinta do organismo, recorreram – veja-se bem – a hipóteses, a afirmativas puramente conjecturais, quando houveram de defrontar-se com uns tantos fenômenos que as propriedades da matéria só por si não explicariam. Assim é que dotam a matéria, não só a do sistema nervoso, mas toda ela, da memória, que é faculdade essencialmente consciente. Eles que, tão acrimoniosos, censuram aos espiritualistas o abuso da metafísica, imaginam uma metafísica menos compreensível que a de Platão, de Bossuet ou de Descartes! Deixemos, contudo, falarem os fatos.

Assim se exprime Viana de Lima:

“A invencível repugnância, o instintivo horror inconsciente que ainda nos inspiram uns tantos animais inofensivos, e cujo aspecto nos deveria antes causar indiferença; esse temor, essa repulsão inatos não podem, em dados casos, explicar-se senão pela hereditariedade da memória orgânica, provindo de antepassados que houvessem, mui freqüentemente, sofrido malefícios desses animais. Ser-nos-ia fácil aqui transcrever inúmeros fatos roborantes do asserto, mas vamos contentar-nos com um exemplo da mesma índole, assaz instrutivo e menos conhecido, e que, ao demais, tem sido verificado por diversos observadores.

“Se levarmos a uma estrebaria um molho de palha servida em jaula de leões, ou de tigres, e, com essa palha, fizermos a cama dos cavalos, vê-los-emos, tão logo sintam o cheiro da palha, tomarem-se de pânico e tentarem fugir. “Laycock, o primeiro a relatar o fato, diz que incontáveis gerações de cavalos domésticos deveriam ter sucedido o seu ancestral selvagem, exposto aos ataques destes representantes da raça felina.” Entretanto, estes nossos cavalos domésticos, nascidos em nossas cocheiras e dos quais se pode assegurar não terem tido, jamais, uma prova experimental do perigo (não tendo mesmo avistado qualquer fera), ainda reconhecem o almíscar dos terríveis inimigos dos seus ancestrais.”^{iv}

Não é, decerto, a matéria viva desses cavalos que resente a impressão terrificante, visto que, das remotíssimas épocas do cavalo selvagem até o presente, a matéria do corpo físico foi completamente renovada, sem que reste dela um átomo, e isso um milhão de vezes. As moléculas extraídas da alimentação, feno, cereais, etc., moléculas que integram a forma do cavalo contemporâneo, não conhecem o leão ou o tigre, pois que elas não têm consciência. Como, então, explicar o pavor desses animais? Se admitirmos a existência de um princípio inteligente no animal, e que esse princípio se revista de um perispírito no qual se armazenem os instintos, as sensações, e que a memória provenha de uma revivescência desses instintos e sensações, tudo se torna compreensível.

As mesmas causas produzem os mesmos efeitos. Os animais domésticos outros não são que os mesmos selvagens de outrora, em cujos perispíritos o almíscar das feras desperta lembrança de sofrimentos, quiçá de morte. Daí, o seu terror. No homem, o sentimento *instintivo* de repugnância por uns tantos animais, como os

répteis, provém das camadas mais profundas do *eu*, são as sensações experimentadas pelo ser humano em sua passagem pela série animal. É também sob forma instintiva que eles se manifestam, e nós vamos ver, dentro em breve, como todos os atos decorrentes do instinto têm a mesma origem.

Este assunto, tão importante, do mecanismo orgânico do homem, não tem sido aclarado. Limitado o seu estudo às ciências naturais, nem por isso as teorias monistas, materialistas, etc., se remontaram, em qualquer momento, à causa dos fenômenos e, assim, só podem safar-se do impasse atribuindo à matéria propriedades que ela nunca manifestou.

O Espiritismo, muito ao contrário, nada inventa. Demonstrando a existência do perispírito, e que ele reproduz, fluidicamente, a forma corporal dos animais; que é estável, a despeito do fluxo perpétuo das moléculas vivas, conclui ser nele que se incorporam os instintos e as modificações da hereditariedade.

Imutável em si mesmo, apesar das mudanças incessantes que o homem experimenta, o perispírito é, por assim dizer, o estatuto das leis que regem a evolução do ser. Não se dissolve na morte e, porque nele se constitui a individualidade do princípio inteligente, registra a mais insignificante das numerosas alterações que as sucessivas existências lhe determinam, de sorte que, percorrida toda uma série, torna-se apto a conduzir e dirigir, mesmo à revelia do Espírito, organismos muito complexos.

Há neste automatismo algo de análogo com o que se observa no pianista exímio, quando de primeira vista interpreta uma partitura nova: flexibilizado por longos treinos o mecanismo cerebral, tanto quanto o braçal e digital, obedientes à sua vontade, não há mais que se preocupar com os óbices materiais que embarçam os principiantes bisonhos. Não lhe resta senão ler a partitura, porque os órgãos obedecem automaticamente ao espírito. Mas, quantos tropeços e labores, antes de conseguir esse resultado!

Esta maneira de encarar a utilidade indispensável do perispírito tornar-se-á mais clara ainda, à medida que melhor formos compreendendo a natureza das ações tão complexas de que resulta a vida física e intelectual dos animais e do homem.

O atavismo, isto é, o fenômeno pelo qual reponta, de repente, numa raça animal, um espécime com caracteres há muito desaparecidos e específicos nos ancestrais, é uma segunda confirmação da nossa maneira de ver. Trata-se de um fenômeno assaz freqüente entre os animais, e os naturalistas atribuem-no à hereditariedade, mas sem com isso explicarem melhor o papel dessa força. Adiante, veremos como e por que esse fenômeno pode ocorrer.

Por agora, basta assinalá-lo de passagem.

A teoria celular

É difícil compreender nitidamente o papel do sistema nervoso no organismo e, portanto, o do perispírito, se não possuímos idéias bem precisas da maneira pela qual são constituídos os seres vivos.

Indispensável, pois, expor aqui os resultados a que chegou a ciência hodierna, no tocante à natureza íntima dos vegetais e animais.

Médicos, naturalistas, filósofos, falam constantemente de substâncias vivas, moléculas orgânicas, matéria organizada, tecidos de órgãos, etc., mas poucos fornecem desses termos uma definição precisa.

Nos animais superiores nota-se carne, ossos, tendões, nervos, vasos, membranas, etc. De que se compõem essas peças tão variadas? Poderemos achar em cada uma elementos constituintes idênticos, cuja variação pudesse originar produtos assim diversificados?

Eis o problema agora resolvido pela ciência.

Já o célebre Bichat havia um tanto concorrido à coordenação das idéias, com o dividir todas as substâncias que formam a trama do corpo, apresentando por toda parte, e sempre, as mesmas propriedades, fossem quais fossem os seres vivos em que as estudássemos.

Vem, depois, a idéia emitida por Oken, de serem os tecidos formados de elementos simples, constitutivamente semelhantes para cada qual. Johannes Müller desenvolveu essa teoria, da qual compartilhou Schleiden; e, por fim, Théodore Schwann demonstrou que todos os tecidos são formados de células que não diferem das vegetais senão pela variedade de formas que afetam as células animais, e por sua membrana envoltória, geralmente mais delgada.

Destes, como dos trabalhos que se lhes seguiram, resulta a certeza de provir o organismo de um vegetal ou de um animal qualquer da reunião, da associação de um número formidável de células. As partes do corpo animal, ou vegetal, são oriundas das modificações experimentadas pelas células. Em química, os produtos mais complexos podem sempre ser reconduzidos aos elementos primários, aos corpos simples que os constituem, mediante uma série de decomposições sucessivas.

Assim, também, na História Natural a célula aparece como último resíduo, no estudo, cada vez mais profundo, dos tecidos mais diferentes. É o elemento anatômico por excelência, a molécula orgânica, com a qual se estruturam todos os seres vivos.

Mas, como é feita essa célula? Posto que extraordinariamente variável nas formas, ela se compõe, sempre, de três partes: um núcleo interior, sólido; um líquido que banha esse núcleo e uma membrana que envolve o todo. A parte essencial, verdadeiramente viva, é o líquido, a que chamaram *protoplasma*. De sorte que esse líquido gelatinoso constitui, realmente, o fundamento da vida orgânica. Enquanto ele se mantiver vivente nos milhões de células que integram um corpo, esse corpo viverá. Se ele perecer num conjunto qualquer de células componentes de um membro, o membro morrerá. Finalmente, destruído o protoplasma no total das células, morrerá todo o corpo. A ser exata a teoria da evolução, a vida na Terra deveria ter começado pela formação do protoplasma. Este é um fato hoje verificado. A exploração das grandes profundezas submarinas^v revelou a existência de uma substância gelatinosa que parece corresponder à primeira manifestação vital.

Os belos trabalhos de Haeckel, concernentes a esses seres rudimentares, confirmam plenamente as deduções de Darwin, dando ao transformismo uma base séria.

“As moneras – diz Haeckel, num artigo do *Kosmos* – são os seres mais simples que se possam imaginar. Não passam de massas pequeníssimas de protoplasma, destituídas de qualquer estrutura, e cujos apêndices proteiformes preenchem, por sua vez, todas as funções vitais e animais: movimento de sensibilidade, assimilação e eliminação, nutrição e crescimento, reprodução. Consideradas do ponto de vista morfológico, seu corpo é tão simples quanto o de qualquer cristal.”

Mas, as moneras não apresentam todas o mesmo grau de simplicidade, havendo as que possuem, no âmago da massa, um núcleo bem caracterizado. São as células nuas, chamadas *amebas*. Encontram-se na água comum e no sangue dos animais. Quando, enfim, a ameba se rodeia de um invólucro, constitui a célula propriamente dita. A reprodução celular opera-se de maneira simplíssima. Atingindo um certo volume, verifica-se uma ou mais de uma divisão em sua massa, que assim se biparte ou multiparte. Cada parte de *per sí* se autonomiza, nutre-se, cresce e a seu turno engendra outras células. Às vezes sucede que as células nascidas da primeira não se separam e formam, então, uma série de células associadas, dando nascimento a outras também inseparáveis e assim por diante, conforme o grau de vitalidade de que são dotadas.

É o que ocorre com todos os vegetais, com os animais e com o homem. *Todos os organismos* da nossa época começam por não ser mais que uma célula única: *o ovo vegetal* ou *animal*, e, segundo a maior ou menor complexidade do ser nascituro, as células se diversificam, mais ou menos, guardando, entretanto, cada qual, a sua autonomia peculiar.^{vi}

Mesmo nas associações mais complexas, as células constituintes de um ser vivo não perdem completamente a sua independência. Cada uma vive por sua conta, e as diversas funções fisiológicas do animal outra coisa não são que o resultado de atos consumados por um dado grupo de células.

A finalidade de todo organismo é viver: cada parte concorre, na sua esfera de ação, para o objetivo comum. Pode comparar-se o corpo vivo à manufatura de uma fábrica: cada órgão representa um grupo de operários e cada operário corresponde a uma célula. Os operários têm, cada qual, a sua tarefa especial e, uma vez reunidas as peças, separadamente fabricadas, obtém-se o produto fabril. Na escala dos seres encontram-se associações celulares em todas as fases de desenvolvimento.

A esse respeito, eis o que diz Isidore Geoffroy-Saint-Hilaire:^{vii}

“Tal como o indivíduo, a comunidade tem a sua unidade abstrata e a sua existência coletiva. É uma reunião de indivíduos, muitas vezes numerosíssima, e, no entanto, pode ser considerada em si mesma como um só indivíduo, como um ser uno e, não obstante, composto. E assim é, não por uma abstração mais ou menos racional, mas, na realidade, material para os nossos sentidos como para o nosso espírito, constituída em ser organizado de partes contínuas e reciprocamente dependentes, fragmentadas de um mesmo

conjunto, posto que constituam, cada qual, um conjunto mais ou menos circunscrito, membros de um mesmo corpo, ainda que possuindo cada qual um corpo organizado, um pequeno todo...

“Como a família, como a sociedade e como o simples agrupamento, a comunidade pode ser mui diversamente constituída. A fusão anatômica e, por conseqüência, a solidariedade fisiológica dos seres assim reunidos, pode limitar-se a algumas funções vitais, ou estender-se à quase totalidade dos órgãos e funções. Pode, igualmente, apresentar-se em todos os graus intermédios, passando por matizes insensíveis de seres organizados, nos quais as vidas associativas permanecem quase independentes, e os indivíduos nitidamente distintos, e daí a outros em que os indivíduos se vão tornando de mais a mais dependentes e mistos, até aos em que todas as vidas confundem-se numa vida comum, desaparecendo, mais ou menos completamente, na individualidade coletiva, as individualidades propriamente ditas.”

Os animais superiores são essas individualidades coletivas, mas simplesmente do ponto de vista vital.

Vimos que a força vital é simultaneamente um princípio e um efeito: princípio, por tornar-se preciso um ser já vivente para comunicar a vida; e efeito porque, uma vez completada a fecundação de um gérmen, as leis físico-químicas servem ao entretenimento da vida.

Aqui, não pode haver equívoco: a força vital tem uma existência certa, pois cada ser reproduz um ser semelhante, e não podemos dar vida a um composto inorgânico. De resto, supondo que chegássemos, por exemplo, a fabricar um músculo sensível, de feição a produzir os mesmos fenômenos que um músculo natural, ele não poderia regenerar-se, como se dá incessantemente com o organismo vivo. Logo, posto que opere e se entretenha por meio de leis naturais, o princípio vital distingue-se dessas leis.

Ele é uma força, uma transformação especial da energia, não tem existência sobrenatural, mas é produto necessário da evolução ascendente, de grau primário não da organização, mas do entretenimento e da reparação da matéria viva. É possível encontrar laivos desse princípio reparador até na matéria bruta. Haja vista o cristal, que pode cicatrizar suas fraturas, como bem evidenciou Pasteur.^{viii}

Quebrado em qualquer parte, se o colocarmos na solução de sua origem, não só cresce em todas as suas faces, como desenvolve na parte avariada um trabalho ativíssimo, prestes reparando o estrago e restabelecendo a simetria. Colocando-se o soluto de uma substância violeta, por exemplo, vê-se distintamente o trabalho suplementar reclamado pelo refazimento das partes destruídas.

O princípio vital é, pois, uma força essencialmente reparadora e, nos vegetais como nos animais, é ela quem refaz as células agregadas entre si, em função de um plano determinado. É, de alguma sorte, o desenvolvimento, o grau superior, a transformação exaltada do que denominamos *afinidade* nos corpos brutos.

Ao demais, o fluido vital age também sobre as moléculas orgânicas, como o fluido magnético sobre as poeiras metálicas que originam o fantasma magnético. Se negarmos a existência de uma força vital, ainda que invisível e imponderável, não nos será possível compreender por que um corpo vivo mantém uma forma fixa, invariável segundo a espécie, apesar da incessante renovação das moléculas desse corpo.

Enquanto a vida se apresenta difusa, como no caso dos animais inferiores; enquanto todas as células podem viver individualmente, sem auxílio de outras, o princípio inteligente mal se revela nítido, visto que nos seres rudimentares apenas se constata a irritabilidade, ou seja, a reação a uma influência exterior e, portanto, nenhuma sensibilidade distinta.^{ix} Mas, tão depressa surge o sistema nervoso, desde o instante em que as funções animais nele se concentram, a comunidade viva transforma-se em indivíduo, pois desde esse instante o princípio inteligente assume a direção do corpo e manifesta a sua presença com os primeiros claros do instinto.

Desenvolvimento correlato do gânglio cerebral e da inteligência, na série animal

Alguns zoófitos (animais-plantas), tais como as medusas e os ouriços marinhos, possuem alguns lineamentos de sistema nervoso; pelo que também se lhes distinguem rudimentos instintivos.

Na orla dos mares, receptáculo inexaurível de formas incipientes, quando se escava a areia úmida da onda que se retrai, é raro não se encontrar uma viscosa massa azulada como a goma de trigo, simples amálgama de geléia na aparência. Essa massa gelatinosa não oferece, à primeira vista, qualquer

característico de animalidade; mas, se a colocardes num grande vaso com água do mar, ou num poço assaz profundo onde ela possa desenvolver-se à vontade, vê-la-eis dilatar-se, arredondar-se e tomar, pouco a pouco, distintas formas a que não faltará elegância.

Tendes, então, à vista um ser singular, cujo corpo se compõe de um disco mais ou menos convexo, como um cogumelo, e dotado de vários apêndices colocados na sua parte côncava, servindo-lhe à respiração e à apreensão dos alimentos. Esses órgãos são pendentes ou flutuantes em várias espécies, sugerindo-nos à lembrança as serpes que exornavam a mítica Medusa, que lhes deu o nome. O vulgo conhece-as como geléias do mar.^x

Lícito é perguntar por que as medusas, possuindo estrutura tão variada e formas tão elegantes e delicadas, quando observadas no meio líquido, se tornam, segregadas do seu elemento, massas informes e confusas, nas quais o olhar mais arguto jamais encontraria traços do animal antes fixado. Pois é simplesmente porque os tecidos são muito tênues para conservarem no ar o seu respectivo lugar, enquanto na água, perdendo uma parte de peso equivalente ao volume da água deslocado,^{xi} não precisam oferecer mais que uma fraca resistência para conservar a estrutura e impedir as diversas partes do corpo de recaírem sobre si mesmas.

Por longo tempo esses bizarros seres foram desdenhados pelos próprios naturalistas, que não viam neles – como dizia Réaumur – mais que uma geléia viva. A ciência moderna, porém, soube penetrar os mistérios do seu organismo e determinar-lhes a verdadeira forma exterior. Nada de mais singular, certo, do que um animal sem boca, mas provido de trombas sugadoras, análogas a raízes vegetais, cuja cavidade digestiva se prolonga por todas as partes do corpo, à maneira de canais vasculares, e de feição a preencher, ao mesmo tempo, as funções de um estômago e de um coração. Outra não é, porém, a organização que Cuvier descobriu nesses zoófitos.^{xii}

É de se ressaltar que, entre os seres mais simples, mesmo entre aqueles em que se não lobriga sistema nervoso distinto, nem órgãos sexuais, nem membros, o estômago é sempre encontrado.

Dir-se-ia ser ele o órgão da animalidade, por excelência, o fundamento da vida bruta e – parodiando Rabelais – que o estômago é o contramestre dos artistas do universo, tendo ensinado aos animais e ao homem o que lhes era preciso fazer para viver, suscitando-lhes todas as necessidades e, com elas, todos os instintos.

As actínias, que se assemelham a flores vivas e cujas pétalas brilhantes são dotadas de grande motilidade, não são, na verdade, senão estômagos organizados, verdadeiras bolsas a transmitirem sucos nutritivos ao resto do corpo, por embebição. Nem outros instintos nelas se deparam, além dos reclamados para esse ato importante.

É que nelas o sistema nervoso ainda não está diferenciado. A sua substância encontra-se difundida por todo o corpo, como que amalgamada com a matéria gelatinosa que compõe o animal, de sorte que as faculdades ativas, tais como a visão, a audição, etc. – que nós possuímos especializadas em órgãos distintos – jazem, de alguma sorte, uniformemente espalhadas, em estado latente, nesses organismos primordiais.

É sob a influência permanente, ativa, incessante dos meios que atuam sobre o animal, e pela impulsão resultante de necessidades sempre renascentes, que as espécies se transformam, concentrando em órgãos particulares as diferentes faculdades originariamente confundidas entre si. Esses órgãos dos sentidos acabam perdendo uma parte de suas propriedades gerais, para só conservar e desenvolver as de sua especialidade.

A força nervosa, difundida em todas as partes do corpo nos zoófitos, centraliza-se parcialmente nos filetes nervosos, nos moluscos. As diversas ramificações de nervos, com seus raros e minúsculos cérebros, ou gânglios, começam a concentração, a coordenação, a unidade individual; mas isso só se dá progressivamente. O sistema nervoso, nos tipos melhor definidos, é formado principalmente por dois gânglios situados acima e abaixo do esôfago. O superior foi denominado *cerebral*, e prende-se ao outro por cordões nervosos que formam o colar esofágico.

À medida que o organismo se complica – o que vale dizer, se eleva –, o gânglio cerebral duplica-se e as duas partes componentes podem ficar separadas ou reunidas. Nos animais-plantas temos comprovado ausência de quase todos os sentidos. Os moluscos apresentam já um progresso, pois revelam não só o tato, senão que muitos possuem vista e, talvez, olfato. Outros há que possuem também audição. Esse começo de

aperfeiçoamento orgânico dá lugar aos instintos de nutrição, de propagação e mesmo outros, como atestam os ouriços marinhos, que perfuram os rochedos para neles fazer morada.

Estudemos os seres colocados um pouco acima, na série animal, e veremos que, nos articulados, o crescimento e o desenvolvimento do gânglio cerebral são muito acentuados.

Na quase totalidade dos membros desse grupo, os dois gânglios cerebrais aproximam-se e soldam-se, embora com indícios manifestos da primitiva separação. Daí resultam manifestações cada vez mais complexas dos instintos. Eis, segundo Leuret,^{xiii} a progressão dessas faculdades:

- 1º) Nota-se, em primeiro lugar, animais que parecem estabelecer uma transição com a classe inferior, apresentando instintos só adstritos à procura de alimento (*Anelídeos: sanguessugas*).
- 2º) Sensações mais extensas e numerosas, construção de um domicílio, extremo ardor genético, voracidade, crueldade cega (*Crustáceos: caranguejos*).
- 3º) Sensações ainda mais extensas, construção domiciliar, voracidade, ardil, astúcia (*Aracnídeos: aranhas*).
- 4º) Sensações amplíssimas, domicílio, vida de relação, provisão de guerra e defesa coletiva, sociabilidade, enfim (*Insetos: abelhas, formigas*).

Antes de passar aos vertebrados, parece-nos útil explicar o processo de elaboração dos instintos, bem como o papel que o perispírito representou na evolução, cujos pontos principais acabamos de expor sucintamente.

O perispírito

Temos insistido muitas vezes na íntima conexão existente entre os seres vivos, de sorte que os animais sucedem insensivelmente às plantas, havendo organismos que parecem participar das duas naturezas. Vimos, também, que o princípio vital representa o papel mais importante na existência dos vegetais, que é uma força nitidamente definida e não uma entidade vaga, visto como, sem a sua associação ao duplo fluídico, não se pode compreender a forma típica dos seres, mantida do nascimento até à morte.

Essa força, que impregna o gérmen e lhe dirigirá a evolução, não basta, porém, para explicar os instintos assinalados no animal e tampouco as manifestações inteligentes por nós referidas. Ao desenvolvimento do princípio anímico, portanto, atribuímos esses fatos que tão profundamente diferenciam os dois reinos. Nos organismos ambíguos, situados nos confins de um e outro reinos, e conforme seja mais ou menos intensa a união da força vital com o princípio espiritual, notar-se-á maior ou menor concentração, uma individualidade mais ou menos marcante.

Mas, tão presto se estabeleça o equilíbrio, entra a predominar o princípio espiritual, acelera-se a evolução e as formas se condensam. Em vez de moles, flácidas, apresentam contornos determinados, nitidamente regulados, ao mesmo passo que surgem, e mais energicamente se acusam, os instintos.

Ficou também estabelecido que o princípio inteligente se reveste sempre de um envoltório fluídico, e os episódios relatados por Dassier, e sancionados pela lógica, não nos permitem duvidar da realidade desse duplo perispírito.

Examinemos, agora, a sua função nos seres vivos.

Nos primórdios da vida, o fluido perispiritual está misturado aos fluidos mais grosseiros do mundo imponderável. Podemos compará-lo a um vapor fuliginoso a empanar as radiações da alma; e, como ele se encontra intimamente unido ao princípio espiritual, este, não obstante possuir em gérmen todas as faculdades fadadas a evoluir, não as pode manifestar, impedido pela espessa materialidade do cárcere fluídico.

E dessarte, nos primeiros tempos, os fortes estímulos da fome tornam-se necessários para despertar a alma da sua atonia.

Sabemos que os fluidos são constituídos por estados de matéria eterizada e que a rapidez do seu movimento molecular é proporcional ao grau de rarefação das moléculas. Quanto mais densos, opacos, viscosos, maior resistência oporão a toda e qualquer modificação; e, contudo, é necessário que a alma chegue a mudar a direção dos movimentos do seu invólucro, a regularizar-lhe a atividade, para que possa

ela manifestar-se exteriormente. Podemos ter uma idéia dos sucessivos fenômenos que as diferentes encarnações determinam no perispírito, imaginando uma grande fonte luminosa, um foco elétrico, por exemplo, metido numa esfera de vidro cheia de espesso fumo negro, formado de enorme quantidade de partículas sólidas.

A fulgurância do foco seria tão obumbrada por esse véu escuro, que nenhuma luz se projetaria fora. Quando muito, uma tênue claridade, como indício apenas da potente radiação do arco voltaico. Pois seja a alma o foco elétrico, e o vapor caliginoso o perispírito, nos primeiros tempos da vida terrestre.

Suponhamos agora que, devido a manipulações diversas, tais como resfriamento da esfera, compressão de gases internos, etc., conseguimos o precipitado de um pequeno número de partículas sólidas, e teremos que a luz já poderá manifestar-se com um pouco mais de facilidade. Sua expansão será um pouco mais forte, não se lhe poderá chamar ainda luz, mas é força reconhecer qualquer progresso sobre o estado precedente.

Renovando muitas vezes essa experiência e supondo que em cada experiência o vapor não se aclara senão em quantidades diminutíssimas, ter-se-á uma idéia aproximada do que ocorre com a alma e com o seu invólucro, enquanto percorre a série animal.

As faculdades superiores, assinaladas nos vertebrados, não se fazem notórias senão de intercorrência, não têm continuidade, dir-se-iam como relâmpagos através de nuvem escura.

É só em grau de humanidade que o princípio espiritual tem manipulado o órgão fluídico o bastante para que as principais faculdades lhe não sejam de contínuo entravadas, infirmadas.

Mas, quanto trabalho a realizar ainda, antes que chegue à completa depuração desse vapor! Quantas lutas por expurgar o fluido universal das suas moléculas grosseiras, até que possa a alma fulgurar na plenitude do seu magnífico esplendor!

A luz, sabemo-lo, é devida a um movimento vibratório do éter; mas, quão mais rápidas são as ondulações do fluido perispiritual de uma Entidade superior! Assim, não é metafórica, senão expressiva de fenomenalidade real, a descrição feita pelos médiuns videntes, referindo-se às almas puras, como se foram focos esplendentes de intensa luminosidade, ou estrelas cintilantes e variegadas.

Esta teoria será uma simples, imaginária concepção?

Absolutamente, de vez que a Ciência nos prova que todos os fenômenos podem reduzir-se ao movimento, qual fundamentamos com os físicos hodiernos.^{xiv}

O grande erro do materialismo, ou do monismo, é tomar sempre, em tudo e por toda parte, o efeito pela causa. É consciente e voluntariamente que esses filósofos atribuem ao sistema nervoso faculdades que nunca lhe pertenceram nem pertencerão jamais. Eles elegeram como princípio negar, obstinadamente, toda e qualquer realidade que lhes não afete os sentidos de um modo imediato. Daí a prevenção e, conseqüentemente, o erro.

Contudo, como os fatos por eles observados são reais, basta demonstrar serem a alma e o seu invólucro que gozam das faculdades conferidas à matéria, para que tudo se torne claro e compreensível. Tão difícil, por não dizer impossível, é explicar logicamente o que poderia ser *memória orgânica*, por exemplo, quão fácil seria fazê-lo admitindo-a residente no perispírito, como vamos demonstrar.

Isto posto, comecemos nosso estudo.

Formação dos órgãos dos sentidos, papel do perispírito

Antes de tudo, limitar-nos-emos a mostrar sucintamente como puderam formar-se os primeiros lineamentos do sistema nervo-sensorial e, paralelamente, o motor, inseparáveis que se apresentam, visto que a sensação se traduz sempre por um movimento, como vamos verificar.^{xv} Isto assente, fácil é figurar, por analogia, como as outras partes do sistema nervoso tomaram, pouco a pouco, a direção da vida vegetativa e orgânica. Logo, o que em primeiro lugar nos deve ocupar são as funções da vida de relação dos seres animados.

Essa vida compreende dois termos: ação do mundo exterior sobre o animal, traduzindo *sensibilidade*, e ação do animal sobre o mundo exterior, traduzindo *movimento*.

A faculdade de corresponder por movimentos a uma força externa é absolutamente peculiar a todos os seres vivos, e chama-se *irritabilidade*.

O que precisa ficar bem compreendido é que, em toda a natureza, *a força jamais se destrói*. Não se perde, não se cria, de sorte que, toda força, mesmo agindo sobre um objeto inerte, poderá, talvez, transformar-se, mas persistirá em estado de força e encontrar-se-á, *absolutamente integral*, na matéria inerte que lhe sofreu a ação.

Um fato curioso demonstra à saciedade este princípio de conservação da força sob a forma de impressão.^{xvi}

“Se colocarmos uma obreia – diz Draper – sobre um metal frio e polido, uma lâmina de navalha por exemplo; e se, depois de haver soprado sobre o metal, levantarmos a obreia, nenhuma inspeção, por mais rigorosa, revelará no aço polido qualquer traço, ou imagem qualquer. Mas, se soprarmos uma segunda vez no metal, havemos de ver que a imagem espectral da obreia reaparece; e isso tantas vezes quantas o desejemos, mesmo depois de alguns meses transcorridos.

“Uma sombra que se esbate numa parede nela deixa traços duradouros.”

Portanto, desde que uma força atue sobre um corpo, não deixará de o modificar, em certa maneira. Suponhamos um pedaço de ferro, por exemplo, num estado *A* de eletricidade, de temperatura, de equilíbrio mecânico e químico: se uma força qualquer *F* atuar nele, pô-lo-á em novo estado *A* de eletricidade, de temperatura, de equilíbrio mecânico e químico.

Supondo que a força *F* se esgotou inteiramente no corpo *A*, após a ação da força *F*, o corpo *A* será igual a *A + F*.

Isso leva-nos a admitir que, mesmo no caso de uma força não determinar movimentos aparentes num corpo, não deixa de lhe modificar a constituição molecular, transformando-se e imprimindo no corpo um novo estado diferente.

Ora, evidente é que o animal é muitíssimo mais sensível que o metal. Sendo a matéria que o conforma mais delicada, poderá ser irritada por forças menos enérgicas do que as atuantes nos corpos brutos, deixando no ser vivente traços cada vez mais duradouros de sua influência, à medida que mais se exercita.

O calor, a eletricidade, a combinação química, o peso, que se nos figuram tão diferentes, não passam, então, na realidade, de formas de movimentos moleculares, atômicos, vibratórios, não perceptíveis aos nossos sentidos, mas, em suma, movimentos que a Ciência conseguiu demonstrar redutíveis às leis mecânicas.^{xvii}

O ponto essencial, aquele que precisamos ter sempre em vista, é que o perispírito se liga, no ato do nascimento, a todas as moléculas do corpo. É por meio do fluido vital, impregnado no gérmen, que a encarnação pode realizar-se, sabendo nós que o Espírito só pode atuar sobre a matéria por intermédio da força vital. Dá-se, pois, íntima fusão entre o perispírito e o fluido vital, sendo este o motor determinante da evolução contida no trinômio *juventude, madureza, velhice*. Já notamos, igualmente, que cada célula, participando da vida geral nos organismos complexos, goza, contudo, de tal ou qual autonomia; de sorte que todo movimento nela produzido altera-lhe o equilíbrio vital e essa modificação dinâmica logo lhe percute o duplo fluídico, determinando nele um movimento.

Temos, assim, que toda ação interna ou externa produz um movimento no invólucro perispiritual. Assim entendidos, procuremos explicar de que maneira puderam formar-se os órgãos dos sentidos.^{xviii}

1º caso – Imaginemos o mais elementar dos seres. Ele só poderá ser perfeitamente esférico e sem elemento diferenciado. A bem dizer, o organismo homogêneo é pura abstração teórica.

Se imaginamos essa massa sensível num meio homogêneo ou, o que vem a dar no mesmo, num meio que varia uniforme e concêntrica em relação a ela, compreendemos como possa experimentar um sentimento de tensão, mais ou menos pronunciado, conforme a maior ou menor correspondência do ambiente com o seu equilíbrio natural. E é tudo. Não terá sensação, visto não poder ressentir, como vamos ver, a *mudança*, e sim, apenas, o seu estado *presente*.

Não terá percepção, enquanto o meio se mantiver homogêneo, visto que, ao mover-se, nada muda em torno dela.

Pode, pois, compreender-se facilmente tal existência, imaginando que todas as causas exteriores se reconduzem por uma ação idêntica à da pressão atmosférica, e que a nossa sensibilidade se reduz à faculdade de sentir essa pressão.

2º caso – Tal não acontecerá, porém, desde o momento em que o ambiente seja heterogêneo, e que o centro de sua ação não mais coincida com o centro da massa sensível, pois esta será, desde logo, modificada no ponto de sua superfície diretamente exposto à força perturbadora.

Para termos uma idéia da ocorrência, podemos prefigurar que toda a sensibilidade reduz-se à faculdade de sentir o calor e que calóricas são as forças todas do ambiente.

O organismo começará a aquecer-se do lado voltado para a fonte calorífica. Esse lado será, por instantes, a sede única da sensibilidade, pois é aí que se dará, primariamente, a ruptura de equilíbrio. Ele equivalerá a um órgão, mas órgão *adventício*, isto é, acidental e *instantâneo* de sensação. E como ora um, ora outro lado será chamado a sofrer essa influência, poder-se-á, em tese, dizer que todo o corpo do animal venha a ser um campo perpétuo de improvisados órgãos sensoriais. Só condicionalmente, subordinada à *diferenciação* da substância, é que pode haver sensação e, portanto, órgão momentâneo dos *sentidos*, visto que, neste caso, o animal percebe não apenas o presente, mas, ao mesmo tempo, o presente no órgão e o passado no resto do corpo ainda imune do foco.

Ele terá mais calor ou mais frio no órgão, antes de experimentar um efeito geral, e assim conhecerá o *signal* da mudança, isto é, saberá se há *mais* ou *menos* calor. E como, ao demais, haja de experimentar um sentimento inevitável de bem ou mal-estar, saberá em que sentido a temperatura o afeta, em relação com a posição de equilíbrio natural. Sentirá, vagamente, como faz *frio* ou *calor* e deduzirá um julgamento, mais ou menos grosseiro, da temperatura absoluta do exterior.

Decomponhamos o que aí se passa. As vibrações calóricas abalaram, por exemplo, a túnica de uma medusa. As células diretamente expostas aos raios solares foram irritadas, essa irritação engendrou mudança de equilíbrio na força vital dessas células e produziu uma vibração do fluido vital. Essa vibração repercutiu, imediatamente, no perispírito e, no mesmo instante, a alma da medusa foi advertida, por esse movimento perispiritual, de que lhe adveio uma modificação ao corpo. Toda percepção é seguida de um sentimento de bem ou de mal-estar e, assim, a alma será levada a esquivar-se às excitações externas que a incomodem, tanto quanto a buscar as contrárias. Sem dúvida que nos referimos a uma percepção extremamente vaga, mas nem por isso inexistente, e por muito confusa e lúrida que a suponhamos num animal tão rudimentar, menos dubitável não é que da sua persistência é que se origina o instinto.

Há uma curiosa observação que corrobora absolutamente a nossa presunção.

Um fato que prova o instinto desses animais tão insignificantes é que eles nunca se encaminham para a costa, senão quando os ventos para aí os impelem. Dir-se-ia pressentirem os perigos que lá os aguardam. Nada obstante as precauções, eles dão à costa em grande quantidade e lá se esmirram, ou antes, dissolvem-se ao sol.

O receio do calor é, pois, mais que justificado e basta para criar-lhes um instinto, de vez que a medusa, assim perecendo inúmeras vezes, acabará por se afastar instintivamente, nas encarnações seguintes, das plagas que lhe foram funestas.

Mas, retomemos nosso organismo teórico, visto não termos expendido todas as observações que ele enseja.

O órgão adventício, ou por outra, acidental, é o que possibilitou a sensação: é a *condição do sentido adventício*, isto é, a *faculdade de perceber, de modo diferenciado, as mudanças exteriores diferenciadas*.

De resto, dando o estado orgânico a medida do presente, enquanto o resto do corpo continua envolvido no passado, a comparação de presente e passado torna-se, não só possível, mas espontânea e constitutiva. Que se produza nova mudança e já lhe será possível apreciar a temperatura correspondente aos dois termos, sentir que *faz mais frio* ou *mais calor*.

Graças, pois, ao órgão adventício dos sentidos, a existência do animal compõe-se de uma série de experiências, cada uma das quais ligada às que lhe antecedem e sucedem. O órgão é a cadeia de *associação das impressões*, a condição da *individualidade psíquica permanente do animal*.

Mas isso não é tudo. Observamos ser pelo órgão acidental, formado nos pontos expostos ao calor, que o animal percebe as alterações externas. É também por ele que adivinhará se a alteração lhe será agradável ou não, e que poderá fugir ou evitar o perigo antes que seja tarde, e a menos que a desorganização não seja geral.

O órgão é, pois, *um produto cuja função está intimamente ligada ao que denominamos instintos de conservação*, e que adverte, a tempo, o prazer como a dor.

Enfim, qual ainda o vemos, o órgão é um *instrumento temporário da experiência*. Graças à confiança que temos em sua atuação espontânea é que podemos, no banho, perceber a tempo o afluxo demasiado de água quente ou fria, para fechar a torneira antes de sermos molestados.

Tais as particularidades da vida ao animal rudimentar, sem órgãos diferenciados e não gozando mais do que de uma diferenciação adventícia.

A maior parte dos zoófitos não apresenta senão fenômenos desta ordem. Vamos agora, examinar o caso mais complexo de um animal já dotado de um sentido permanente.

3º caso – Acabamos de ver que a sensação é devida a duas causas: 1ª- a uma diferença de ação externa; 2ª- à exposição direta de uma parte do corpo do animal a essa mesma ação, que, assim, a recebe mais forte nessa que em outras partes.

Suponhamos que, por um motivo qualquer, essa região seja chamada a servir de órgão de sentido adventício, e teremos que ela se transformará em órgão de sentido *permanente*, ou seja, dotado, a título perpétuo, de uma sensibilidade mais delicada, que diferenciará no ser a ação exterior, ainda que esta acuse apenas variações ínfimas e incapazes de agir sobre as outras partes sensíveis do animal.

O órgão permanente é, pois, *uma causa subjetiva de diferenciação*; é a condição do *sentido permanente*, isto é, da faculdade de receber, de *um modo diferenciado, as alterações exteriores, mesmo não diferenciadas*.

Para tornar mais clara essa concepção, imaginemos a sensibilidade uniformemente espalhada em todo o corpo, salvo num ponto, onde ela seja mais apurada, ou por outra: suponhamos só possuímos o sentido tátil e que a sensibilidade esteja acumulada no extremo de um só braço. Teremos que, no resto do corpo, se criarão *órgãos adventícios*, que advertirão das alterações supervenientes no mundo exterior. Mas, quando se tratar de conhecer mais exatamente a natureza e importância de qualquer dessas alterações, nós dirigiremos o órgão *permanente* nesse sentido, e será por ele, de preferência, que havemos de sondar o meio ambiente, visto ser o mais apto a distinguir as menores diferenças. Assim é que, caminhando na obscuridade, estendemos as mãos para a frente e avançamos em passo cauteloso, como que tateando o terreno com os pés. Os crustáceos e os insetos possuem antenas, que desempenham esse papel. São órgãos móveis, nos quais o tato está mais refinado, e é por esses apêndices que eles tomam exato conhecimento dos objetos exteriores. O órgão permanente será, portanto, o *instrumento* constante das experiências do animal, e a esse respeito adquirirá uma *aptidão especial*. Aperfeiçoando-se pelo exercício, ele fornecerá informes cada vez mais precisos e fidedignos. Além de todas as propriedades aqui reconhecidas no órgão adventício, e que, com mais forte razão, cabem ao órgão permanente, tem ele ainda a de religar a experiência da atualidade às do passado, tornando-se o elo de *associação das experiências*.

E como se dará a transformação do accidental em permanente?

É sabido que toda ação exterior pode reduzir-se, em última análise, a um fenômeno de movimento vibratório que vem contrariar o das moléculas corporais. Para que haja sensações é preciso que essas moléculas oponham uma certa resistência à causa perturbadora. Essa resistência provém de tal ou qual inaptidão das moléculas para vibrar em harmonia com o exterior. Uma vez vencida a resistência, a transformação da energia exterior deixará de si um traço mais ou menos profundo. Não há dúvida de que, se a mesma atividade exterior não mais voltar a agir sobre essas mesmas moléculas, elas tendem a retomar seu movimento natural. A coisa, porém, passar-se-á de modo diverso, se as moléculas experimentarem, não uma e sim milhares de vezes, essa atuação, e isso não só durante uma existência, mas através de cinquenta, cem, mil passagens pela mesma forma. Nesse caso, elas perderão, pouco a pouco, a tendência ao retorno do movimento natural e ir-se-ão progressivamente identificando com o movimento que lhes é impresso, a ponto de se lhes tornar ele natural e de, mais tarde, lhe obedecerem ao menor impulso.

O mesmo raciocínio ajusta-se às moléculas perispirituais, pois, assim como no campo magnético do ímã se verifica a existência das *linhas de força*, assim também, no perispírito, se criam linhas dessa espécie, ao longo das quais o movimento vibratório é diferenciado e permite à alma um conhecimento mais exato do mundo exterior, do que o teria pelo movimento confuso do resto do invólucro. Aqui, cabe uma notação

importantíssima e que demonstra, ainda uma vez, a utilidade e – digamo-lo também – a incontestável necessidade do perispírito.

Não esqueçamos de que *em todos os seres vivos*, tanto nos zoófitos como no homem, a matéria viva destrói-se e regenera-se constantemente pela nutrição e que, num prazo bem curto, todas as moléculas do corpo são renovadas. Indispensável é, pois, que exista no animal um elemento permanente, no qual residem as modificações adquiridas, sem o que as novas moléculas não seriam mais aptas que as antigas a vibrar mais rápido, nem poderia o animal adquirir órgão qualquer dos sentidos.

O perispírito é, portanto, o fator direto do progresso animal; sem ele nada se explica, e a teoria precitada, que é, sem embargo, a da ciência, tornar-se-ia simplesmente inconcebível.

O movimento é indestrutível, na verdade; ele afeta e abala as células que encontra em seu percurso, as quais conservam, certo, esse movimento; mas, uma vez desaparecidas, levam consigo a modificação adquirida, e as novas células não mais possuem esse movimento vibratório.

Se, ao invés, admitirmos o princípio vital intimamente ligado a todas as regiões do perispírito, e que este, por sua vez, reproduza exatamente todas as regiões do corpo, tudo se esclarece, visto serem as novas células organizadas pela *força vital modificada*, segundo o movimento das linhas de força perispiritual. Conseqüentemente, temos que o organismo físico reproduz essas modificações e desenha no ser celular o local do sistema nervoso-sensorial e ao mesmo tempo motor, visto que o ser reage de contínuo contra o seu meio.

É dessa maneira que as células chegam a diferenciar-se e a manifestar propriedades particulares, em relação com o gênero de excitação especial, ou seja, com o movimento que atua mais vezes sobre ela.

As vibrações caloríficas são menos rápidas que as luminosas, e as ondulações sonoras menos ainda que as duas primeiras, de sorte que as células que receberem mais vezes um que outro desses movimentos acabarão adquirindo uma irritabilidade apropriada à natureza de cada um dos agentes. Terá, em suma, especificado os órgãos dos sentidos.

Essa teoria exige apenas uma condição: o tempo.

Ora, nós hoje chegamos a determinar o lapso provável que nos separa da aparição dos primeiros seres em nosso planeta.

Os geólogos usaram para a resolução desse problema o seu método habitual, consistente na apreciação da ancianidade de um terreno pela espessura de uma camada em depósito e a provável rapidez de sua erosão. Depois de numerosas observações feitas em diversas regiões do globo, os naturalistas, com o ilustre Lyell à frente, presumiram que mais de *300 milhões de anos transcorreram* da solidificação dos leitos superficiais terrestres.^{xix}

Essas conclusões foram contraditadas por alguns físicos que não admitiram mais que 100 milhões de anos.^{xx}

Tomemos esse cálculo mais reduzido e teremos, para as três épocas geológicas, as cifras seguintes:

- 1º) Período primário 75 milhões de anos
- 2º) Período secundário 19 milhões de anos
- 3º) Período terciário 6 milhões de anos

Vemos, portanto, que os animais do primeiro período tiveram 75 milhões de anos para se diversificarem e adquirirem órgãos, criando o sistema nervoso.

As condições climáticas seriam mais ou menos semelhantes às que imaginamos para explicar a influência do meio sobre o animal, e a formação dos órgãos dos sentidos.

“Por toda a duração dos tempos primários – diz Lapparent –, um clima semelhante ao dos trópicos reinou do equador aos pólos e não foi senão por meados da era secundária que começou a manifestar-se o retraimento progressivo da zona tropical.

“Nos meados da era terciária, a Groenlândia ainda apresentava uma vegetação semelhante à da Louisiana dos nossos dias. A aparição dos gelos polares foi, portanto, assaz tardia e quase poderemos

considerá-la como encerramento dos tempos geológicos propriamente ditos, para inaugurar a época atual.”^{xxi}

Os exemplos tomados prendem-se ao órgão do tato, mas também poderíamos utilizá-los tratando de outro aparelho sensorial qualquer, como sejam o auditivo ou o visual.

Os fenômenos vão se complicando mais e mais, à medida que nos elevamos na série animal e que o sistema nervoso se vai, de paralelo, aperfeiçoando. O processo, entretanto, é sempre o mesmo. Vamos, pois, estudar as propriedades fisiológicas do aparelho nervoso, mesmo porque o seu conhecimento facultará uma compreensão ainda melhor do papel do perispírito.

Sistema nervoso e ação reflexa

Lembremos ainda uma vez que o sistema nervoso não é senão a *condição orgânica*, terrestre, das ações psíquicas da alma e que, de si mesmo, não é inteligente nem instintivo, visto que, depois de sua destruição, a alma sobrevive, tanto a humana como a animal.

Mas, enquanto subsiste a incorporação, ele é a reprodução material do perispírito e toda alteração grave de sua substância engendra consecutivas desordens nas manifestações do princípio pensante.

Alguns sábios dizem: lesada gravemente tal região do cérebro, desaparece a palavra articulada e, portanto, destruída fica a faculdade de falar. Isso é incontestável. Mas, deveremos concluir daí que uma parte da alma desaparecesse? Não. O que concluímos é, simplesmente, que impossibilitaram a alma de utilizar seu instrumento, e não pode ela, então, manifestar-se dessa maneira. Responda-se aos sábios: não demonstrastes, com essa experiência, a destruição parcial da alma, e sim que lhe desorganizastes o funcionamento. Nada mais.

O adágio *mens sana in corpore sano*, alma sã em corpo são, é verídico. Importa, necessariamente, estejam os órgãos em perfeito estado de saúde para que o Espírito deles se utilize com liberdade; mas, abstenhamo-nos de concluir que uma alteração do órgão acarrete alteração da alma, quando o que só determina é a *alteração da manifestação* dessa alma, o que não é a mesma coisa. O certo é que estreitíssimos são os limites dentro dos quais se conserva a integridade do sistema nervoso.

Eles dependem da circulação, da respiração, da nutrição, da temperatura, do seu estado de sanidade ou enfermidade.^{xxii}

Vimos como se pode representar a criação do sistema nervoso sensorial e motor, mas é preciso não esquecer a importância das funções vitais e, como os alimentos são irritantes interiores e a célula do canal digestivo reage sob a sua influência, criou-se um sistema nervoso vegetativo, que atua sobre a nutrição dos elementos orgânicos.

Ocupemo-nos simplesmente do sistema nervoso que serve para manifestar a inteligência. Compõe-se ele de nervos ou cordões nervosos e de centros que, nos vertebrados, são a medula espinhal e as diferentes partes que compõem o cérebro.

Examinemos, de relance, um animal inferior, dotado de visão, por exemplo; ele quer fugir de um objeto ou persegui-lo: o deslocamento do corpo não lhe obedece imediatamente à vontade e esse animal deverá, por isso, fazer um esforço para vencer tais ou quais resistências provenientes de uma coordenação dos átomos perispirituais e das moléculas materiais pouco favoráveis ao movimento.

Esse movimento propaga-se, finalmente, seguindo a linha das moléculas cuja vibração natural se apresenta menos divergente e, à proporção que se propaga, vai diminuindo a divergência. Daí resulta que o mesmo movimento, desejado pela segunda vez, experimenta menos resistência e exige menor esforço. Por fim, à custa de repetições mil vezes reiteradas, o movimento opera-se com esforço tão insignificante que se torna quase insensível.

Assim, de início penoso, torna-se fácil, depois natural e, por fim, automático e inconsciente.

Logo, desde que um organismo responda automática, maquinalmente, a uma ação exterior, dá-se o que os fisiologistas denominam *ação reflexa*.

Nada mais fácil de compreender do que um ato reflexo elementar. Excite-se um nervo em sua extremidade periférica e veremos que a excitação caminha ao longo do nervo, sobe aos centros nervosos e,

aí se propagando, pouco a pouco passa pelo perispírito e desce aos nervos motores, para transmitir-se ao músculo que se contrai.

Muitíssimo importante é considerar que a consciência pode perfeitamente ignorar esse movimento, e nem por isso ele deixará de produzir-se com absoluta regularidade, pois acabamos de ver que foi o hábito prolongado, por tempos dilatadíssimos, que lhe conferiu essa prerrogativa de automatismo.

Da mesma forma que podemos ler sem recordar as fases de aprendizado para conhecer as letras, as sílabas, etc., assim também uma irritação do sistema nervoso determina um movimento correspondente que pode perfeitamente ser ignorado pela alma, e independente da sua vontade.

As ações reflexas são de naturezas diversas, e o Sr. Richet dá-lhes a seguinte classificação:^{xxiii}

- A) Reflexos oriundos de uma excitação exterior e, portanto:
 - a) sobre os músculos da vida animal, movimentos reflexos de relação;
 - b) sobre os aparelhos da vida vegetativa, movimentos reflexos de nutrição.
- B) Reflexos oriundos de uma excitação interior visceral e, portanto:
 - a) sobre os músculos da vida animal.

A medula espinhal é considerada pelos fisiologistas sob um duplo aspecto, a saber: como fio condutor, transmite ao encéfalo as sensações e reconduz dele as excitações motrizes; como centro nervoso, é a sede das ações reflexas.

A ação reflexa simples, que se pode definir como a que é seguida de uma contração simples, é o primeiro ato de automatismo e inconsciência que se nos depara.

A ação reflexa consiste, essencialmente, no movimento provocado em uma região do corpo por uma excitação vinda dessa parte e agindo por intermédio de centro nervoso outro, que não o cérebro.

Exemplo: uma rã, cuja *cabeça foi decepada*, põe-se a caminhar regularmente como se nada lhe faltara. Se a prendermos com os dedos, ou queimarmos qualquer ponto do corpo da rã decapitada, ela levará a pata ao ponto irritado, e o movimento do membro acompanhará a irritação onde quer que esta se verifique, e isso pelo hábito de reagir de pronto às excitações exteriores, por movimentos apropriados, que se tornaram absolutamente instintivos, isto é, automáticos.

O estudo minudente desses diversos reflexos, antes que a nós, interessa à fisiologia. Contudo, eles nos oferecem a seguinte notação importante:

Aqui, mais do que nunca, a existência do perispírito torna-se indispensável à compreensão desses fenômenos, pois não somente a matéria nervosa se renova constantemente e as moléculas novas devem adaptar-se ao organismo pela força vital modificada pelo hábito, como existe entre os reflexos uma tal coordenação, que eles se sucedem uns aos outros, tendo em vista uma ação determinada e visando uma função a completar-se, como a digestiva, por exemplo.

Ora, ainda uma vez, diga-se, as propriedades notáveis do sistema nervoso não podem subsistir na matéria mutável, fluente, incessantemente renovada. Preciso faz-se, pois, tenham elas o seu fundamento na estabilidade natural do invólucro fluídico.

À medida que o princípio inteligente passou por organismos mais complexos, habituou-se, mediante reencarnações sucessivas, em cada forma, ao manejo cada vez mais perfeito do aparelho material; e, como esses atos tornavam-se automáticos pela reiterada freqüência das mesmas necessidades, estabeleceu-se estreita relação entre o organismo e o perispírito, ao mesmo tempo que uma apropriação gradativamente mais perfeita do ser com o seu meio.

Pode quase dizer-se que, na vida de um animal, excetuados os fenômenos da vida psíquica superior e os fenômenos normais do coração e da respiração, tudo mais é ação reflexa.

Assim se compreende a imperiosa necessidade de um organismo fluídico invariável, que mantenha a ordem e a regularidade nesse mecanismo complicado.

Podemos comparar o corpo a uma nação, e o mecanismo fisiológico às leis que regem o povo. As personalidades mudam constantemente; morrem umas, nascem outras, mas as leis subsistem sempre, não obstante passíveis de aperfeiçoamento, à medida que o povo se moraliza e se torna mais inteligente.

O instinto

O instinto é a mais baixa forma mediante a qual manifesta-se a alma. Já vimos que o animal tem uma tendência para reagir contra o meio exterior e que a sensação lhe determina emoções de prazer ou de dor. Procurando umas e fugindo doutras, ele realiza atos instintivos, que se traduzem por ações reflexas de que pode ter consciência sem poder, muitas vezes, impedi-las, mas que se adaptam admiravelmente à sua existência.^{xxiv} Assim, na lebre que dispara ao menor ruído, o movimento de fuga é involuntário, inconsciente, em parte reflexo, em parte instintivo, mas é, sobretudo, um movimento adaptado à vida do animal, tendo por finalidade a sua conservação. Para ele não há que escolher, foge fatalmente, porque os seus antepassados outro tanto fizeram em milhões de gerações; e é só na fuga que pode encontrar salvação.

Se destarte examinássemos todos os movimentos reflexos de conjunto, a conduta, a atitude dos animais, neles encontraríamos sempre os dois característicos da ação reflexa simples: a fatalidade e a finalidade.

O meio exterior em que vive cada animal excita, por sua atuação no aparelho sensorial, uma dupla série de efeitos: em primeiro lugar, uma seqüência de ações corporais reflexas; depois, uma classe de manifestações mentais correspondentes.

Já vimos que as ações mentais são vagas, primitivas, estreitamente limitadas ao organismo e seu ambiente.

Por outro lado, tendo cada família de animais a sua estrutura peculiar e quase idêntica para cada indivíduo do mesmo grupo, essa estrutura própria exige determinadas condições de existência física, as mesmas para todos.

Segue-se daí que ações e reações são sempre as mesmas, mais ou menos, para uma espécie e, por consequência, que provocam as mesmas operações intelectuais obscuras.

Essas operações, incessantemente repetidas, incrustam-se de alguma sorte no perispírito, que petrifica, por assim dizer, o aparelho cérebro-espinhal ou os gânglios que lhe equivalem nos seres inferiores, assim chegando a fazer parte do animal.

A aptidão para manifestar exteriormente essas operações, que se acabam tornando inconscientes, é transmitida por hereditariedade – diz a ciência –, perispiritualmente, dizemos nós, por isso que se trata, só, de seres modificados, que vêm habitar novos corpos.

Tal é, ao nosso ver, a gênese dos *instintos naturais primitivos*.

É nessa categoria que se colocam os instintos, cujo objetivo é: nutrição, conservação, reprodução.

Ao estado rudimentar dos instintos naturais primitivos sucede, com o tempo e com a experiência, uma noção mais clara das relações do organismo com o seu ambiente.

A inteligência acaba adquirindo uma certa intuição do fim que, sob o aguilhão das excitações exteriores e interiores, o princípio espiritual colima sem cessar.

A inteligência um tanto desprendida do meio perispiritual grosseiro, intervém, portanto, para que o Espírito alicie, em proveito dos instintos naturais, melhor apropriação das condições ambientes.

Os instintos naturais são, portanto, mais ou menos modificados ou aperfeiçoados pela inteligência.^{xxv}

Se as causas que acarretaram essas modificações são persistentes, vimos que elas se tornam inconscientes e se fixam no invólucro fluídico. Assim, ficam sendo verdadeiramente *instintivas*.

“Pouco a pouco, entretanto – diz Edmond Perrier^{xxvi} –, a consciência se amplia (segundo o grau de aperfeiçoamento cerebral), as idéias são mais claras, mais numerosas, as relações compreendidas, a inteligência insinua-se mais nítida.

“De começo, ela se mescla em todos os graus do instinto, até que lhe chega o momento de mascarar, mais ou menos, os instintos inatos, que é quando o que eles têm de fixo como que parece desaparecer sob a onda movediça das suas inovações.

“O que se transmite por hereditariedade não é mais que a aptidão para conceber, quase inconscientemente, tal ou qual relação; é a aptidão para procurar e descobrir novas relações, até que possa, enfim, mostrar-se na maravilhosa florescência da razão humana.”

E como se torna compreensível este progresso, patrimônio de muitos milênios, quando admitimos a passagem da alma através da escala animal!

Como clara se torna a existência e a pertinência dos instintos no homem! É que, na verdade, eles constituem, de qualquer maneira, os fundamentos da vida intelectual; são os mais prístinos e mais duradouros movimentos perispirituais que as incontáveis encarnações fixaram, incoercivelmente, em nosso invólucro fluídico e, se o verdadeiro progresso consiste no domínio desses instintos brutais, infere-se que a luta seja longa, quão terrível, antes de conquistar esse poderio.

Era indispensável passasse o princípio espiritual por essas tramas sucessivas, a fim de fixar no invólucro as leis que inconscientemente regem a vida, e entregar-se, depois, aos trabalhos de aperfeiçoamento intelectual e moral, que o devem elevar à condição superior. A luta pela vida, por mais impiedosa nos pareça, é o meio único, natural e lógico para obrigar a alma infantil a manifestar as suas faculdades latentes, assim como o sofrimento é indispensável ao progresso espiritual.

E, a menos que vejamos na alma o efeito de um milagre, criação sobrenatural, é força reconhecer o magnífico encadeamento das leis que regem a evolução dos seres para um destino sempre melhor.

Temos assinalado o desenvolvimento dos instintos, à medida que o sistema nervoso se aperfeiçoa, nos invertebrados, mas essa ascensão torna-se ainda mais notória nos vertebrados. De fato, nestes, a gradação é simplesmente espantosa.

É de Leuret o seguinte quadro do peso médio do encéfalo em relação com o do corpo:

- 1º) Nos peixes a razão é de 1 para 5.668
- 2º) Nos répteis 1 para 1.321
- 3º) Nas aves 1 para 212
- 4º) Nos mamíferos 1 para 186

Verifica-se, portanto, uma progressão contínua, à medida que ascendemos na escala; mas tenhamos em vista a condicional de que esses pesos abrangam cada grupo, em bloco, e não tal ou tal espécie, examinada individualmente.

Porque, se há hoje um fato bem demonstrado, é o de o progresso animal operar-se não em linha única e reta, mas em linhas desiguais e paralelas.

Não podemos acompanhar em todos os pormenores os fatos tão numerosos e interessantes para o leitor, visto que alguns volumes não bastariam. Limitamo-nos, assim, a resumir, de escantilhão, tudo que se prende à evolução animal, assinalando a utilidade do perispírito para a compreensão dos fenômenos.

Nossa maneira de ver pode justificar-se com uma hipótese assaz ousada, de Herbert Spencer, cujo resumo aqui apresentamos:^{xxvii}

Nossa ciência, nossas artes, nossa civilização; todos os fenômenos sociais tão numerosos e complicados, quaisquer que sejam, reduzem-se a um certo número de idéias e sentimentos. Estes, por sua vez, se reduzem a sensações primitivas, patrimoniais dos cinco sentidos. Estes cinco sentidos, a seu turno, reduzem-se ao tato. A fisiologia contemporânea tende a justificar a sentença de Demócrito: "Todos os nossos sentidos não passam de modificações do tato." Enfim, o próprio tato deve radicar nessas propriedades primordiais, que distinguem a matéria orgânica da inorgânica. E muitos fatos tendem a mostrar que a sensibilidade geral abrolha dos processos fundamentais, integradores e desintegradores, que são a base de toda a vida. Destarte, integração e desintegração, sensibilidade geral, tato, sentidos especiais, sensações e idéias, seu desenvolvimento no tempo e no espaço seriam, de um ponto de vista fenomênico, a ordem de evolução do espírito, do mais simples ao mais complexo. A mais complicada sociologia radicaria, assim, nas fontes mais ínfimas da vida.

Resumo

Acreditamos ter estabelecido neste e no precedente capítulo, com exemplos tirados da História Natural, a grande probabilidade da passagem da alma pela série animal.

O princípio espiritual evoluiu lentígrado, das mais ínfimas formas aos organismos mais complexos. Durante o longuíssimo período das idades geológicas, as faculdades rudimentares do Espírito

desenvolveram-se sucessivamente, agindo sobre o perispírito, modificando-o e deixando nele, em cada etapa, os traços do progresso realizado.

O invólucro fluídico poderia comparar-se a essas árvores seculares que, de ano a ano, aumentam de diâmetro, imprimindo no tronco indeléveis traços, visto que a energia se transforma e jamais se perde.

Sob os impulsos da alma excitada pelo meio cósmico e a luta pela vida, o organismo fluídico criou, por diferenciação das propriedades do protoplasma, todos os órgãos materiais subordinados à direção progressivamente preponderante do sistema nervoso.

E, pelo mecanismo cada vez mais desenvolvido e coordenado das ações reflexas, puderam, enfim, manifestar-se os instintos. À medida que a ascensão vai-se acentuando, repontam os primeiros albos da inteligência e, por notável transformação, o hábito combinado com a lei da hereditariedade – que consideramos consequência do retorno da mesma individualidade, cada vez modificada, ao mesmo tipo – faz que se tornem inconscientes os fenômenos de início desejados e inerentes à conservação do indivíduo. Assim é que categorias inúmeras de atos inconscientes atingem o automatismo e entram, por assim dizer, no físico da alma, incrustando-se no perispírito.

É de crer, portanto, que todos saímos do limbo da bestialidade.

Longe de sermos criaturas angélicas, decaídas; longe de havermos habitado um paraíso imaginário, foi com imensa dificuldade que conquistamos o exercício de nossas faculdades, para vencer a natureza.

Nossos antepassados do período quaternário, fracos em comparação com os grandes carnívoros do seu tempo, a vagarem em pequenos grupos, em busca de alimento, procurando nos galhos do arvoredo ou na cavidade das rochas um abrigo momentâneo, tiritando aos açoites do vento ou às carícias da neve, longe estavam dessa idade de ouro que as lendas religiosas esmaltaram de ilusórios esplendores.

Terrível foi a luta do homem primitivo com os grandes espécimes da fauna. Ele teve de fazer guerra de extermínio às feras, até expurgar delas as regiões infestadas. Nem foi senão lentamente, por explorações dignas de Hércules, que ele conseguiu triunfar de tão numerosos quão formidáveis inimigos.

Quem deixará de admirar essa marcha lentíssima, mas gloriosa, para a luz? Quem se não emocionará diante dessa evolução desdobrada sob o látigo de necessidades implacáveis, que, arrancando o homem de sua abjeção primeva, eleva-o às regiões mais altas e mais serenas da racionalidade?

As sociedades hodiernas estão em progresso, relativamente às antecessoras; e se nós compararmos o nosso tempo ao de nossos pais, temos o direito de nos lisonjearmos com o resultado do esforço coletivo da Humanidade.

Entretanto, se fixarmos o olhar na eterna justiça, veremos todas as nossas imperfeições e o caminho que nos resta percorrer para nos aproximarmos desse ideal.

A luta pela vida, necessária à eclosão do princípio espiritual, tinha a sua razão de ser num mundo brutal e instintivo, onde nem uma consciência clara, nem uma inteligência viva repontavam. Hoje, que a alma se manifesta sob as mais altas modalidades de sua natureza, essa luta deve atenuar-se e desaparecer.

Assiste-nos o dever de reclamar uma distribuição mais eqüitativa dos encargos e benefícios da comunidade. Importa nos sobreponharmos aos funestos ditames da ambição, que impelem povos contra povos. Que reivindicuemos, finalmente, os imprescritíveis direitos da solidariedade e do amor.

Nossa doutrina, evidenciando a igualdade perfeita, absoluta, do ponto de partida de todos os homens, extingue as separações artificiais, alimentadas pelo orgulho e pela ignorância.

Ela prova, à saciedade, que ninguém tem o direito de exigir o respeito alheio, a não ser pela nobreza de sua própria conduta, e que nascimento e posição social não passam de meros acidentes temporários, dos quais ninguém se pode prevalecer, visto que todos podem auferi-los em dado momento de sua evolução.

Aí temos verdades consoladoras, dignas de serem difundidas em torno de nós.

Mostremos que só o esforço individual pode conduzir ao progresso geral, e a mesma potência que nos trouxe ao estado animal abrir-nos-á as infinitas perspectivas da vida espiritual, a desdobrar-se na ilimitada extensão do Cosmo.

CAPÍTULO V

O PAPEL DA ALMA DO PONTO DE VISTA DA ENCARNAÇÃO, DA HEREDITARIEDADE E DA LOUCURA

A obsessão e a loucura

[...] O perispírito *não é criador, é simplesmente organizador* da máquina; mas, se a hereditariedade apenas lhe faculta materiais viciados ou incompletos, ele é incapaz de os regenerar e sempre restam partes do cérebro forradas à sua influência.[...]

Resumo

No momento de encarnar, o perispírito une-se, molécula a molécula, à matéria do gérmen. Possui este uma força vital, cuja energia atual durante a existência, determina a longevidade do indivíduo.

Esse gérmen também contém gêmulas modificadoras do organismo, em virtude das leis da hereditariedade, ou melhor - a força vital, modificada pelos pais, transmite as disposições orgânicas da progenitura. É, pois, sob a influência da força vital, que o perispírito desenvolve as suas propriedades funcionais.

A evolução vital do gérmen recapitula, de um modo rápido, as conformações *ancestrais* que a raça experimentou.

Assim como o duplo fluídico encerra, sob a forma de movimentos, o traço indelével de todos os estados da alma após o nascimento, assim também o gérmen material contém em si a impressão indefectível de todos os sucessivos estados do perispírito.

A idéia diretriz que determina a forma está, por conseguinte, contida no fluido vital, e o perispírito dele se impregnado, nele se transfundindo, a ele unindo-se intimamente, materializa-se o bastante para tornar-se o diretor, o regulador, o suporte da energia vital modificada pela hereditariedade. É graças a ele que o tipo individual se forma, desenvolve-se, conserva-se e se destrói.

Eis por que o perispírito é o decalque ideal do corpo, a rede fluídica estável através da qual passa a torrente de matéria flutuante, que a cada instante destrói e reconstrói todo o organismo. É ao perispírito que o Espírito deve a conservação de sua identidade física e moral, visto ser possível ligar o tão profundo quão persistente sentido do *ego* à matéria em constante renovação.

O que torna essa força invencível com a certeza de sermos sempre *nós mesmos*, desde que nascemos, até à morte, é a memória.

Ora, as moléculas do corpo renovam-se, foram em todos nós renovadas milhares de vezes no curso da vida, e, assim sendo, ela - a memória, visto que só ela persiste, não pode haver-se como propriedade do que é de si mesmo instável, isto é, a matéria. A memória é atributo do invariável, do invólucro fluídico - *o perispírito*.

Também verificamos no homem instintos específicos, ou seja, privativos da raça.

É coisa que não nos deve surpreender, visto que a alma, com o seu invólucro, não atinge o período humano senão quando apta para dirigir um corpo humano. Portanto, os instintos primordiais são os mesmos para todos; mas, outros há, individuais, que dependem dos progressos particulares, realizados automaticamente, de sorte que a reação aos estímulos exteriores varia conforme a natureza particular de cada um.

A transmissão dos pendores orgânicos permite-nos compreender porque os Espíritos encarnam antes nuns que noutros meios; é que eles buscam os elementos adequados ao desenvolvimento de tais ou quais faculdades.

As afinidades fluídicas têm, portanto, grande importância no ato do nascimento. Se, igualmente, admitirmos a evolução por grupos, teremos demonstrado que os Espíritos não podem encarnar onde desejam. Um selvagem, cujo desenvolvimento intelectual e moral seja muito inferior à média atingida nos povos civilizados, não poderá colher aí um corpo físico, já que suas afinidades constroem-no a regressar ao seu

ambiente, até que tenha progredido o bastante para harmonizar o invólucro fluídico com um meio mais elevado.

Todos os seres evoluem por gradações insensíveis, por transições imperceptíveis; mas, se quisermos avaliar o caminho percorrido, basta comparar os extremos de uma série: o selvagem e o homem civilizado, para vermos a diferença que separa o homem contemporâneo do seu ancestral quaternário.

Temos visto que as disposições mórbidas são transmissíveis, e que, não sendo o espírito engendrado pelos genitores, nem por isso deixa de ser coagido, no exercício de suas faculdades, à mercê de uma organização defeituosa.

É uma das mais dolorosas provações. Sucede, às vezes, que a loucura não é real, não se radica no organismo, é produzida por Espíritos obsessores, cuja influência vai da obsessão à subjugação. Nestes casos é que podemos considerar o Espiritismo um benefício social. Ele pode ir ao encontro de milhares de criaturas, pobres vítimas enclausuradas nos manicômios, e que, de simples obsidiados que são, acabam realmente loucos, quando atirados a tais ambientes.

CONCLUSÃO

Temos visto como o movimento perispiritual explica, de um modo simples, a passagem do consciente ao inconsciente, e como se registram, automaticamente, no perispírito, todos os estados da alma.

As condições de percepção prendem-se a duas causas, que são a intensidade e a duração da sensação, variáveis segundo o estado vibratório do invólucro.

Nos primórdios da vida, o invólucro da alma é grosseiro, mesclado dos fluidos mais próximos da matéria, com movimentos tardos, por assim dizer, incipientes. O trabalho da alma consiste na depuração desse invólucro, em desembaraçá-lo das suas gangas fluídicas, isto é, em dar-lhe um movimento cada vez mais radiante.

Cada existência terrena deixa no perispírito a sua impressão. Assim como, ao cortar-se uma árvore secular, se torna possível saber-se a idade contando as camadas concêntricas anualmente deixadas pela casca, assim também existem zonas fluídicas que se vão superpondo, à medida que o Espírito se vai distanciando da sua origem. As lembranças gravadas no invólucro são, como ele mesmo, inextinguíveis. Posto não passe de simples analogia, é possível comparar essas camadas sucessivas às impressões fotográficas que se podem superpor na mesma placa sem se confundirem. Todos esses movimentos vibratórios têm uma existência própria, um grau vibratório que lhes é peculiar, sendo o último sempre superior aos demais.

Note-se bem que se não trata, aqui, de uma superposição de impressões físicas. Assim como o fenômeno da alotropia nos mostra, tangivelmente, que as propriedades de um corpo prendem-se a um movimento particular das moléculas desse corpo, e que essas propriedades mudam quando o movimento molecular tem outro modo vibratório, assim também, no perispírito, cada zona atômica pode ser constituída pelos mesmos átomos, mas com associações vibratórias inteiramente diferentes, correspondendo cada um desses arranjos a determinada posição de equilíbrio.

Chegada à humanidade, a alma já está amadurecida, e o seu invólucro tem fixado, sob a forma de leis, de linhas de força, os estados sucessivamente percorridos, e será talvez essa a causa da evolução fatal do embrião, repassando por todos os estágios da escala anteriormente percorrida.

No homem primitivo, o inconsciente fisiológico é muito rico e não terá quase de enriquecer-se mais, senão de atos automáticos secundários, ou seja, de hábitos manuais; o inconsciente psíquico, pelo contrário, está quase virgem, constituído pelas modalidades mais apuradas do instinto, e das mais incipientes da consciência e da inteligência.

De fato, o animal apenas possui faculdades simples, rudimentares. Tem o sentimento da existência, mas não tem a consciência do *eu*. Os primeiros homens deveriam aproximar-se muito dos antropóides atuais, e não resta dúvida de que a longa duração do período quaternário foi indispensável à elaboração dessa consciência, que os deveria destacar definitivamente da animalidade.

Insensivelmente, contudo, foi-se a alma desprendendo das brumas que a envolviam; o raciocínio, que apenas lucilava intermitente, afirmou-se como o fundo mesmo do Espírito; o pensamento, a inteligência, exercendo-se por sensações mais nítidas, mais delicadas, ensejaram observações sempre mais exatas,

relações melhor estabelecidas, generalizações e abstrações cada vez mais amplas, à medida que a linguagem se aperfeiçoava.

Trazendo cada encarnação um aperfeiçoamento, o inconsciente psíquico enriqueceu-se progressivamente, e o esforço ia-se tornando menos considerável, à proporção que aumentava o número das clausuras terrenas.

Hoje, o que importa é desembaraçarmo-nos das paixões e instintos residuais da nossa passagem pelos reinos inferiores.

A luta é demorada e difícil, pois há que modificar os primeiros movimentos perispirituais que em nós se encarnaram, e que eram os únicos constituintes de nossa vida mental, nessas épocas remotas e mil vezes seculares de nossa evolução.

Entretanto, a vontade tudo pode em relação à matéria, o progresso entremostra-nos perspectivas cada vez mais brilhantes, e essa mesma força que nos erigiu em seres inteligentes saberá desvendar-nos o roteiro de mundos melhores, nos quais imperam a concórdia, a fraternidade, o amor.

Nos estudos parciais, que constituem este livro, pensamos haver demonstrado que os fenômenos vitais e psíquicos, coexistentes no homem, encontram explicação racional na Doutrina Espírita. Nada, nas teorias por nós expostas, colide com a filosofia das ciências. A existência do perispírito, durante a vida e depois da morte, foi experimentalmente estabelecida, com todas as garantias possíveis contra a fraude e o erro; sua composição fluídica foi comprovada pela fotografia, e nós podemos conceber-lhe a natureza, por analogia, com os estados da matéria extremamente rarefeita. Nem a sua imponderabilidade é mais estranha do que a das forças físico-químicas que se traduzem por luz, eletricidade, afinidades, etc. Nem sua ação sobre a matéria é mais extraordinária que a do magnetismo sobre a limalha de ferro. Finalmente, nenhuma de suas propriedades é irracional.

A sua união com a alma é da mesma espécie da que ocorre com as forças ligadas aos átomos materiais. Se não podemos aniquilar a matéria, maiormente não podemos destruir o Espírito: a alma que se manifesta depois da morte é verdadeiramente imortal.

A reencarnação é a conciliação lógica de todas as desigualdades intelectuais com a justiça de Deus. Ela se comprova experimentalmente com a encarnação de Espíritos em certos e determinados ambientes, preditos por circunstâncias que de antemão os identificam. Se essa encarnação é possível uma vez, não vemos por que o não seja inúmeras vezes. Isto posto, podemos inferir uma lei geral, posta ao princípio inteligente, e aplicá-la aos animais, ainda porque, neles e com eles, podemos observar fatos que tendem a estabelecer essa verdade.

A existência do fluido vital, ainda que posta em dúvida na atualidade, parece-nos indispensável para explicar os fenômenos da vida, visto que a forma e a evolução de todos os seres vivos, bem como os fenômenos de reconstituição orgânica, não os explica a ciência moderna.

Nós, que conhecemos a verdadeira natureza da alma, oferecemos a nossa teoria, que resolve logicamente grande número de dificuldades.

A fonte de todos os mal-entendidos que dos espíritas separam os materialistas e espiritualistas deriva da ignorância em que se mantêm os sábios e os filósofos, no concernente à existência e à natureza do perispírito.

Para os fisiologistas, a alma não é mais que resultado das funções vitais do cérebro. Iludidos pela concordância que verificam entre o estado mórbido desse órgão e o concomitante desaparecimento de certas faculdades, acreditam eles haver nisso uma correlação de causa e efeito, e o que os confirma nessa maneira de ver é que a faculdade se restabelece logo que o órgão retorna ao estado normal.

Nós, porém, que possuímos a prova da sobrevivência da alma à desagregação do corpo, sabemos que aquela concordância é devida à ação do perispírito sobre o corpo, entravado, desde que a força vital se perturbe, mas pronta a reassumir o seu império, tão logo a calma se restabeleça.

A teoria materialista nada explica do Universo. Ela apenas aponta os fatos, que atribui a leis materiais, a se encadearem, a se determinarem sucessivamente. O Espírito é uma possibilidade qualquer, poderia deixar de existir, de sorte que a inteligência não passa de mero acidente na criação. É para nós essa uma conclusão absurda, por isso que, não existindo um ser racional, a criação seria um contra-senso.

Vimos as forças naturais concorrerem com todas as forças ativas para a eclosão do ser pensante, e pretende-se que este último produto da evolução – o homem, que, ao invés de submeter-se passivamente,

como o fizeram os seus predecessores, tomou a direção de si mesmo – seja o fruto de uma surpresa, de um jogo do acaso? É uma conclusão contraditada por toda a natureza e, ainda que não tivéssemos a prova material da imortalidade da alma, o bom senso faria justiça a essas alegações infundadas.

A matéria é cega, inerte, passiva, e só se move por influência da vontade. O que denominamos forças, nada mais é que manifestações tangíveis da inteligência universal, infinita, incriada. São sinais evidentes da Vontade suprema que mantém o Universo.

Assim como agentes se fazem precisos, por executar as leis promulgadas pelos nossos parlamentos, assim também se faz necessária uma potência, eternamente ativa, para tornar exequíveis as leis naturais.

Todas as alterações verificadas nos estados da matéria não têm mais que um fim – o progresso do Espírito, que é a única realidade pensante. Nisto, aproximamo-nos dos espiritualistas. Estes filósofos, porém, estudando a alma, apenas subjetivamente são levados a conferir-lhe uma espiritualidade absoluta, que fatalmente os impede de compreender a sua ação sobre o corpo.

Ao demais, essa atitude interdita-lhes a explicação de numerosos e variados fenômenos da vida inconsciente do Espírito.

Mas, isso ainda não é tudo.

A fisiologia demonstra-lhes que todo estado de consciência liga-se, necessariamente, a um substrato material; que a memória, por exemplo, está intimamente ligada a determinado estado do sistema nervoso, sem o que não poderia produzir-se; de sorte que, se, após a morte, a alma fosse puramente espiritual, não reteria nem um dos conhecimentos do passado, uma vez destruído o corpo.

Chegou o tempo de se rasgarem todos os véus. O Espiritismo faculta provas tangíveis da imortalidade, e preciso se faz que, afrontando todos os sarcasmos, todos os prejuízos, ele obrigue os pensadores sérios a estudá-lo atentamente.

Todos os espíritos chumbados às suas velhas concepções terão de abrir os olhos diante da luz radiosa da verdade solidamente apoiada em fatos inconcussos.

Teremos, então, a satisfação de ver milhares de inteligências superiores arrotearem o campo magnífico desdobrado aos seus olhos. O domínio da matéria imponderável é tão vasto quanto o ponderável, de nós conhecido. Fecunda messe de profícuas descobertas acena para quantos se disponham a perflustrar esses territórios ainda inexplorados.

Com a certeza das vidas sucessivas e da responsabilidade dos nossos atos, muitos problemas revelar-se-ão sob novos prismas. As lutas sociais, que atingem, nesta nossa época, um caráter de aguda aspereza, poderão ser suavizadas pela convicção de não ser a existência planetária mais que um momento transitório no curso de uma eterna evolução.

Com menos orgulho nas camadas altas e menos inveja nas baixas, surgirá uma solidariedade efetiva, em contato com estas doutrinas consoladoras, e talvez possamos ver desaparecer da face da Terra as lutas fratricidas, ineptos frutos da ignorância, a se dissiparem diante dos ensinamentos de amor e fraternidade, que são a coroa radiosa do Espiritismo.

EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS

André Luiz

2- Corpo espiritual

Retrato do corpo mental

Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental¹ que lhe preside a formação.

Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja.

Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berçotúmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência.

¹ O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre. (Nota do Autor espiritual)

Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.

Centros vitais

Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer.

Nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica.

É assim que, regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena, nele identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundinas de uma usina respondem ao comando da peçamotor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las.

Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras; o centro laríngeo, controlando notadamente a respiração e a fonação; o centro cardíaco, dirigindo a motividade e a circulação das forças de base; o centro esplênico, determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sangüíneo; o centro gástrico, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização, e o centro genésico, guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.

Centro coronário

Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta.

A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino.

Estrutura mental das células

É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmos-nos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluídos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretrecidos na essência da matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito.

Centros vitais e células

São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação.

Essas células que obedecem às ordens do Espírito, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, procedem do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações protoplásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras. Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas, na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exoneração excretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça, encontrando, porém, esse clima, que lhes é indispensável, na estrutura aquosa de nossa constituição fisiopsicossomática, a expressar-se nos líquidos extracelulares, formados pelo líquido intersticial e pelo plasma sanguíneo.

Exteriorização dos centros vitais

Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo físico vulgar, reconheceremos facilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.

Corpo espiritual depois da morte

Em suma, o psicossoma é ainda corpo de duração variável, segundo o equilíbrio emotivo e o avanço cultural daqueles que o governam, além do carro fisiológico, apresentando algumas transformações fundamentais, depois da morte carnal, principalmente no centro gástrico, pela diferenciação dos alimentos de que se provê, e no centro genésico, quando há sublimação do amor, na comunhão das almas que se reúnem no matrimônio divino das próprias forças, gerando novas fórmulas de aperfeiçoamento e progresso para o reino do Espírito.

Esse corpo que evolve e se aprimora nas experiências de ação e reação, no plano terrestre e nas regiões espirituais que lhe são fronteiriças, é suscetível de sofrer alterações múltiplas, com alicerces na dinâmica proveniente da nossa queda mental no remorso, ou na hiperdinamia imposta pelos delírios da imaginação, a se responsabilizarem por disfunções inúmeras da alma, nascidas do estado de hipo e hipertensão no movimento circulatório das forças que lhe mantém o organismo sutil, e pode também desgastar-se, na esfera imediata à esfera física, para nela se refazer, através do renascimento, segundo o molde mental preexistente, ou ainda restringir-se a fim de se reconstituir de novo, no vaso uterino, para a recapitulação dos ensinamentos e experiências de que se mostre necessitado, de acordo com as falhas da consciência perante a Lei.

Outros aspectos do psicossoma examinaremos quando as circunstâncias nos induzam a apreciar-lhe o comportamento nas regiões espirituais vizinhas da Terra, dentro das sociedades afins, em que as almas se reúnem conforme os ideais e as tarefas nobres que abraçam, ou segundo as culpas dilacerantes ou tendências inferiores em que seintonizam, geralmente preparando novos eventos, alusivos às necessidades e problemas que lhes são peculiares nos domínios da reencarnação imprescindível.

3 - Evolução e corpo espiritual

Primórdios da vida

Procurando fixar idéias seguras acerca do corpo espiritual, será preciso remontarmos, de algum modo, aos primórdios da vida na Terra, quando mal cessavam as convulsões telúricas, pelas quais os Ministros Angélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do Planeta.

A matéria elementar, de que o eletrão é um dos corpúsculos base², na faixa de experiência evolutiva sob nossa análise, acumulada sobre si mesma, ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura.

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espriarse no colo da paisagem primitiva.

Dessa geléia cósmica verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações...

Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído.

Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos...

Nascimento do reino vegetal

Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética.

Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início.

Milênios e milênios chegam e passam...

Formação das algas

Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal.

O tempo age sem pressa, em vagarosa movimentação no berço da Humanidade, e aparecem as algas nadadoras, quase invisíveis, com as suas caudas flexuosas, circulando no corpo das águas, vestidas em membranas celulósicas, e mantendo-se à custa de resíduos minerais, dotadas de extrema motilidade e sensibilidade, como formas monocelulares em que a mônada já evoluída se ergue a estágio superior.

Todavia, são plantas ainda e que até hoje persistem na Terra, como filtros de evolução primária dos princípios inteligentes em constante expansão, mas plantas superevolvidas nos domínios da sensação e do instinto embrionário, guardando o magnésio da clorofila como atestado da espécie.

Sucedendo-as, por ordem, emergem as algas verdes de feição pluricelular, com novo núcleo a salientar-se, inaugurando a reprodução sexuada e estabelecendo vigorosos embates nos quais a morte comparece, na esfera de luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras, em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir.

Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios

Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exoesqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue – condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma – detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individualizações do Espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina.

Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período précâmbrico aos fetos e às lycopodiáceas, aos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozóica, esboçando a estrutura esquelética.

Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arqueossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos.

Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência.

Faixas inaugurais da razão

Estagiando nos marsupiais e cretáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, eqüídeos, canídeos, proboscídeos e antropídeos inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropídeos da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico¹ atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.

Elos desconhecidos da evolução

Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra.

Evolução no tempo

É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, fixando-os na tessitura da própria alma.

Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, despendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. Isso é perfeitamente verificável na desintegração natural de certos elementos radioativos na massa geológica do Globo. E entendendo-se que a civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a bênção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na

constituição fisiopsicossomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica².

¹As expressões “Plano Físico” e “Plano Extrafísico”, largamente usadas nestas páginas, foram utilizadas por nós, à falta de termos mais precisos que designem as esferas de evolução para os Espíritos encarnados e desencarnados, pertencentes ao “habitat” planetário. (Nota do Autor espiritual)

²As presentes estimativas e apontamentos do Plano Espiritual, apesar das compreensíveis divergências humanas, coincidem exatamente com observações e ilações de vários estudiosos encarnados. (Nota do Autor espiritual)

4 - Automatismo e corpo espiritual

Automatismo fisiológico

Compreensível salientar que o princípio inteligente, no decurso dos evos, plasmou em seu próprio veículo de exteriorização as conquistas que lhe alicerçariam o crescimento para maiores afirmações nos horizontes evolutivos.

Dominando as células vivas, de natureza física e espiritual, como que empalmando-as a seu próprio serviço, de modo a senhorear possibilidades mais amplas de expansão e progresso, sofre no plano terrestre e no plano extraterrestre as profundas experiências que lhe facultarão, no bojo do tempo, o automatismo fisiológico, pelo qual, sem qualquer obstáculo, executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida.

Atividades reflexas do inconsciente

Sabemos que, em nos propondo aprender a ler e escrever, antes de tudo nos consagramos à empresa difícil de assimilação do alfabeto e da escrita, consumindo energia cerebral e coordenando o movimento dos olhos, dos lábios e das mãos, em múltiplas fases de atenção e trabalho, de maneira a superar nossas próprias inibições, para, depois, conseguirmos ler e escrever, mecanicamente, sem qualquer esforço, a não ser aquele que se refere à absorção, comunicação ou materialização do pensamento lido ou escrito, porquanto a leitura e a grafia ter-se-ão tornado automáticas na esfera de nossa atividade mental.

Nessa base de incessante repetição dos atos indispensáveis ao seu próprio desenvolvimento, vestindo-se de matéria densa no plano físico e desnudando-se dela no fenômeno da morte, para revestir-se de matéria sutil no plano extrafísico e renascer de novo na Crosta da Terra, em inumeráveis estações de aprendizado, é que o princípio espiritual incorporou todos os cabedais da inteligência que lhe brilharão no cérebro do futuro, pelas chamadas atividades reflexas do inconsciente.

Teoria de Descartes

Atento a isso e espantado diante do gigantesco patrimônio da mente humana é que Descartes, no século 17, indagando de si mesmo sobre a complexidade dos nervos, formulou a “teoria dos espíritos animais” que estariam encerrados no cérebro, perpassando nas redes nervosas para atender aos movimentos da respiração, dos humores e da defesa orgânica, sem participação consciente da vontade, chegando o filósofo a asseverar que esses “espíritos se conjugavam necessariamente refletidos”, aplicando semelhante regra notadamente aos animais que ele classificava por máquinas desprovidas de pensamento.

Descartes não logrou apreender toda a amplitude dos caminhos que se descerram à evolução na esteira dos séculos, mas abordou a verdade do ato reflexo que obedece ao influxo nervoso, no automatismo em que a alma evolui para mais altos planos de consciência, através do nascimento, morte, experiência e renascimento na vida física e extrafísica, em avanço inevitável para a vida superior.

Automatismo e herança

Assim como na coletividade humana o indivíduo trabalha para a comunidade a que pertence, entregando-lhe o produto das próprias aquisições, e a sociedade opera em favor do indivíduo que a compõe, protegendo-lhe a existência, no impositivo do aperfeiçoamento constante, nos reinos menores o ser inferior serve à espécie a que se ajusta, confiando-lhe, maquinaalmente, o fruto das próprias conquistas, e a espécie labora em

benefício dele, amparando-o com todos os valores por ela assimilados, a fim de que a ascensão da vida não sofra qualquer solução de continuidade.

Se, no círculo humano, a inteligência é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade, nas linhas da civilização, sob os signos da cultura, observamos que, na retaguarda do transformismo, o reflexo precede o instinto, tanto quanto o instinto precede a atividade refletida, que é base da inteligência nos depósitos do conhecimento adquirido por recapitulação e transmissão incessantes, nos milhares de milênios em que o princípio espiritual atravessa lentamente os círculos elementares da Natureza, qual vaso vivo, de forma em forma, até configurar-se no indivíduo humano, em trânsito para a maturação sublimada no campo angélico.

Desse modo, em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inexecutabilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porquanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica.

Evolução e princípios cosmocinéticos

Os dias da Criação, assinaladas nos livros de Moisés, equivalem a épocas imensas no tempo e no espaço, porque o corpo espiritual que modela o corpo físico e o corpo físico que representa o corpo espiritual constituem a obra de séculos numerosos, pacientemente elaborada em duas esferas diferentes da vida, a se retomarem no berço e no túmulo com a orientação dos Instrutores Divinos que supervisionam a evolução terrestre.

Com semelhante enunciado não diligenciamos, de modo algum, explicar a gênese do Espírito, porque isso, por enquanto, implicaria arrogante e pretenciosa definição do próprio Deus.

Propomo-nos simplesmente salientiar que a lei da evolução prevalece para todos os seres do Universo, tanto quanto os princípios cosmocinéticos, que determinam o equilíbrio dos astros, são, na origem, os mesmos que regulam a vida orgânica, na estrutura e movimento dos átomos.

O veículo do Espírito, além do sepulcro, no plano extrafísico ou quando reconstituído no berço, é a soma de experiências infinitamente repetidas, avançando vagarosamente da obscuridade para a luz. Nele, situamos a individualidade espiritual, que se vale *das vidas menores* para afirmar-se –, *das vidas menores* que lhe prestam serviço, dela recolhendo preciosa cooperação para crescerem a seu turno, conforme os inelutáveis objetivos do progresso.

Gênese dos órgãos psicossomáticos

Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre.

É assim que o tato nasceu no princípio inteligente, na sua passagem pelas células nucleares em seus impulsos amebóides; que a visão principiou pela sensibilidade do plasma nos flagelados monocelulares expostos ao clarão solar; que o olfato começou nos animais aquáticos de expressão mais simples, por excitações do ambiente em que evoluíam; que o gosto surgiu nas plantas, muitas delas armadas de pêlos viscosos destilando sucos digestivos, e que as primeiras sensações do sexo apareceram com algas marinhas providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas uma para as outras, mas também de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas.

Trabalho da inteligência

Examinando, pois, o fenômeno da reflexão sistemática, gerando o automatismo que assinala a inteligência de todas as ações espontâneas do corpo espiritual, reconhecemos sem dificuldade que a marcha do princípio inteligente para o reino humano e que a viagem da consciência humana para o reino angélico simbolizam a expansão multimilenar da criatura de Deus que, por força da Lei Divina, deve merecer, com o trabalho de si mesma, a auréola da imortalidade em pleno Céu.

5 - Células e corpo espiritual

Princípios inteligentes rudimentares

Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente, no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo.

Formas das células

Animáculos infinitesimais, que se revelam domesticados e ordeiros na colméia orgânica, assumem formas diferentes, segundo a posição dos indivíduos e a natureza dos tecidos em que se agrupam, obedecendo ao pensamento simples ou complexo que lhes comanda a existência.

São cenositos ou microrganismos que podem viver livremente, como autositos, ou como parasitos; sincícios ou massa de células que se fundem para a execução de atividade particular, como, por exemplo, na musculatura cardíaca ou na camada epitelial que compõe a parte externa da placenta, com ação histolítica sobre a estrutura da organização materna; células anastomosadas, como as que se coordenam na formação dos tecidos conjuntivos; células em grupos coloniais, com movimentos perfeitamente coordenados, quais as que se mostram nos volvocídeos; células com matriz intersticial, que elaboram substâncias imprescindíveis à conservação da vida na província corpórea, e as células que podem diversificar-se, constituindo-se elementos livres, como na preparação dos glóbulos da corrente sanguínea.

Articulam-se em múltiplas formas, adaptando-se às funções que lhes competem, no veículo de manifestação da criatura que temporariamente as segrega, à maneira de peças eletromagnéticas inteligentes, em máquina eletromagnética superinteligente, atendendo com precisão matemática aos apelos da mente, assemelhando-se, de certo modo, no organismo, aos milhões de átomos que constituem harmonicamente as cordas de um piano, acionadas pelos martelos minúsculos dos nervos, ao impacto das teclas que podemos simbolizar nos fulcros energéticos do córtice encefálico, movimentado e controlado pelo Espírito, através do centro coronário que sustenta a conjunção da vida mental com a forma organizada em que ela própria se expressa.

Motores elétricos microscópicos

Dispostas na construção da forma em processo idêntico ao da superposição dos tijolos numa obra de alvenaria, as células são compelidas à disciplina, perante a idéia orientadora que as associa e governa, quanto os tijolos vulgares são constringidos à submissão ante as linhas traçadas pelo arquiteto que lhes aproveita o concurso na concretização de projeto específico.

É assim que são funcionárias da reprodução no centro genésico, trabalhadores da digestão e absorção no centro gástrico, operários da respiração e fonação no centro laríngeo, da circulação no centro cardíaco, servidoras e guardiãs fixas ou migratórias do tráfego e distribuição, reserva e defesa no centro esplênico, auxiliares da inteligência e elementos de ligação no centro cerebral e administradoras e artistas no centro coronário, amolgando-se às ordens mentais recebidas e traduzindo na região de trabalho que lhes é própria a individualidade que as refreia e influencia, com justas limitações no tempo e no espaço.

Temo-las, desse modo – repetimos –, por microscópicos motores elétricos, com vida própria, subordinando-se às determinações do ser que as aglutina e que lhes imprime a fixação ou a mobilidade indispensáveis às funções que devam exercer no mar interior do mundo orgânico, formado pelos líquidos extracelulares, a se definirem no líquido lacunar que as irriga e que circula vagarosamente; na linfa que verte dos tecidos, endereçada ao sangue; e no plasma sanguíneo que se movimenta, rápido, além de outros líquidos intersticiais, característicos do meio interno.

O todo indivisível do organismo

Lógico entender, dessa forma, que, diante do governo mental, a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo sistema nervoso e controlado pelos hormônios ou substâncias produzidas em determinado órgão e transportadas a outros arraiais da atividade somática, que lhes excitam as propriedades funcionais para certos fins, hormônios esses nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, enfeixando cargas de elementos químicos em nível ideal, quando o equilíbrio íntimo lhe preside as manifestações, e consubstanciando recursos de manutenção e preservação da vida normal, perfeitamente isoláveis pela

ciência comum, como já acontece com a adrenalina das suprenais, com a insulina do pâncreas, a testosterona dos testículos e outras secreções glandulares do cosmo orgânico.

Automatismo celular

É da doutrina celular corrente no mundo que as células tomam aspectos diferentes conforme a natureza das organizações a que servem, competindo-nos desenvolver mais amplamente o asserto, para asseverar que a inteligência, influenciando o citoplasma, que é, no fundo, o elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas, obriga as células ao trabalho de que necessita para expressar-se, trabalho este que, à custa de repetições quase infinitas, se torna perfeitamente automático para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, na execução das tarefas que a vida lhes assinala.

Efeitos do automatismo

Perfeitamente compreensíveis, nessa base, os estudos científicos que reconhecem os agrupamentos colaboracionistas das células especializadas, através da cultura artificial dos tecidos orgânicos, em que um fragmento qualquer desses mesmos tecidos, seja da epiderme ou do cérebro, permanece vivo, por muito tempo, quando mergulhado em soro que, cuidadosamente imunizado e mantido na temperatura correspondente à do corpo físico, acusa uma vida intensa. Decorridas algumas horas, os produtos de excreta intoxicam o soro, impedindo o desenvolvimento celular; mas, se o líquido for renovado, continuam as células a crescer no mesmo ritmo de movimento e expansão que lhes marca a atividade no edifício corpóreo.

Todavia, fora do governo mental que as dirigia, não se revelam iguais às suas irmãs em função orgânica.

As células nervosas, por exemplo, com as suas fibrilas especiais, não produzem células com fibrilas análogas, e as que atendem nos músculos aos serviços da contração se desdiferenciam, regredindo ao tipo conjuntivo.

Todas as que se ausentam do conjunto estrutural do tecido inclinam-se para a apresentação morfológica da ameba, segundo observações cientificamente provadas.

Isso ocorre porque as células, quando ajustadas ao ambiente orgânico, demonstram o comportamento natural do operário mobilizado em serviço, sob as ordens da Inteligência, comunicando-se umas com as outras sob o influxo espiritual que lhes mantém a coesão, e procedem no soro quais amebas em liberdade para satisfazer aos próprios impulsos.

Fenômenos explicáveis

Dentro do mesmo princípio de submissão das células ao estímulo nervoso, é que a experiência de transplante dos tecidos de embriões entre si, com alguns dias de formação, pode oferecer resultados surpreendentes, de vez que as células orientadas em determinado sentido, quando enxertadas sobre tecidos outros "in vivo", conseguem gerar órgãos-extras, em regime de monstruosidade, obedecendo a determinações especializadas resultantes das ordens magnéticas de origem que saturavam essas mesmas células.

E é ainda aí, pelo mesmo teor de semelhante saturação, que vamos entender as demonstrações do faquirismo e outras realizadas em sessões experimentais do Espiritismo, nas quais a mente superconcentrada pode arremessar fluídos de impulsão sobre vidas inferiores, como seja a das plantas, imprimindo-lhes desenvolvimento anormal, e explicar os fenômenos da materialização mediúnica. Neste caso, sob condições excepcionais e com o auxílio de Inteligências desencarnadas, o organismo do médium deixa escapar o ectoplasma ou o plasma exteriorizado, no qual as células, em tonalidade vibratória diferente, elasticam-se e se renovam, de conformidade com os moldes mentais que lhes são apresentados, produzindo os mais significativos fenômenos em obediência ao comando da Inteligência, por intermédio dos quais a Esfera Espiritual sugere ao Plano Físico a imortalidade da alma, a caminho da Vida Superior.

17 - Mediunidade e corpo espiritual

Aura humana

Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por "tecidos de força", em torno dos corpos que as exteriorizam.

Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde à natureza.

No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.

Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entreja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda.

Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as idéias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança como no cinematógrafo comum.

Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.

Mediunidade inicial

A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nossa.

Isso porque exteriorizamos, de maneira invariável, o reflexo de nós mesmos, nos contatos de pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais.

É por essa couraça vibratória, espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal, que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico.

Essa obra de permuta, no entanto, foi iniciada no mundo sem qualquer direção consciente, porque, pela natural apresentação da própria aura, os homens melhores atraíram para si os Espíritos humanos melhorados, cujo coração generoso se voltava, compadecido, para a esfera terrena, auxiliando os companheiros da retaguarda, e os homens rebeldes à Lei Divina aliciaram a companhia de entidades da mesma classe, transformando-se em pontos de contato entre o bem e o mal ou entre a Luz e a Sombra que se digladiam na própria Terra.

Pelas ondas de pensamento a se enovelarem umas sobre as outras, segundo a combinação de frequência e trajeto, natureza e objetivo, encontraram-se as mentes semelhantes entre si, formando núcleos de progresso em que homens nobres assimilaram as correntes mentais dos Espíritos Superiores, para gerar trabalho edificante e educativo, ou originando processos vários de simbiose em que almas estacionárias se enquistaram mutuamente, desafiando debalde os imperativos da evolução e estabelecendo obsessões lamentáveis, a se elastecerem sempre novas, nas teias do crime ou na etiologia complexa das enfermidades mentais.

A intuição foi, por esse motivo, o sistema inicial de intercâmbio, facilitando a comunhão das criaturas, mesmo a distância, para transfundi-las no trabalho sutil da telementação, nesse ou naquele domínio do sentimento e da idéia, por intermédio de remoinhos mensuráveis de força mental, assim como na atualidade o remoinho eletrônico infunde em aparelhos especiais a voz ou a figura de pessoas ausentes, em comunicação recíproca na radiotelefonia e na televisão.

Sono e desprendimento

Releva, contudo, assinalar que, em se iniciando a criatura na produção do pensamento contínuo, o sono adquiriu para ela uma importância que a consciência em processo evolutivo, até aí, não conhecera.

Usado instintivamente pelo elemento espiritual, como recurso reparador, no refazimento das células em serviço, semelhante estado fisiológico carregou novas possibilidades de realização para quantos se consagrassem ao trabalho mais amplo de desejar e mentalizar.

Ansiando livrar-se da fadiga física, após determinada quota de tempo no esforço da vigília diária e, por isso mesmo, entregue ao relaxamento muscular, o homem operante e indagador adormecia com a idéia fixada a serviços de sua predileção.

Amadurecido para pensar e lançando de si a substância de seus propósitos mais íntimos, ensaiou, pouco a pouco, tal como aprendera, vagarosamente, o desprendimento definitivo nas operações da morte, o desprendimento parcial do corpo sutil, durante o sono, desenfaixando-o do veículo de matéria mais densa, embora sustentando-o, ligado a ele, por laços fluídico-magnéticos, a se dilatarem levemente dos plexos e, com mais segurança, da fossa rombóide.

Encetado o processo de sonolência, com as reações motoras empobrecidas e impondo mecanicamente a si mesma o descanso temporário, no auxílio às células fatigadas de tensão, isto desde as eras remotas em que o pensamento se lhe articulou com fluência e continuidade, permanece a mente, através do corpo espiritual, na maioria das vezes, justaposta ao veículo físico, à guisa de um cavaleiro que repousa ao pé do animal de que necessita para a travessia de grande região, em complicada viagem, dando-lhe ensejo à recuperação e pastagem, enquanto ele se recolhe ao próprio íntimo, ensimesmando-se para refletir ou imaginar, de conformidade com seus problemas e inquietações, necessidades e desejos.

Aspectos do desprendimento

Dessa forma, aliviando o controle sobre as células que a servem no corpo carnal, a mente se volta, no sono, para o refúgio de si mesma, plasmando na onda constante de suas próprias idéias as imagens com que se compraz nos sonhos agradáveis em que saca da memória a essência de seus próprios desejos, retemperando-se na antecipada contemplação dos painéis ou situações que almeja concretizar.

Para isso, mobiliza os recursos do núcleo da visão superior, no diencéfalo, de vez que, aí, as qualidades essencialmente ópticas do centro coronário lhe acalentam no silêncio do desnervamento transitório todos os pensamentos que lhe emergem do seio.

Noutras ocasiões, no mesmo estado de insulamento, recolhe, no curso do sono, os resultados de seus próprios excessos, padecendo a inquietação das vísceras ou dos nervos injuriados pela sua rendição à licenciosidade, quando não seja o asfixiante pesar do remorso por faltas cometidas, cujos reflexos absorvem do arquivo em que se lhe amontoam as próprias lembranças.

Numa e noutra condição, todavia, é a mente suscetível à influenciação dos desencarnados que, evoluídos ou não, lhe visitam o ser, atraídos pelos quadros que se lhe filtram da aura, ofertando-lhe auxílio eficiente quando se mostre inclinada à ascensão de ordem moral, ou sugando-lhe as energias e assoprando-lhe sugestões infelizes quando, pela própria ociosidade ou intenção maligna, adere ao consórcio psíquico de espécie aviltante, que lhe favorece a estagnação na preguiça ou a envolve nas obsessões viciosas pelas quais se entrega a temíveis contratos com as forças sombrias.

Mas dessa posição de espectador à função de agente existe apenas um passo.

O pensamento contínuo, em fluxo insopitável, desloca-lhe a organização celular perispiritual, à maneira do córrego que em sua passagem desarticula da gleba em que desliza todo um rosário de seixos. E assim como os seixos soltos seguem a direção da corrente, lapidando-se no curso dos dias, o corpo espiritual acompanha, de início, o impulso da corrente mental que por ele extravasa, conscienciando-se muito vagarosamente no sono, que lhe propicia meia-libertação.

Mediunidade espontânea

Nessa fase primária de novo desenvolvimento, encontra-se, como é natural, ao pé dos objetos que lhe tomam o interesse.

É assim que o lavrador, no repouso físico, retoma, em corpo espiritual, ao campo em que semeia, entrando em contato com as entidades que amparam a Natureza; o caçador volta para a floresta; o escultor regressa, freqüentemente, no sono, ao bloco de mármore de que aspira a desentranhar a obra-prima, o seareiro do bem volve à leira de serviço em que se lhe desdobra a virtude e o culpado torna ao local do crime, cada qual recebendo de Espíritos afins os estímulos elevados ou degradantes de que se fazem merecedores.

Consolidadas semelhantes relações com o Plano Espiritual, por intermédio da hipnose comum, começaram na Terra os movimentos da mediunidade espontânea, porquanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do

corpo espiritual, em certas regiões do campo somático, passaram das observações durante o sono às observações da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo, conforme os graus de cultura a que fossem expostos.

Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e para modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas, inclusive as peculiaridades da materialização, pelas quais os recursos periféricos do citoplasma, a se condensarem no ectoplasma da definição científica vulgar, se exteriorizam do corpo carnal do médium, na conjugação com as forças circulantes do ambiente, para a efêmera constituição de formas diversas.

Desde então, iniciou-se o correio entre o plano físico e o plano extrafísico, mas, porque a ignorância embotasse ainda a mente humana, os médiuns primitivos nada mais puderam realizar que a fascinação recíproca, ou magia elementar, em que os desencarnados igualmente inferiores eram aproveitados, por via hipnótica, na execução de atividades materiais, mas sem qualquer alicerce na sublimação pessoal.

Formação da mitologia

Apareceu então a goecia ou magia negra, à qual as Inteligências Superiores opuseram a religião por magia divina, encetando-se a formação da mitologia em todos os setores da vida tribal.

Nunes familiares, interessados em favorecer as tarefas edificantes para levantar a vida humana a nível mais nobre, foram categorizadas à conta de deuses, em diversas faixas da Natureza, e, realmente, através dos instrumentos humanos mobilizáveis, esses gênios tutelares incentivaram, por todas as formas possíveis, o progresso da agricultura e do pastoreio, das indústrias e das artes.

A luta entre os Espíritos retardados na sombra e os aspirantes da luz encontrou seguro apoio nas almas encarnadas que lhes eram irmãs.

Desde essas eras recuadas, empenharam-se o bem e o mal em tremendo conflito que ainda está muito longe de terminar, com bases na mediunidade consciente ou inconsciente, técnica ou empírica.

Função da Doutrina Espírita

Forçoso reconhecer, todavia, que a mediunidade, na essência, quanto a energia elétrica em si mesma, nada tem a ver com os princípios morais que regem os problemas do destino e do ser.

Dela podem dispor, pela espontaneidade com que se evidencia, sábios e ignorantes, justos e injustos, expressando-se-lhe, desse modo, a necessidade de condução reta, quanto a força elétrica exige disciplina a fim de auxiliar.

Esse o motivo por que os Orientadores do Progresso sustentam a Doutrina Espírita, na atualidade do mundo, por Chama Divina, cristianizando fenômenos e objetivos, caracteres e faculdades, para que o Evangelho de Jesus seja de fato incorporado às relações humanas.

Como nas intervenções cirúrgicas em que tecidos são transplantados com êxito para melhoria das condições orgânicas, é indispensável nos atenhmos ao impositivo das operações mediúnicas pelas quais se efetuem proveitosas enxertias psíquicas, com vistas à difusão do conhecimento superior.

Mediunidade e vida

Eminentes fisiologistas e pesquisadores de laboratório procuraram fixar mediunidades e médiuns a nomenclaturas e conceitos da ciência metapsíquica; entretanto o problema, como todos os problemas humanos, é mais profundo, porque a mediunidade jaz adstrita à própria vida, não existindo, por isso mesmo, dois médiuns iguais, não obstante a semelhança no campo das impressões.

Por outro lado, espiritualistas distintos julgam-se no direito de hostilizar-lhe os serviços e impedir-lhe a eclosão, encarecendo-lhe os supostos perigos, como se eles próprios, mentalizando os argumentos que avocam, não estivessem assimilando, por via mediúnica, as correntes mentais intuitivas, contendo interpretações particulares das Inteligências desencarnadas que os assistem.

A mediunidade, no entanto, é faculdade inerente à própria vida e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, é qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos infortúnios na Terra.

Ninguém se lembrará, contudo, de suprimir os olhos, porque milhões de pessoas, à face de circunstâncias imponderáveis da evolução, deles se tenham valido para perseguir e matar nas guerras de terror e destruição.

Urge iluminá-los, orientá-los e esclarecê-los.

Também a mediunidade não requisitará desenvolvimento indiscriminado, mas sim, antes de tudo, aprimoramento da personalidade mediúmica e nobreza de fins, para que o corpo espiritual, modelando o corpo físico e sustentando-o, possa igualmente erigir-se em filtro leal das Esferas Superiores, facilitando a ascensão da Humanidade aos domínios da luz.

18 - Sexo e corpo espiritual

Hermafroditismo e unissexualidade

Examinando o instinto sexual em sua complexidade nas linhas multiformes da vida, convém lembrar que, por milênios e milênios, o princípio inteligente se demorou no hermafroditismo das plantas, como, por exemplo, nos fanerógamos, em cujas flores os estames e pistilos articulam, respectivamente, elementos masculinos e femininos.

Nas plantas criptogâmicas celulares e vasculares ensaiara longamente a reprodução sexuada, na formação de gametos (anterozóides e oosfera) que muito se aproximam aos dos animais e cuja fecundação se efetua por meios análogos aos que observamos nestes últimos seres.

Depois de muitas metamorfoses que não cabem num estudo sintético quanto o nosso, caminhou o elemento espiritual, na reprodução monogônica, entre as vastas províncias dos protozoários e metazoários, com a divisão e gemação entre os primeiros, correspondendo à cisão ou estrobilação entre os segundos.

Longo tempo foi gasto na evolução do instinto sexual em vários tipos de animais inferiores, alternando-se-lhe os estágios de hermafroditismo com os de unissexualidade para que se lhe aperfeiçoassem as características na direção dos vertebrados.

Hermafroditismo potencial

Gradativamente, aparecem novos fatores de diferenciação, guardando-se, no entanto, os distintivos essenciais, como podemos identificar, ainda agora, no sapo macho adulto um hermafrodita potencial, apesar dos sinais masculinos com que se apresenta, sabendo-se que carrega na região do seu testículo, positivamente acrescido, um ovário elementar aderente, o conhecido corpo de Bidder.

Se extirparmos o testículo, o ovário atrofiado começa a funcionar, por atuação da hipófise, conforme experimentos comprovados, convertendo-se num ovário adulto.

Ocorrência inversa é verificável em cinco a dez por cento de galinhas adultas, isto é, nos indivíduos psiquicamente dispostos, das quais, se retirarmos o ovário esquerdo, também consideravelmente desenvolvido, o ovário direito, rudimentar, transubstancia-se num testículo que se vitaliza e cresce, na sua parte medular, até então inibida pelos estrogênios do ovário esquerdo.

Nesse fenômeno, aumenta-se-lhes a crista, cantam tipicamente à maneira do galo e adotam-lhe a conduta sexual masculina.

Registramos esses fatos para demonstrar que entre todos os vertebrados e muito particularmente no homem, herdeiro das mais complicadas experiências psíquicas, nos domínios da reencarnação, apenas os caracteres morfológicos dos implementos sexuais estão submetidos aos princípios da genética. Isso porque não é só a figuração das glândulas sexuais que se mostra bipotencial até certo ponto, pois todo o cosmo orgânico é suscetível de reagir aos hormônios do mesmo sexo ou do sexo contrário, segundo as disposições psíquicas da personalidade.

Ação dos hormônios

Atingindo inequívoco progresso em seus estímulos, o corpo espiritual, desde a protoforma psicossômica nos animais superiores até o homem, conforme a posição da mente a que serve, determina mais ampla riqueza hormonal.

As glândulas sexuais que então mobiliza são mais complexas. Exercem a própria ação pelos hormônios que segregam, arrojando-os no sangue, hormônios esses, femininos ou masculinos, que possuem por arcabouço da constituição química, em que se expressam, o núcleo ciclo-pentano-peridrofenantreno, filiando-se ao grupo dos esteróis.

Os hormônios estrogênicos, oriundos do ovário, mantêm os caracteres femininos secundários, e os androgênicos, segregados pelo testículo, sustentam os caracteres masculinos da mesma ordem. Produzem ações estimulantes e inibitórias, todavia, como atendem necessariamente a impulsos e determinações da

mente, por intermédio do corpo espiritual, incentivam o desenvolvimento ou a maneira de proceder da espécie, mas não os origina.

Por isso, nenhum deles possui ação monopolizadora no mundo orgânico, não obstante patentear essa ou aquela influência de modo mais amplo.

Ainda em razão do mesmo princípio que lhes vige na formação, pelo qual obedecem às vibrações incessantes do campo mental, os hormônios não se armazenam: transformam-se rapidamente ou sofrem apressada expulsão nos movimentos excretórios.

Entendendo-se os recursos da reprodução como engrenagens e mecanismos de que o Espírito em evolução se vale para a plasmagem das formas físicas, sem que os homens lhe comprovem, de modo absoluto, as qualidades mais íntimas, é fácil reconhecer que as glândulas sexuais e seus hormônios exibem efeitos relativamente específicos.

Inegavelmente, o ovário e os hormônios femininos se responsabilizam pelos distintivos sexuais femininos, mas podem desenvolver alguns deles no macho, prevalecendo as mesmas diretrizes para o testículo e os hormônios que lhe correspondem.

Isso é claramente demonstrável nos experimentos de castração, enxertos e injeções hormonais, porquanto, apesar de a ação sexual específica do testículo e do ovário apresentar-se como fato indiscutível, a gônada, refletindo os estados da mente, herdeira direta de experiências inumeráveis, eventualmente produz certa quantidade de hormônios heterossexuais e, da mesma sorte, ainda que os hormônios sexuais se afirmem com atividade específica intensa, em determinados acontecimentos realizam essa ou aquela ação em órgãos do sexo oposto.

Esses são os efeitos heterossexuais ou bissexuais das glândulas ou dos hormônios.

Origem do instinto sexual

Todas as nossas referências a semelhantes peças do trabalho biológico, nos reinos da Natureza, objetivam simplesmente demonstrar que, além da trama de recursos somáticos, a alma guarda a sua individualidade sexual intrínseca, a definir-se na feminilidade ou na masculinidade, conforme os característicos acentuadamente passivos ou claramente ativos que lhe sejam próprios.

A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa.

E o instinto sexual, por isso mesmo, traduzindo amor em expansão no tempo, vem das profundezas, para nós ainda inabordáveis, da vida, quando agrupamentos de mônadas celestes se reuniram magneticamente umas às outras para a obra multimilenária da evolução, ao modo de núcleos e eletrões na tessitura dos átomos, ou dos sóis e dos mundos nos sistemas macrocósmicos da Imensidade.

Por ele, as criaturas transitam de caminho a caminho, nos domínios da experimentação multifária, adquirindo as qualidades de que necessitam; com ele, vestem-se da forma física, em condições anômalas, atendendo a sentenças regeneradoras na lei de causa e efeito ou cumprindo instruções especiais com fins de trabalho justo.

O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime, não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à sinergia mentecorpo, em marcha para mais vasta complexidade de conhecimento e emoção.

Evolução do amor

Entretanto, importa reconhecer que à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência.

Nos primeiros, cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus.

Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação imoderada do “eu”.

De conformidade com a Psicanálise, que vê na atividade sexual a procura incessante de prazer, concordamos em que uns, na própria sublimação, demandam o prazer da Criação, identificando-

se com a origem Divina do Universo, enquanto que outros se fixam no enalço do prazer desenfreado e egoístico da autoadoração.

Os primeiros aprendem a amar com Deus.

Os segundos aspiram a ser amados a qualquer preço.

A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivéssemos diante de usina reclamando controle adequado.

Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contatos, quase sempre desregrados e infelizes, que lhes carregam, em conseqüência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos.

Poligamia e monogamia

O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos.

Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores.

O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contato com outro ser que demonstre plena afinidade, porquanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo, solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas.

Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina.

Alimento espiritual

Há, por isso, consórcios de infinita gradação no Plano Terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico, antes que às engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia.

Contudo, até que o Espírito consiga purificar as próprias impressões, além da ganga sensorial, em que habitualmente se desregra no narcisismo obcecante, valendo-se de outros seres para satisfazer a volúpia de hipertrofiar-se psiquicamente no prazer de si mesmo, numerosas reencarnações instrutivas e reparadoras se lhe debitam no livro da vida, porque não cogita exclusivamente do próprio prazer sem lesar os outros, e toda vez que lesa alguém abre nova conta resgatável em tempo certo.

Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso.

Os Espíritos santificados, em cuja natureza superevolvida o instinto sexual se diviniza, estão relativamente unidos aos Espíritos Glorificados, em que descobrem as representações de Deus que procuram, recolhendo de semelhantes entidades as cargas magnéticas sublimadas, por eles próprios liberadas no êxtase espiritual.

De outro lado, as almas primitivas comumente lhe gastam a força em excessos que lhes impõem duras lições.

Entre os Espíritos santificados e as almas primitivas, milhões de criaturas conscientes, viajando da rude animalidade para a Humanidade enobrecida, em muitas ocasiões se arrojam a experiências menos dignas, privando a companheira ou o companheiro do alimento psíquico a que nos reportamos, interrompendo a comunhão sexual que lhes alentava a euforia e, se as forças sexuais não se encontram suficientemente controladas por valores morais nas vítimas, surgem, freqüentemente, longos processos de desespero ou de delinqüência.

Enfermidades do instinto sexual

As cargas magnéticas do instinto, acumuladas e desbordantes na personalidade, à falta de sólido socorro íntimo para que se canalizem na direção do bem, obliteram as faculdades, ainda vacilantes, do discernimento e, à maneira do esfaimado, alheio ao bom senso, a criatura lesada em seu equilíbrio sexual costuma entregar-se à rebelião e à loucura em síndromes espirituais de ciúme ou despeito. À face das torturas genésicas a que se vê relegada, gera aflitivas contas cármicas a lhe vergastarem a alma no espaço e a lhe retardarem o progresso no tempo.

Daí nascem as psiconeuroses, os colapsos nervosos decorrentes do trauma nas sinergias do corpo espiritual, as fobias numerosas, a “histeria de conversão”, a “histeria de angústia”, os “desvios da libido”, a neurose obsessiva, as psicoses e as fixações mentais diversas que originam na ciência de hoje as indagações e os conceitos da psicologia de profundidade, na esfera da Psicanálise, que identifica as enfermidades ou desajustes do instinto sexual sem oferecer-lhes medicação adequada, porque apenas o conhecimento superior, gravado na própria alma, pode opor barreiras à extensão do conflito existente, traçando caminhos novos à energia criadora do sexo, quando em perigoso desequilíbrio.

Desse modo, por semelhantes rupturas dos sistemas psicossomáticos, harmonizados em permutas de cargas magnéticas afins, no terreno da sexualidade física ou exclusivamente psíquica, é que múltiplos sofrimentos são contraídos por nós todos, no decurso dos séculos, porquanto, se forjamos inquietações e problemas nos outros, com o instinto sexual, é justo venhamos a solucioná-los em ocasião adequada, recebendo por filhos e associados de destino, entre as fronteiras domésticas, todos aqueles que constituímos credores do nosso amor e da nossa renúncia, atravessando, muitas vezes, padecimentos inomináveis para assegurar-lhes o refazimento preciso.

Compreendamos, pois, que o sexo reside na mente, a expressar-se no corpo espiritual, e conseqüentemente no corpo físico, por santuário criativo de nosso amor perante a vida, e, em razão disso, ninguém escarnerà dele, desarmonizando-lhe as forças, sem escarnecer e desarmonizar a si mesmo.

3 - Corpo espiritual e volitação

– *Podemos receber alguma informação sobre a volitação do corpo espiritual?*

– Na metamorfose dos insetos, a histólise alcança notadamente os músculos e a máquina digestiva, atingindo apenas levemente o sistema nervoso e o sistema circulatório.

Efetuada o processo histolítico, segundo referências alinhadas em outra parte do nosso estudo, os órgãos diferenciados voltam à posição embrionária que lhes era característica e só então as células entram em segmentação, formando na histogênese os órgãos definitivos do inseto adulto, armado de recursos para librar na atmosfera.

Assim também, após a transfiguração ocorrida na morte, a individualidade ressurgue com naturais alterações na massa muscular e no sistema digestivo, mas sem maiores inovações na constituição geral, munindo-se de aquisições diferentes para o novo campo de equilíbrio a que se transfere, com possibilidades de condução e movimento efetivamente não sonhados, já que o pensamento contínuo e a atração, nessas circunstâncias, não mais encontram certas resistências peculiares ao envoltório físico.

Ao homem comum, na encarnação, não é fácil, todavia, a articulação de uma idéia segura com respeito às condições de seu próprio corpo espiritual, além-túmulo, porque a mente, no plano físico, está inteiramente condicionada ao trabalho específico que lhe compete realizar, inelutavelmente circunscrita aos problemas de estrutura, e, por isso mesmo, incapacitada de identificar o reino inteligente de raios e ondas, fluídos e energias turbilhonantes em que vive.

– *Como entendermos a mente em si, individualizada e operante, se as células do corpo espiritual têm vida própria como as do corpo físico?*

– O problema é de simples orientação, qual acontece numa fábrica de largas proporções em que a gerência, unificada em seus programas de ação, supervisiona e comanda centenas de máquinas com diversos implementos cada uma, convergindo todas as peças do serviço para fins determinados.

– *Quais os mecanismos das alterações de cor, densidade, forma, locomoção e ubiqüidade do corpo espiritual?*

– A pergunta está criteriosamente formulada, no entanto, para a ela responder com segurança precisaremos dispor, na Terra, de mais avançadas noções acerca da mecânica do pensamento.

– *Em que condições o corpo espiritual de um desencarnado sofrerá compressões, escoriações ou ferimentos?*

– Dentro do conceito de relatividade, isso se verifica nas mesmas condições em que o corpo físico é injuriado dessa ou daquela forma na Terra.

Não dispomos, entretanto, presentemente, de terminologia adequada na linguagem terrestre para mais amplas definições do assunto.

– *Qual é a ordem de formação dos centros vitais pelo princípio inteligente no seu corpo espiritual?*

– Sabemos que a formação dos centros vitais começou com as primeiras manifestações da plasmocinese nas células, sob a orientação das Inteligências Superiores; contudo, não dispomos ainda de particularidades técnicas para penetrar nesse domínio da ciência ontogenética.

– *Como se processa a exteriorização dos centros vitais?*

– Associando conhecimento magnético e sublimação espiritual, os cientistas humanos chegarão, por si próprios, à realização referida, como já atingiram noções preciosas quanto à regressão da memória e exteriorização da sensibilidade.

– *Qual a importância da relação existente entre o baço e o centro esplênico, se o baço pode ser extirpado sem maiores prejuízos à continuação da existência do encarnado?*

– Compreendamos que a extirpação do baço em sua expressão física, no corpo carnal, não significa a anulação desse órgão no corpo espiritual e que, interligado a outras fontes de formação sangüínea no sistema hematopoético, prossegue funcionando, embora imperfeitamente, no campo somático, atento às articulações do binário mente-corpo.

– *Como compreenderemos a situação dos centros vitais no caso dos "ovóides"?*

– Entendereis facilmente a posição dos centros vitais do corpo espiritual, restritos na "ovoidização" – apesar de não terdes elementos terminológicos que a exprimam –, pensando na semente minúscula que encerra dentro dela os princípios organogênicos da árvore em que se converterá de futuro.

4 - Linhas morfológicas dos desencarnados

– *A que diretrizes obedecem as entidades desencarnadas para se apresentarem morfológicamente?*

– As linhas morfológicas das entidades desencarnadas, no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados.

A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas. Fácil observar, assim, que a desencarnação libera todos os Espíritos de feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo a prova necessária ou a tarefa específica porquanto, fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem.¹

Ainda assim, releva observar que se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, sofre processos de metamorfose, mais lentos ou mais rápidos, conforme as suas disposições íntimas.

Se a alma desenleada do envoltório físico foi transferida para a moradia espiritual, em adiantada senectude, gastará algum tempo para desfazer-se dos sinais de ancianidade corpórea, se deseje remover o próprio aspecto, e, na hipótese de haver partido da Terra, na juventude primeira, deverá igualmente esperar que o tempo a auxilie, caso se proponha a obtenção de traços da maturidade.

Cabe, entretanto, considerar que isso ocorre apenas com os Espíritos, aliás em maioria esmagadora, que ainda não dispõem de bastante aperfeiçoamento moral e intelectual, pois quanto mais elevado se lhes descortine o grau de progresso, mais amplo se lhes revela o poder plástico sobre as células que lhes entretecem o instrumento de manifestação.

¹ Devemos esclarecer que essas ocorrências, para efeito de responsabilidade cármica e identificação pessoal respeitam, via de regra, a ficha individual da existência última vivida pela personalidade na Terra, situação que perdura até novo estágio evolutivo que se processa, seja na reencarnação, seja na promoção a mais alto nível de sublimação e serviço. (Nota do Autor espiritual.)

Em alto nível, a Inteligência opera em minutos certas alterações que as entidades de cultura mediana gastam, por vezes, alguns anos a efetuar.

Temos também nas sociedades respeitáveis da Espiritualidade aqueles companheiros que, depois de estágios depurativos, se elevam até elas, por intercessões afetivas ou merecimentos próprios, carregando, porém, consigo, determinadas marcas deprimentes, como sejam mutilações que os desfiguram, inibições ou moléstias que se denunciam na psicofera que os envolve, ou distintivos outros menos dignos, como remanescentes de circuitos mentais dos remorsos que padeceram, a se lhes concentrarem, desequilibrados, sobre certas zonas do corpo espiritual, mas, em todos esses casos, as entidades em lide ali se encontram, habitualmente, por períodos limitados de reeducação e refazimento, para regressarem, a tempo breve, no rumo das sendas de saneamento e resgate nas reencarnações redentoras.

LIBERTAÇÃO

André Luiz

II

A palestra do Instrutor

[...] Prestimoso e digno, Gúbio continuou:

- Nossa mente é uma entidade colocada entre forças inferiores e superiores, com objetivos de aperfeiçoamento. Nosso organismo perispiritual, fruto sublime da evolução, quanto ocorre ao corpo físico na esfera da Crosta, pode ser comparado aos pólos de um aparelho magneto-elétrico. O espírito encarnado sofre a influência inferior, através das regiões em que situam o sexo e o estômago, e recebe os estímulos superiores, ainda mesmo procedentes de almas sublimes, através do coração e do cérebro. Quando a criatura busca manejar a própria vontade, escolhe a companhia que prefere e lança-se ao caminho que deseja. Se não escasseiam milhões de influxos primitivistas, constringendo-nos, mesmo aquém das formas terrestres, a entreter emoções e desejos, em baixos círculos, e armando-nos quedas momentâneas em abismos do sentimento destrutivo, pelos quais já peregrinamos há muitos séculos, não nos faltam milhões de apelos santificantes, convidando-nos à ascensão para a gloriosa imortalidade. [...]

IV

Numa cidade estranha

[...] Nossas organizações perispiríticas, à maneira de escafandro estruturado em material absorvente, por ato deliberado de nossa vontade, não devem reagir contra as baixas vibrações deste plano. Estamos na posição de homens que, por amor, descessem a operar num imenso lago de lodo; para socorrer eficientemente os que se adaptaram a ele, são compelidos a cobrir-se com as substâncias do charco, sofrendo-lhes, com paciência e coragem, a influência deprimente. Atravessamos importantes limites vibratórios e cabe-nos entregar a forma exterior ao meio que nos recebe, a fim de sermos realmente úteis aos que nos propomos auxiliar. Finda a nossa transformação transitória, seremos vistos por qualquer dos habitantes desta região menos feliz. A oração, de agora em diante, deve ser nosso único fio de comunicação com o Alto, até que eu possa verificar, quando na Crosta, qual o minuto mais adequado de nosso retorno aos dons luminescentes. Não estamos em cavernas infernais, mas atingimos grande império de inteligências perversas e atrasadas, anexas aos círculos da Crosta, onde os homens terrestres lhes sofrem permanentemente influência. Chegou para

nós o momento de pequeno testemunho. Muita capacidade de renúncia e indispensável, a fim de alcançarmos nossos fins. Podemos perder por falta de paciência ou por escassez de vocação para o sacrifício. Para a malta de irmãos retardados que nos envolverá, seremos simples desencarnados, ignorantes do próprio destino.

Passamos a inalar as substâncias espessas que pairavam em derredor, como se o ar fosse constituído de fluidos viscosos.

Elói estirou-se, ofegante, e não obstante experimentar, por minha vez, asfixiante opressão, busquei padronizar atitudes pela conduta do Instrutor, que tolerava a metamorfose, silencioso e palidíssimo.

Reparei, confundido, que a voluntária integração com os elementos inferiores do plano nos desfigurava enormemente. Pouco a pouco, sentimo-nos pesados e tive a idéia de que fora, de improviso, religado, de novo, ao corpo de carne, porque, embora me sentisse dono da própria individualidade, me via revestido de matéria densa, como se fosse obrigado a envergar inesperada armadura. [...]

[...] O perispírito, para a mente, é uma cápsula mais delicada, mais suscetível de refletir-lhe a glória ou a viciação, em virtude dos tecidos rarefeitos de que se constitui. Em razão disso, as almas decaídas, num impulso de revolta contra os deveres que nos competem a cada um, nos serviços de sublimação, aliam-se umas às outras através de organizações em que exteriorizam, tanto quanto possível, os lamentáveis pendores que lhes são peculiares, não obstante ferreadas pelo aguilhão das inteligências vigorosas e cruéis. [...]

[...] Nossa atividade mental nos marca o perispírito. Podemos reconhecer a propriedade do asserto, quando ainda no mundo, O glutão começa a adquirir aspecto deprimente no corpo em que habita. Os viciados no abuso do álcool passam a viver de borco, arrojados ao solo, à maneira de grandes vermes. A mulher que se habituou a mercadejar com o vaso físico, olvidando as sagradas finalidades da vida, apresenta máscara triste, sem sair da carne. Aqui, porém, André, o fogo devorador das paixões aviltantes revela suas vítimas com mais hedionda crueldade. [...]

V Operações seletivas

[...] O perispírito de todos os que aí se enclausuravam, pacientes e expectadores, mostrava a mesma capacidade do corpo físico. Os estigmas da velhice, da moléstia e do desencanto, que perseguem a experiência humana, ali triunfavam, perfeitos... [...]

[...] - A sentença foi lavrada por si mesma! não passa de uma loba, de uma loba, de uma loba...

À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto.

Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispíritico.

Em voz baixa, procurei recolher o ensinamento de Gúbio, que me esclareceu num cicio:

- O remorso é uma benção, sem dúvida, por levar-nos à corrigenda, mas também é uma brecha, através do qual o credor se insinua, cobrando pagamento. A dureza coagula-nos a sensibilidade durante certo tempo; todavia, sempre chega um minuto em que o remorso nos descerra a vida mental aos choques de retorno das nossas próprias emissões.

E acentuando, de modo singular, a voz quase imperceptível, acrescentou:

- Temos aqui a gênese dos fenômenos de licantropia, inextricáveis, ainda, para a investigação dos médicos encarnados. Lembra-te de Nabucodonosor, o rei poderoso, a que se refere a Bíblia? Conta-nos o Livro Sagrado que ele viveu, sentindo-se animal, durante sete anos. O hipnotismo é tão velho quanto o mundo e é recurso por empregado pelos bons e pelos maus, tomando-se por base, acima de tudo, os elementos plásticos do perispírito.

Notando, porém, que a mulher infeliz prosseguia guardando estranhos caracteres no semblante perguntei:

- Esta irmã infortunada permanecerá doravante em tal aviltamento da forma?

Finda longa pausa, o Instrutor informou, com tristeza:

- Ela não passaria por esta humilhação se não a merecesse. Além disso, se adaptou às energias positivas do juiz cruel, em cujas mãos veio a cair, pode também esforçar-se à influência de benfeitores que nunca

escasseiam na senda redentora. Tudo, André, em casos como este, se resume a problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida. [...]

VI Observações e novidades

[...] De outras vezes, raras aliás, tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual ¹, conquistando planos mais altos. A esses missionários, distinguidos por elevados títulos na vida superior, não me foi possível seguir de perto.

Gúbio sorriu e considerou:

- Sabes, assim, que o vaso perispirítico é também transformável e perecível embora estruturado em tipo de matéria mais rarefeita.

- Sim... - acrescentei, reticencioso, em minha sede de saber.

- Viste companheiros - prosseguiu o orientador -, que se desfizerem dele, rumo a esferas sublimes, cuja grandeza por enquanto não nos é dado sondar, e observaste irmãos que se submeteram a operações redutivas e desintegradoras dos elementos perispiríticos para renascerem na carne terrestre. Os primeiros são servidores enobrecidos e gloriosos, no dever bem cumprido, enquanto que os segundos são colegas nossos, que já merecem a reencarnação trabalhada por valores intercessores, mas, tanto quanto ocorre aos companheiros respeitáveis desses dois tipos, os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual. Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que por muitos anos elegeram em centro de interesses fundamentais. Grande número, nessas circunstâncias, mormente os participantes de condenáveis delitos, imantam-se aos que se lhes associaram nos crimes. Se o discípulo de Jesus se mantém ligado a Ele, através de imponderáveis fios de amor, inspiração e reconhecimento, os pupilos do ódio e da perversidade se demoram unidos, sob a orientação das inteligências que os entrelaçam na rede do mal. Enriquecer a mente de conhecimentos novos, aperfeiçoar-lhe as faculdades de expressão, purificá-la nas correntes iluminativas do bem e engrandecê-la com a incorporação definitiva de princípios nobres é desenvolver nosso corpo glorioso, na expressão do apóstolo Paulo, estruturando-o em matéria sublimada e divina. Essa matéria, André, é o tipo de veículo a que aspiramos, ao nos referirmos à vida que nos é superior. Estamos ainda presos às aglutinações celulares dos elementos físico-perispiríticos, tanto quanto a tartaruga permanece algemada à carapaça. Imergimo-nos dentro dos fluidos carnis e deles nos libertamos, em vicioso vaivém, através de existências numerosas, até que acordemos a vida mental para expressões santificadoras. Somos quais arbustos do solo planetário. Nossas raízes emocionais se mergulham mais ou menos profundamente nos círculos da animalidade primitiva. Vem a foice da morte e sega-nos os ramos dos desejos terrenos; todavia, nossos vínculos guardam extrema vitalidade nas camadas inferiores e renascemos entre aqueles mesmos que se converteram em nossos associados de longas eras, através de lutas vividas em comum, e aos quais nos agrilhoamos pela comunhão de interesses da linha evolutiva em que nos encontramos.

As elucidações eram belas e novas aos meus ouvidos, e, em razão disso, calei as interrogações que me vagueavam no íntimo, para atenciosamente registrar as considerações do Instrutor, que prosseguiu:

- A vida física é puro estágio, educativo, dentro da eternidade, e a ela ninguém é chamado a fim de candidatar-se a paraísos de favor e, sim, à moldagem viva do céu no santuário do Espírito, pelo máximo aproveitamento de nossos valores mentais, com o desabrochar e envolver das sementes divinas que trazemos conosco. O trabalho incessante para o bem, a elevação de motivos na experiência transitória, a disciplina dos impulsos pessoais, com amplo curso às manifestações mais nobres do sentimento, o esforço perseverante no infinito bem, constituem as vias de crescimento mental, com aquisição de luz para a vida imperecível. Cada criatura nasce na Crosta da Terra para enriquecer-se através do serviço à coletividade. Sacrificar-se é superar-se, conquistando a vida maior. Por isto mesmo, o Cristo asseverou que o maior no Reino Celeste é aquele que se converte em servo de todos. Um homem poderá ser temido e respeitado no Planeta pelos títulos que adquiriu à convenção humana, mas se não progrediu no domínio das idéias, melhorando-se e aperfeiçoando-se, guarda consigo mente estreita e enfermiga. Em suma, ir à matéria física e dela regressar ao campo de trabalho em que nos achamos presentemente, é submetermo-nos a profundos choques biológicos, destinados à expansão dos elementos divinos que nos integrarão, um dia, a forma gloriosa.

E porque me visse na atitude do aprendiz que interroga em silêncio, Gúbio asseverou:

- Para fazer-me mais claro, voltemos ao símbolo da árvore. O vaso físico é o vegetal, limitado no espaço e no tempo, o corpo perispirítico é o fruto que consubstancia o resultado das variadas operações da árvore, depois de certo período de maturação, e a matéria mental é a semente que representa o substrato da árvore e do fruto, condensando-lhes as experiências. A criatura para adquirir sabedoria e amor renasce inúmeras vezes, no campo fisiológico, à maneira da semente que regressa ao chão. E quantos se complicam, deliberadamente, afastando-se do caminho reto na direção de zonas irregulares em que recolhem experimentos doentios, atrasam, como é natural, a própria marcha, perdendo longo tempo para se afastarem do terreno resvaladiço a que se relegaram, ligados a grupos infelizes de companheiros que, em companhia deles, se extraviaram através de graves compromissos com a leviandade ou com o desequilíbrio. Compreendeste, agora?

Apesar da gentileza do orientador, que fazia o possível por clarear o seu pensamento, ousei indagar:

- E se consultarmos esse esferóides vivos? ouvir-nos-ão? possuem capacidade de sintonia?

Gúbio atendeu, solícito:

- Perfeitamente, compreendendo-se, porém, que a maioria das criaturas, em semelhante posição nos sítios inferiores quanto este, dormitam em estranhos pesadelos. Registram-nos os apelos, mas respondem-nos, de modo vago, dentro da nova forma em que se segregam, incapazes que são, provisoriamente, de se exteriorizarem de maneira completa, sem os veículos mais densos que perderam, com agravo de responsabilidade, na inércia ou na prática do mal. Em verdade, agora se categorizam em conta de fetos ou amebas mentais, mobilizáveis, contudo, por entidades perversas ou rebeladas. O caminho de semelhantes companheiros é a reencarnação na Crosta da Terra ou em setores outros de vida congênere, qual ocorre à semente destinada à cova escura para trabalhos de produção, seleção e aprimoramento. Claro que os Espíritos em evolução natural não assinalam fenômenos dolorosos em qualquer período de transição, como o que examinamos. A ovelha que prossegue, firme, na senda justa, contará sempre os benefícios decorrentes das diretrizes do pastor; no entanto, as que se desviam, fugindo à jornada razoável, pelo simples gosto de se entregarem à aventura, nem sempre encontrarão surpresas agradáveis ou construtivas. [...]

X

Em aprendizado

[...] Nesse ínterim, a pequena família se reuniu, ao redor da mesa posta, e a segunda esposa do médico me impressionou pelo apuro da apresentação. A pintura do rosto, sem dúvida, era admirável. O traje elegante e sóbrio, as jóias discretas e o penteado harmonioso realçavam-lhe a profundez do olhar, mas rodeava-se ela de substância fluídica deprimente. Halo plúmbeo denunciava-lhe a posição de inferioridade. Socialmente, aquela dama devia ser das de mais fino trato; contudo, terminado o repasto, deixou positivamente evidenciada sua deplorável condição psíquica. Depois de uma discussão menos feliz com o marido, a jovem mulher procurou o sono da sesta, num divã largo e macio.

Intencionalmente, Maurício convidou-me a espreitar-lhe o repouso e, com enorme surpresa, aturdido mesmo, não lhe vi os mesmo traços fisionômicos na organização perispiritual que abandonava a estrutura carnal, entregue ao descanso. Alguma semelhança era de notar-se, mas, afinal de contas, a senhora tornara-se irreconhecível. Estampava no semblante os sinais das bruxas dos velhos contos infantis. A boca, os olhos, o nariz e os ouvidos revelavam algo de monstruoso.

A própria esposa desencarnada, ali presente em clamorosa revolta, não se animou a enfrentá-la. Recuou semi-apavorada, tentando ocultar-se junto do filho.

Lembrei-me, então, do livro em que Oscar Wilde nos conta a história do retrato de Dorian Gray, que adquiria horrenda expressão à medida que o dono se alterava, intimamente, na prática do mal e, endereçando a Maurício olhar indagador, dele recebi sensata elucidação:

- Sim, meu amigo - disse, tolerante -, a imaginação de Wilde não fantasiou. O homem e a mulher, com os seus pensamentos, atitudes, palavras e atos criam, no íntimo, a verdadeira forma espiritual a que se acolhem. Cada crime, cada queda, deixam aleijões e sulcos horrendos no campo da alma, tanto quanto cada ação generosa e cada pensamento superior acrescentam beleza e perfeição à forma perispirítica, dentro da qual a individualidade real se manifesta, mormente depois da morte do corpo denso. Há criaturas belas e admiráveis

na carne e que, no fundo, são verdadeiros monstros mentais, do mesmo modo que há corpos torturados e detestados, no mundo, escondendo Espíritos angélicos, de celestial formosura. [...]

MAGNETISMO ESPIRITUAL

Michaelus

CAPÍTULO V

“O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale.”

(Kardec - *O Livro dos Espíritos*, - Nota à Resp. 662.)

Já vimos que quanto mais forte for a nossa vontade e quanto mais positiva for a nossa confiança, tanto mais eficientes serão os efeitos da magnetização. Afirmamos, por igual, que tanto mais nos elevarmos espiritualmente, tanto maior será o poder de nossa irradiação.

O perispírito, que é o órgão transmissor do pensamento e da vontade da alma, recebe, logicamente, a influência da elevação espiritual em que aquele se encontrar. Os mais evoluídos terão necessidade de órgãos mais perfeitos para a transmissão de sua vontade e do seu pensamento. À medida, pois, que ascendemos na imensa escala evolutiva da espiritualidade, o nosso perispírito, como órgão intermediário entre a alma e o corpo, vai paulatinamente se aperfeiçoando.

Ainda aqui nos socorremos do substancioso trabalho mediúnic de Francisco Cândido Xavier⁴⁵, transcrevendo este trecho elucidativo: “Nos lobos frontais, exteriorização fisiológica de centros perispíricos importantes, repousam milhões de células, à espera, para funcionar, do esforço humano no setor da espiritualização. Nenhum homem, dentre os mais arrojados pensadores da Humanidade, desde o pretérito até os nossos dias, logrou jamais utilizá-las na décima parte. São forças de um campo virgem, que a alma conquistará, não somente em continuidade evolutiva, senão também a golpes de auto-educação, de aprimoramento moral e de elevação sublime; tal serviço só a fé vigorosa e reveladora pode encetar, como indispensável lâmpada vanguardeira do progresso individual.”

Não seria arrojado afirmar: alma mais envolvida equivale a pensamento mais elevado, perispírito mais delicado, fluido mais puro e corpo físico mais sadio.

Tudo, pois, está intimamente entrosado dentro da sabedoria divina.

O perispírito, portanto, como transmissor do fluido magnético, forma entre os agentes da ação.

Bezerra de Menezes⁴⁶ dá-nos uma idéia sobre o fenômeno físico da ação e reação do espírito sobre o corpo e vice-versa, mediante o perispírito. Este recebe, pelo sistema nervoso sensitivo, todas as impressões do corpo, e, como um espelho, reflete-as. O espírito toma, por tal arte, conhecimento delas e imprime no perispírito suas volições, que são transmitidas ao corpo, mediante o concurso dos nervos motores. O cérebro, de onde decorrem os dois sistemas de nervos, é a grande pilha que segrega o fluido nervoso de que os fios de cada sistema são simples canais condutores, e é por isso que o cérebro é constituído de duas substâncias, brancas e cinzenta, das quais uma segrega o fluido sensível e a outra o motor. Assim, por exemplo, se um mosquito nos picar, a impressão é levada ao cérebro pelos nervos sensíveis ou do sentimento, e ali gravada no perispírito, que é ligado a todas as moléculas do corpo, e, no perispírito, a alma toma dela conhecimento e

⁴⁵ *Francisco Cândido Xavier* - “No Mundo Maior”, pelo Espírito de André Luiz, pág. 131.

⁴⁶ *A Loucura sob novo prisma*, pág. 108.

sente a dor, e, sentindo-a, procura remover a causa. Esta resolução traduz-se em movimento imposto ao corpo pelo espírito, mediante o perispírito, que a transmite ao cérebro, o qual, sempre pela força da vontade anímica, põe em ação os nervos motores, necessários à ação de mover, suponhamos, o braço, para matar ou afugentar o mosquito. O perispírito, portanto, é quem transmite à alma as impressões do corpo, concentradas no cérebro, e é quem transmite ao corpo as volições da alma, pela impulsão dada ao cérebro, como centro do sistema nervoso. O corpo é simples meio de pôr a alma em relação com o mundo externo, ligando-se-lhe pelo espírito.

Vê-se, assim, que a ação magnética que o espírito (alma) do magnetizador imprime no seu perispírito vai influenciar o perispírito de quem recebe a ação.

Vale dizer que a transfusão do fluido nervoso se opera de perispírito a perispírito. E, em se chegando a essa conclusão, mais seguramente se compreenderá a natureza espiritual da ação magnética e as íntimas relações entre o Espiritismo e o Magnetismo. É por esses motivos que consideramos o magnetismo como meio, como processo, e não como ciência especializada.

O fluido magnético, vital ou fluido nervoso no entender de alguns, que emana do corpo dos magnetizadores, e que tem sido o motivo principal das críticas da ciência materialista, é uma transformação ou modificação do fluido universal, que, por sua vez, sai do “todo universal”, ou seja - do conjunto dos fluidos existentes no espaço.

“O fluido universal, que toca de perto a Deus e dele parte, diz Roustaing⁴⁷, constitui, pelas suas quinta-essências e mediante as combinações, modificações e transformações de que é possível o instrumento e o meio de que se serve a Inteligência Suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluídicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da Natureza, de tudo que se move, vive, é: O apóstolo Paulo sentia a potência criadora do Senhor, quando dizia: “Tudo é dele, tudo é por ele, tudo é nele; **ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia.**” (Atos dos Apóstolos, cap. XVII, v. 18.) - “É nele que temos a vida, o movimento e o ser: **in ipso vivimus et movemur et sumus.**” (Epíst. Aos Romanos, cap. II, v. 36.)

Existirá mesmo o fluido? Como se poderá provar a sua existência? Mera ilusão, concepção gratuita e arbitraria, afirmam sectaristas de todos os matizes de cambalhota com os materialistas, pois nem sequer a Bíblia a ele se refere... E houve mesmo certo autor que, no afã de destruir mais essa “mistificação”⁴⁸, alterou conceitos fundamentais, ou, força vital, fluido humano” e outros supostos sinônimos, que apenas revelam profunda e absoluta ignorância da própria doutrina que criticam.

Entretanto, aceitando, como aceitam a concepção adâmica da raça humana, tal como se encontra na Bíblia - “**Formavit Deus hominem de limo terrae et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae**” - deviam pelo menos desconfiar que o sopro da formação do homem teria sido a emanção do fluido magnético, do fluido universal, que tão intransigente e confusamente negam.

Pelos métodos da ciência positiva e, portanto, pela experimentação, pela observação, pela análise, pelo raciocínio lógico, deduzirão os cépticos a sua conclusão. Desejam real e sinceramente a prova? Então, porque não experimentam, porque não observam? São falhas, gratuitas, desonestas as demonstrações que fazemos, a ponto de nos truncarem as palavras e os conceitos fundamentais? Há, então, uma só alternativa: a demonstração contrária ou o silêncio.

Os casos de telepatia e de transmissão de pensamento, não podem, sem escândalo, ser negados, bastariam por si só para demonstrar a existência de um fluido humano, qualquer que seja a denominação que lhe queiram dar os mais sábios.

Com efeito, observa Bertholet⁴⁹, para que possa ocorrer a comunicação telepática entre dois cérebros é necessário que exista entre eles um veículo que se propague de um para o outro como onda nervosa ou fluídica. Assim como é impossível conceber a existência da telegrafia sem fio sem as ondas elétricas, que atravessam o espaço e influenciam os aparelhos receptores, assim também não se pode conceber o fenômeno da telepatia sem a existência de um gente fluídico.

⁴⁷ J. B. Roustaing - “Os Quatros Evangelhos”

⁴⁸ Padre Angelo Rossi - “A Ilusão Espírita”, Biblioteca Apologética, vol. VI, pág. 47.

⁴⁹ Dr. Ed. Bertholet - “Le Fluide des Magnétiseurs.”

Os experimentadores são unânimes em afirmar⁵⁰ que os sonâmbulos que só vêem o fluido, que se escapa dos dedos dos magnetizadores, como também atestam a sua maior ou menor intensidade e a sua qualidade pela cor mais ou menos brilhante. A força magnética do operador pode ser igualmente indicada por eles.

Lafontaine⁵¹ apresentou a um sonâmbulo um copo d'água magnetizada por diversos dos seus discípulos e o paciente descreveu tantas camadas de fluidos quantos eram os magnetizadores, distinguindo uns dos outros.

Mas, em se tratando de assunto de tamanha magnitude, não há como invocar em nosso auxílio Kardec, transcrevendo esta brilhante e decisiva lição⁵²:

“A telegrafia humana! Aí está uma coisa de molde certamente a provocar o riso dos que se negam a admitir o que não caia sob os sentidos materiais. Mas, que importam as zombarias dos presunçosos? As suas negações, por mais que eles as multipliquem, não obstarão a que as leis naturais sigam seu curso, nem a que se encontrem novas aplicações dessas leis, à medida que a inteligência humana se ache em estado de lhes experimentar os efeitos. Se se pudesse suspeitar do imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria assombrado! Sentir-se-ia aniquilado diante dessa infinidade de detalhes, diante dessas inúmeras redes ligadas entre si por uma potente vontade e atuando harmonicamente para alcançar um único objetivo: o progresso universal. Pela telegrafia do pensamento ele apreciará em todo o seu valor a lei da solidariedade, ponderando que não há um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso, ou de outro gênero, que não tenha ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles. Se o egoísmo o levava a desconhecer as conseqüências, para outrem, de um pensamento perverso, pessoalmente seu, por esse mesmo egoísmo ele se verá induzido a ter bons pensamentos, para elevar o nível moral da generalidade das criaturas, atentando nas conseqüências que sobre si mesmo produziria um mau pensamento de outrem. Que serão, senão conseqüência da telegrafia do pensamento, esses choques misteriosos que nos advertem da alegria ou do sofrimento de um ente caro, que se acha longe de nós? Não é a um fenômeno do mesmo gênero que devemos os sentimentos de simpatia ou de repulsão que nos arrastam para certos espíritos e nos afastam de outros? Há certamente aí um campo imenso para o estudo e a observação, mas do qual ainda não podemos perceber senão as massas. O estudo dos pormenores resultará de um conhecimento mais completo das leis que regem a ação dos fluidos, uns sobre os outros.”

Em verdade, aí reside a nossa imensa ignorância, isto é, no conhecimento das leis que regem a ação dos fluidos, as suas modificações e as suas combinações - eis o infinito campo por desbravar e que até aqui vem zombando da nossa limitada capacidade de entendimento e compreensão. Não se trata, portanto, de demonstrar a existência do fluido, coisa que a observação e a experiência hão comprovado, mas sim de penetrar nos domínios dessa nova química industrial, com a qual o misonéismo se aprova.

Repetimos que a observação e a experiência são suficientes para demonstrar a existência do fluido, qualquer que seja a denominação que se lhe queira dar - magnético, nervoso, elétrico, vital, nêurico etc.

Propositadamente, não nos referiremos aqui aos aparelhos inventados para o registro e medida do fluido magnético, como o magnetômetro de Joire, e a pêndula magnética de M. Gerbouin como, por igual, não mencionaremos as eletrografias, as efluviografias (imagem do fluido que se obtém pela colocação das mãos do magnetizador sobre uma chapa fotográfica, que a seco, quer em banho revelador) e nem tão-pouco às experiências de Mondeil⁵³, que conseguiu obter a iluminação de lâmpadas comuns pelo contacto e fricção das mãos. Essas e outras invenções são sempre objeto de infundáveis controvérsias, ao passo que a experimentação pessoal conduz, do mesmo modo, à certeza, com a vantagem das informações que nos dão os sensitivos pela visão direta do fluido⁵⁴. Os aparelhos poderão trazer-nos a certeza. Mas, sob pretexto, como tem acontecido, de combater e apontar as falhas desses instrumentos, combateriam a idéia em si mesma, isto é, negariam a existência do fluido.

⁵⁰ Vide: *Du Potet* - “Traité Complet de Magnétisme Animal”; *Deuleuze* - “Magnétisme Animal”; *A. Gauthier* - “Traité Pratique du Magnétisme et du Somnambulisme”.

⁵¹ *Ch. Lafontaine* - “L'Art de Magnétiser”.

⁵² *Allan Kardec* - “Obras Póstumas”.

⁵³ *G. Mondeil* - “Le Fluide humain devant la Physique révélatrice et la Métapsychique objective”.

⁵⁴ *Célestin Saint-Jean* - “Guide du Magnétiseur Spirite”.

MEDIUNIDADE

José Herculano Pires

Capítulo IV ENERGIA MEDIÚNICA

Os cientistas soviéticos, fascinados pelo sucesso de suas pesquisas e alheios aos problemas ideológicos, constataram oficialmente, na famosa Universidade de Kirov, que o homem possui um corpo energético que responde pela vitalidade e as funções do corpo carnal. Verificaram que, nos casos de movimentação e levitação de objetos sem contato, esse corpo energético expande correntes de energia que impregnam os objetos a serem movidos à distância do médium. São essas energias, carregadas de matéria orgânica, que Richet chamou de ectoplasma, e que o Prof. Crawford, da Universidade de Belfast, catedrático de mecânica de expansão e ação, descobriu objetivamente o funcionamento de *alavancas de ectoplasma* na produção dos fenômenos. Como se vê, a mediunidade é um processo de relação-indutiva, em que entram em jogo energias psicofísicas e energias espirituais. Na Parapsicologia isso ficou provado através de numerosas pesquisas. O prof. Rhine diferenciou os dois tipos de energias ao classificar o pensamento como extrafísico. As energias mentais são de natureza espiritual e provocam reações materiais no cérebro. As energias espirituais, que Rhine chamou de extrafísica, não estão sujeitas às leis físicas. Não sofrem a ação da gravidade, não se desgastam na sua projeção a qualquer distância e não são interceptadas por nenhuma espécie de barreiras físicas. Experiências em contrário, realizadas na URSS por Vassiliev, com o fim de demonstrar que não passavam de um novo tipo de energias físicas, fracassaram por completo. Dessa maneira, a tese espírita da existência de energias espirituais típicas ficou também comprovada cientificamente. Continuam, é natural, os debates teóricos a respeito, mas o que importa na Ciência não são as opiniões e sim os fatos. E os fatos, como sempre, continuam fiéis à Doutrina Espírita. A mediunidade dispõe desses tipos de energia, mas não é, em si mesma, nenhuma delas. Não há uma energia mediúnica específica, mas apenas a ação controladora da mente sobre a matéria. Esta ação é a mesma que deu origem ao mundo e a toda a realidade, quando o espírito (no caso o princípio inteligente) aglutinou as partículas de matéria e deu-lhes estruturas múltiplas. A relação espírito-matéria é uma constante universal que se evidencia particularmente nos fenômenos vitais: no vegetal, no animal e no homem. Mas o ato mediúnico é o ponto de concentração em que as suas leis se revelam com a devida clareza aos pesquisadores. É natural que os cientistas alheios aos problemas espíritas encontrem dificuldades em aceitar essa tese. Além disso, como observou o Prof. Remy Chauvein, do Instituto de Altos Estudos de Paris, existe no meio científico um caso alarmante de alergia ao futuro.

MENSAGEM FINAL

Luiz Pessoa Guimarães

A reunião de todos estes textos em um único fascículo, facilita sobremaneira o estudo deste assunto tão importante, base para toda a fenomenologia espírita. Esperamos que o assunto possa ser melhor estudado e difundido no meio espírita.

Vade Mecum Espírita